



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - UAHG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

Janaína dos Santos Maia

“Mulher à moda da casa”
O “modelo” de conduta feminina no Brasil do ano de 1930 através da
Revista Fon Fon

Campina Grande – PB

2016

Janaína dos Santos Maia

**“Mulher à moda da casa”
O “modelo” de conduta feminina no Brasil do ano de 1930 através da
Revista Fon Fon**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, na linha de pesquisa: Cultura, Poder e Identidades, sob a orientação acadêmica da Prof^o(a). Dr.Regina Coelli Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Regina Coelli Nascimento

(PPGH/UFCG)

Orientador

Prof. Dr. Prof. Antônio de Pádua Dias da Silva (UEPB)

Examinador Externo

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (PPGH/UFCG)

Examinador Interno

Campina Grande – PB

2016

Nem tudo que escrevo resulta numa realização, resulta numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem em tudo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos.

Clarice Lispector (De escrita e vida)

Agradecimentos

Agradeço a Deus, tendo em vista que foi o nome mais citado durante o processo de pesquisa e escrita.

Aos meus pais, por mesmo não entendendo muito bem o que viria a ser uma pós-graduação, me deram todo o apoio, e confiaram que eu estaria tomando a melhor decisão.

A orientadora e amiga de longa data, Regina Coelli do Nascimento, pela amizade e sensibilidade em suas orientações.

A banca examinadora, composta pelos professores, Antônio Pádua e Iranilson Buriti, pela leitura e ajuda, a qual proporcionou o melhor aprimoramento do meu trabalho.

A minha turma do mestrado, por ter feito do aprendizado na pós-graduação um processo prazeroso e bem mais produtivo.

Aos amigos, que sempre tinham o cuidado de perguntar “E aí? Como anda a dissertação?”.

E acima de tudo, a vida, por a cada etapa me mostrar que a coragem para evoluir e seguir em busca de um sonho maior, deve ser semeada durante todos os dias em que a mesma acontece.

Resumo

A dissertação apresentada teve como objetivo fazer um estudo discursivo acerca do modelo de conduta feminino divulgado pela revista *Fon Fon* no ano de 1930. Estando este periódico situado dentre um dos principais veículos de comunicação no período por nós estudado, pelo fato de manter seus leitores atualizados a respeito dos novos aspectos sociais que se faziam presentes graças à modernização de algumas áreas centrais do Brasil, em especial a cidade do Rio de Janeiro, vemos este como um relevante emissor discursivo sobre este novo momento histórico em que se evidenciava uma série de mudanças na mentalidade e no comportamento dos indivíduos daquela época. Em meio a estas mudanças notam-se algumas alterações no papel assumido pelas mulheres na sociedade brasileira, no momento em que elas passam a ser figura constante no espaço público, antes tido como um reduto de ocupação do masculino. Desse modo, sendo a *Fon Fon* um dos responsáveis por evidenciar, através de suas páginas, as modificações sinalizadas pelo moderno naquele ambiente social, analisamos neste trabalho as maneiras como esta revista utilizou-se de seu aparato e influência discursiva para falar sobre novos perfis femininos emergentes, contribuindo desta forma para a construção de uma discussão a respeito das relações de gênero no Brasil no início do século XX.

Palavras-chaves: *Fon Fon. Discurso. Modernidade. Feminino.*

Abstract

The dissertation presented aimed to make a discursive study of the feminine behavior model released by Fon Fon magazine in 1930. Being the journal situated among one of the main vehicles of communication in the period under study, because update your readers about the new social aspects that were present thanks to the modernization of some central areas of Brazil, especially the city of Rio de Janeiro, we see this as a relevant discourse issuer on this new historical moment in which they showed a series of changes in mentality and behavior of individuals at the time. Amid these changes are noted some changes in the role played by women in Brazilian society, when they become constant figure in the public space before considered a male occupation stronghold. Thus, the Fon Fon being one of those responsible for highlighting, through its pages, the changes signaled by the modern that social environment, we analyze in this paper the ways in which this magazine was used for its apparatus and discursive influence to talk about new female profiles emerging, thus contributing to the construction of a discussion of gender relations in Brazil in the early twentieth century.

Keywords: Fon Fon. Speech. Modernity. Female.

Lista de Imagens

Figura 1: Modelo de vitrine	Pag. 23
Figura 2: Logotipo Fon Fon	Pag. 26
Figura 3: Publicidade Mingau Quaker	Pag. 28
Figura 4: Publicidade roupas de banho Bradley	Pag. 43
Figura 5: Publicidade Gyraldose	Pag. 50
Figura 6: Publicidade Maizena	Pag. 56
Figura 7: Publicidade Helmitol	Pag. 58
Figura 8: Publicidade Creme Pollah	Pag. 64
Figura 9: Publicidade Creme Hinds	Pag. 65
Figura 10: Publicidade Calçados Guiomar	Pag. 67
Figura 11: Publicidade Toalha Sanitária Modess	Pag. 69
Figura 12: Conselhos de saúde Fon Fon	Pag. 71

Sumário

Introdução

Capítulo I:

Fon Fon: Uma História em páginas de Revista **Pag. 19**

1.1 “Queremos rir e alegrar tua boa alma carinhosa”: O nascimento de um arauto da modernidade **Pag.21**

1.2 Mulheres à (re) vista: O feminino integra o folhetim **Pag.34**

Capítulo II:

Bendita aquela de tez pura, corpo e moral limpa: A pedagogização do corpo feminino nas páginas da Fon Fon **Pag.48**

2.1 Sabão para o Corpo, Moral para a Alma: O higienismo segundo a Fon Fon **Pag.50**

2.2 “Beleza ao pôr a mesa”: O corpo feminino em padrão de revista **Pag.63**

Capítulo III:

Devolva a costela por nós doada: A Fon Fon atua contra o lado “obscuro” da modernidade. **Pag.75**

3.1 Não é certo a mulher querer se igualar ao homem!
O feminismo como ameaça social. **Pag.77**

3.2 E eis que Eva se renova: A modernidade como um risco para a “honra” feminina. **Pag. 91**

Considerações Finais

Referências

Introdução

Nós brasileiros temos o garbo de afirmar que a nossa capital, além de ser uma das cidades mais bellas do mundo, situada à beira de uma das mais maravilhosas bahias que existem, é também uma das mais brilhantes e asseidadas. Não há nessas afirmações grandes exaggeros nem grandes doses de bairrismo. Há inumeras cidades-capitales da Europa e mesmo das Americas que não poderão ser comparadas à do Rio de Janeiro sem que soffram com a analyse. (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº 9, 1 de Março de 1930, *A Cidade assejada*, Pag. 24).

No dia primeiro de março do ano de 1930, data que marca a comemoração do aniversário da cidade do Rio de Janeiro, a *Fon Fon* estampa em uma de suas páginas esta felicitação, objetivando mostrar o contentamento de “todos os brasileiros” em ter “a cidade assejada” como capital deste país. Através desta homenagem, vemos que tal orgulho se baseia sobremaneira na beleza do lugar, o qual se mostra, segundo comentários desta publicação, *como uma das cidades mais bellas do mundo*, dotada de brilhantismo sem igual, capaz de por qualquer localidade europeia – considerada como um padrão a ser seguido – em desvantagem.

Graças ao engenheiro Pereira Passos, o Rio Janeiro teve uma nova configuração espacial, na qual se incluíam novas avenidas, a exemplo da Avenida Central, conjuntamente ao alargamento das outras já existentes, como a do Rio Branco, objetivando atender ao trânsito de automóveis que agora se fazia presente. A reforma do porto também foi uma prioridade entre estas reformulações, já que passou a ser notável o crescimento do número de turistas chegando através dos transportes marítimos para conhecer a cidade, além da construção de uma série de palacetes e praças nas áreas centrais daquela localidade, as quais eram inspiradas nos bulevares presentes na capital francesa, Paris.

Assim sendo, compreendemos que a veneração ao que se tornou o Rio de Janeiro parte de tais mudanças evidenciadas neste espaço no período de publicação desta matéria, pois um dos principais cartões postais do lugar, o Cristo Redentor¹, já estava sendo delineado com o objetivo de abrir os seus braços para um território de face renovada. As baías referenciadas não eram, graças à difusão de uma série de

¹ A construção de um dos principais cartões postais da cidade do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor, iniciou-se no ano de 1922, sendo concluído no ano de 1931, mais especificamente no dia 12 de Outubro, data que marca o aniversário de sua inauguração. Ver em: <http://www.cristo80anos.com/historia.html> acesso em: 25 de Março de 2016.

conselhos médicos, utilizadas como depósitos de lixos e detritos humanos, e as praias, a exemplo da Barra da Tijuca e a de Copacabana, agora se configuravam em um cenário propício para se contemplar as belezas do espaço, que também contava com os recém instalados bondinhos do Pão de Açúcar, os quais cediam uma vista panorâmica da capital.

O acesso a serviços básicos como a energia elétrica, redes de água e esgoto, e os meios de transporte como os trens e os carros e bondes, tornaram mais forte o sentimento de orgulho pelas transformações evidenciadas no Rio de Janeiro, em razão deste espaço agora poder ser admirado não só por sua beleza natural, mas também por oferecer melhores serviços públicos.

A cidade que antes era dotada de uma natureza ruralista em razão de sua economia, até os fins do século XIX, baseada no comércio agroexportador, passa a ganhar uma aparência modernizada em decorrência de uma nova fase econômica no país, na qual o desenvolvimento técnico industrial é considerado como o principal passaporte para se levar o Brasil aos tempos modernos². O clima da chegada de uma nova república que derrubaria o regime político da república velha³, também tivera, neste contexto, sua contribuição para a formação daquele ambiente que a cada momento incorporava os reflexos de uma nova configuração política, econômica e social (NAHES, 2007) que, mais à frente, após a revolução de 30, seria evidenciado através da implantação de um novo projeto de desenvolvimento nacional com bases na industrialização pensado para o Brasil objetivando modernizar a economia do país.

Desta maneira, em meio a esta atmosfera de renovação e orgulho, era essencial que o momento áureo evidenciado na mais bela cidade brasileira fosse noticiado e eternizado através de materiais, como tintas e papéis, os quais, ao serem manuseados por profissionais requisitados a exercerem o nobre ofício das letras, mostrariam àqueles que tivessem o privilégio de ler, as alterações operadas pela

² No ano de 1930 o Brasil contava com uma população de 37 milhões de habitantes, e destes 42,6 % integravam o município da cidade do Rio de Janeiro (DADOS IBGE: Disponível em <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD79>. Acesso em: 01 de Outubro de 2015).

³ O período que vai de 1889 a 1930 é conhecido como a República Velha. Este período da História do Brasil é marcado pelo domínio político das elites agrárias mineiras, paulistas e cariocas que no ano de 1930 foi substituído pelo domínio do governo provisório liderado pelo então candidato a presidência Getúlio Vargas. Ver: CURRAN, Mark; *História do Brasil em cordel*, 2ed, Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

modernização na capital. Desse modo, o espaço conquistado pelos meios de comunicação impressos assumem papel de relevância nesta conjuntura, a partir da circulação de uma série de periódicos semanais com diagramação semelhante aos que circulavam nos centros europeus, tendo destaque entre estes a Revista *Fon Fon*.

A Revista *Fon Fon*, periódico semanal que circulou por todo o Brasil entre os anos de 1907 a 1958, destinava-se ao público geral, em especial ao feminino, por trazer em suas edições as últimas novidades sobre moda, cinema e arte, dando enfoque também aos acontecimentos sociais e políticos do Brasil, principalmente, aos do Rio de Janeiro. A revista tinha o seu título constituído por uma onomatopéia, a qual representava o som emitido pela buzina de carros, simbolizando o que havia de mais moderno no Brasil da época. Fundada pelos jornalistas Mário Pederneiras, Gonzaga Duque e Lima Campos, a *Fon Fon* tinha como principal intenção ser leve e versátil, ao tratar dos aspectos sociais de uma forma bem humorada e de fácil entendimento.

Sendo esta considerada como um dos principais agentes informativos das mudanças evidenciadas, tanto nos espaços modernizados, quanto no novo comportamento da população brasileira – neste caso, os que pertenciam ao grupo da elite carioca – este periódico mostrou, com o passar do tempo, interesse em conservar o seu aspecto informativo, ao trazer em suas páginas o que era considerado como mais atual (moda, etiqueta e lazer), adequando-se de acordo com o contexto histórico em que estava inserida e atendendo às necessidades de seu público leitor.

Em seus primeiros anos, a *Fon Fon* transitava de forma discreta, com uma edição sucinta, de 30 páginas. Os temas abordados geralmente trilhavam um viés político, e percebia-se, através de sua linguagem, a intenção de ser lida pelos homens desejosos de se informarem da situação política do lugar.

Com o passar dos anos, a revista sofre algumas alterações, aumentando os números de páginas nos exemplares – que de 30 passou a circular com 80 – e reserva um interesse especial à parcela das mulheres leitoras, as quais, em inícios do século XX, ganhou grande espaço no mercado consumidor brasileiro em razão de o Brasil, nos anos 1930, ter sido palco de uma série de mudanças culturais especialmente no que concerne à atuação do feminino no espaço público, de algumas cidades, a exemplo de São Paulo, exercendo funções antes atribuídas somente aos homens (RAGO, 1997), fazendo com estas parecessem *mulheres de outro mundo* (FON FON, nº 33, 1930, pag.78).

A partir deste momento, através dos jornais e periódicos, a história passa a nos falar de mulheres andando pelas ruas, em direção aos seus trabalhos, tendo conhecimento da realidade política de seu país e reivindicando para si o direito de votar e de ser votada. Desta maneira, *A cabeça da mulher, deixou de ser o “mundéo” de travéssas, grampos, fitas e etc.* (FON FON, nº 7, 1930, pag. 6) e acionou-se discursivamente outros lugares de concepção para o feminino, principalmente em cidades como as do Rio de Janeiro e São Paulo, localidades cujo quadro populacional tinha sido alterado no começo do século XX com a chegada de imigrantes – sofrendo alterações no âmbito dos costumes e das práticas de subjetividade e incluindo a mulher no mercado de trabalho em fins dos anos 1920 e, por sua vez, modificando as geografias e costumes, levando à construção de novos discursos.⁴

Estando a *Fon Fon* mais próxima deste segmento, e dialogando, através de suas matérias, com as mudanças assumidas pelo feminino neste período, supunha-se, pelo fato desta assumir o papel de um veículo comunicativo que se voltava para os interesses do seu público, de maioria feminina, que a mesma debateria em suas páginas a realidade social deste universo de acordo com o contexto em que o mesmo estava inserido.

No entanto, ao fazermos uma investigação do acervo publicado pela *Fon Fon* no ano de 1930, notamos que os editores não utilizavam este espaço de publicação para informar e fazer uma discussão a respeito deste momento em que no Brasil se evidenciava um processo de redefinição do espaço ocupado pelo feminino, optando, ao contrário disto, por difundir, a partir de suas páginas, um discurso que enaltecia um modelo de conduta feminino de características tradicionais.

Tendo como suporte discursivo os preceitos higienistas, encabeçado pelos profissionais da saúde e do direito, que pregavam a necessidade de se edificar uma renovação no protótipo racial brasileiro de corpo e moral higienizados, a *Fon Fon* se aproximava destes ao enraizar em seus enunciados a necessidade da mulher dos novos tempos em cuidar de sua aparência e da sua higiene, utilizando uma infinidade de produtos, os quais prometiam proporcionar variados “milagres” e também de cuidar de seus filhos, ao alimenta-los com os novos mingaus recomendado pelos médicos pediatras, ação que evidenciava a adoção de um novo estilo de vida e

⁴ Sobre as redefinições do espaço político e social no Brasil do ano de 1930, Ver: D'ARAÚJO, Maria Celina. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

alimentação, tendo por base os produtos industrializados, adquiridos em lojas e não mais feitos em casa, nos mostrando o início da adoção de uma economia com bases no capitalismo.

Vemos em alguns números desta publicação a presença de discursos enaltecedores da mulher enquanto mãe de família e defensora da saúde e da harmonia do seu lar, e também na condição de futuras esposas, recatadas e protetoras de sua moral, a qual deveria ser zelada não só pelo feminino, mas por todos aqueles que fizessem parte do seu convívio social, sendo condenado todo o comportamento feminino contrário a este, por se configurar em um padrão desviante e anti-higiênico.

Ao analisarmos a configuração discursiva presente na *Fon Fon*, a respeito do que se convencionou acreditar ser um modelo de conduta feminina ideal e higienizado, o olhar que conduz a nossa pesquisa histórica passa a questionar por quais motivos, no ano de 1930, esta revista optou por evidenciar em suas páginas um padrão de mulher higienizado e pedagogizado, marginalizando todas as ações que se mostrassem contrárias a este padrão. Que interesses estavam inseridos em meio aos discursos que eram emitidos a partir de suas páginas? Que espécie de benefícios com a incorporação destes discursos poderia trazer para a sociedade brasileira da época?

É a partir destes e de outros questionamentos que objetivamos, neste trabalho, analisar os discursos emitidos pela *Fon Fon* no ano de 1930, com o intuito de averiguarmos de quais maneiras esta publicação contribuiu para difusão de um modelo feminino higienizado no Brasil. Desta forma, ao nos debruçarmos sobre este periódico, através do estudo de seus enunciados, propagandas e publicidade, queremos problematizar como esta revista compôs um projeto civilizador e higienista brasileiro direcionado para as mulheres, especialmente, numa época em que alguns comportamentos femininos, como a submissão destas aos ditames do sexo masculino, vinham sendo contestados – por parte do movimento feminista – e esta revista insistia em manter um padrão de conduta em muito semelhante ao período colonial e início da Primeira República.

O interesse em abordar tais problemáticas, a partir desta fonte, foi incitado com a pesquisa “Imagens e Subjetividades na Escrita da História” desenvolvida no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) ⁵. Obtivemos com esta pesquisa um aprendizado

⁵ A pesquisa citada foi iniciada pelo PET no ano de 2011.

introdutório sobre as possibilidades de desenvolver um estudo histórico em meio à análise dos periódicos semanais. Consideramos o conhecimento obtido nessa pesquisa uma ferramenta importante para a problematização dos discursos ditos e emitidos sobre o feminino, no periódico pesquisado.

Para isto, fez-se necessário selecionarmos todas as publicações da Revista *Fon Fon* referentes ao ano de 1930⁶, com a intenção de analisarmos através dos contos, das crônicas, da publicidade e das sessões de opinião que faziam parte do corpo desta publicação, os *como* e *porquês* da emergência destes discursos a respeito do comportamento e da moral feminina.

Os passos investigativos partem da leitura e decomposição temática dos números da revista pesquisada em seu acervo microfilmado que se encontra disponível on-line⁷, cuja definição encontra-se em algumas partes comprometidas, pelo fato de ser uma fonte antiga e sensível à passagem do tempo. Em razão da ampla dimensão deste material, a nossa pesquisa será dedicada inicialmente aos números publicados pela *Fon Fon* no ano de 1930, pelo fato de, como foi dito anteriormente, este ter sido o período em que o Brasil foi palco de uma série de mudanças de ordem política, social e cultural.

Sobre estas alterações, ao lermos a edição da revista referente ao ano citado, tivemos o interesse em compararmos se natureza de suas publicações havia se modificado em decorrência do evento político conhecido historicamente como a “A Revolução de 30”. Embora esta tenha ocorrido oficialmente no dia vinte quatro de outubro de 1930, sabe-se que, desde a morte do candidato a vice-presidência do Brasil, João Pessoa, ocorrido em vinte e seis de julho do corrente ano, a atmosfera política do país, principalmente a que circulava no Rio de Janeiro, indicava a tentativa de um golpe.

Estando a *Fon Fon* enquadrada em um universo midiático responsável por informar os acontecimentos da sociedade e sua repercussão, nos chama a atenção a forma como esta tratou sobre este evento, pois, mesmo tendo noticiado todos os episódios citados, e dado singelas opiniões do mesmo, evidenciamos a falta de uma discussão aprofundada a respeito do momento histórico delineado. Como foi dito

⁶ Analisamos 52 números da revista uma vez que esta possui publicação semanal

⁷ No acervo on-line encontram-se todas as revistas *Fon Fon* de 1907 a 1945 em formato PDF. Ver em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm

anteriormente, este periódico em seus anos iniciais dedicou-se exclusivamente a discutir as questões políticas brasileiras, então por quais motivos este periódico preferiu se ausentar de tal discussão? Será que o fato desta ter se voltado ao entretenimento do público feminino fez seus editores pensarem na falta de interesse das mulheres em discutirem sobre política?

Dito isto, outro fator que nos motiva a estudar o processo de construção dos modelos de conduta feminina, através do periódico *Fon Fon*, parte da particularidade desta fonte, como nos aponta a historiadora Tânia Regina de Lucca (2012), ao dizer que a imprensa voltada para o entretenimento do feminino tem como seu ponto diferencial o fato de dirigir-se e se mostrar como melhor conselheiro para este público, ainda que, nem sempre tenha sido produzida por mulheres, figurando neste contexto como um tipo de produção jornalística não motivada pela necessidade de registrar o fato novidadeiro do dia anterior, matéria prima por excelência do jornalismo. Pelo contrário, a imprensa feminina orbita em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento.

O apelo comercial de revistas como a por nós analisada, consistia em sua estrutura editorial de conteúdos atraentes e diversificados, os quais poderiam proporcionar aos seus leitores momentos de entretenimento e prazer, bem conhecidos por quem folheia uma publicação colorida, com imagens bem cuidadas e que abordam questões do cotidiano, de maneira leve e interessante (LUCCA, 2012). Ao atender as necessidades do seu público, a revista acaba estabelecendo com este, uma relação de proximidade, transformando-se, mais a frente, em um elo de confiança, no qual, além das informações periodicamente emitidas, também funcionava como um dispositivo discursivo de convencimento, e mesmo imposição, apoiados em enunciados prescritivos e normativos, que ordenam *o que fazer e como fazer*.

Em se tratando da *Fon Fon*, a historiadora Fabiana Macena (2010) ao publicar sua dissertação intitulada “*Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na Revista Fon-Fon*”, sublinha o fato de esta publicação ter se assumido como um dos principais agentes difusores da modernidade, evidenciada não só na vestimenta, como no comportamento, construindo, a partir de seus discursos, um modelo feminino modernizado ideal, o qual fosse compatível ao contexto social delineado no Brasil da época. Desta forma, o periódico funcionava tanto como um veículo informativo, quanto como um guia sobre a maneira correta de inserir-se e, com isto, se integrar ao ambiente moderno.

Mônica Pimenta Veloso (2010) aponta, em seu estudo sobre a referida publicação, que uma das melhores ferramentas desta revista seria as “literaturas de aconselhamento” a qual era inserida nos contos, os quais abordavam casos fictícios com o objetivo de trazer ao final a moral da história, conjuntamente a um aparato de instruções capazes de abranger cuidados médicos, tratamentos de higiene e de beleza, indo até o consultório sentimental, onde os conselhos de conduta eram diretamente proferidos às leitoras.

Joana Maria Pedro (2011) alerta sobre as maneiras de se analisar este tipo de fonte, fala a respeito do poder discursivo presente nesses veículos midiáticos, os periódicos, pelo fato desses deterem a autoridade de fortalecer a hierarquia entre os sexos, bem como de serem capazes de instituir através de sua malha discursiva, a função e o lugar que deve ser assumido tanto pelo feminino, quanto pelo masculino, estipulando a função social a ser assumida por homens e mulheres, de forma que esta definição seja naturalizada e aceita como algo absoluto.

No processo de análise da fonte, a *Fon Fon* nos faz perceber que ela não deve ser considerada nesse estudo apenas como um periódico que trouxe em suas páginas os relatos dos acontecimentos de sua época, mas sim como um veículo que possibilitou, a partir da elaboração de seus discursos, o exercício de suas influências políticas e sociais, contornando um conjunto de informações que exerciam influências no público leitor da época, ao se apropriar da autoridade de informar sobre qualquer assunto e de ganhar credibilidade a partir desta mesma ação.

Ao fazermos este movimento, atentamos também para a necessidade recorreremos à metodologia proposta por Albuquerque Júnior (2009) de uma análise dos discursos emitidos pela fonte.

Ao propor um estudo de análise do discurso, Albuquerque Júnior (2009) atenta para a necessidade de fazê-lo de forma que se questione o contexto histórico e social no qual o discurso estudado está inserido e com isso “saber com precisão a datação e a localização espacial e inquirir sobre o momento histórico e em que circunstância o pronunciamento ou discurso veio à luz” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 236). Esse movimento procura refletir o contexto histórico no qual a fonte esta inserida, visando discutir dentre outras questões, a emergência dos discursos.

Nesse sentido, a Revista *Fon Fon* será também um espaço de discussão acerca das maneiras pelas quais a imprensa institui, articula e aciona verdades nos

seus enunciados com relação ao papel do feminino na sociedade (PINSKY, 2011), sendo fundamental pensarmos o contexto histórico em que o discurso emitido por esta fonte está inserido e também as relações de poder nele presente.

A respeito dos discursos de nossa fonte, estes serão, neste trabalho, tomados não só como uma ligação entre o texto e o contexto, mas também como uma produção que merece ser interrogada enquanto um acontecimento dotado de significados. Sendo assim, o periódico será analisado enquanto um evento dotado de particularidades desde o seu aspecto impresso até o seu aparato discursivo.

Ao fazermos o exercício de estudo discursivo buscaremos seguir com um estudo que trilhe os caminhos de uma genealogia histórica, semelhante a que foi proposta por Michel Foucault em seu texto *Nietzsche, a genealogia e a história* (2012). Ao trabalhar com conceito de genealogia da história influenciado pelo pensamento nietzscheano, Foucault afirma que a finalidade da genealogia não seria a de se buscar a origem e a verdade de uma determinada ação histórica, pois para ele tal prática tornaria os estudos históricos uma atividade monótona no momento em que a busca pelas explicações de uma dada origem fossem motivadas pela procura de um discurso verdade.

Para o autor, a genealogia histórica seria “meticulosa e pacientemente documentada” (FOUCAULT, 2012, p.55) e na sua prática, os acontecimentos históricos ao serem estudados, não deveriam obedecer ao interesse de se encontrar a verdade acerca dos fatos. Deveríamos, propõe Foucault, encontrar as lacunas, as fissuras, as ausências, as imperfeições e as singularidades que possibilitaram a emergência do acontecimento. Assim, ao analisarmos as orações discursivas presentes na nossa fonte de pesquisa teremos como objetivo fazer uma investigação das cenas históricas que possibilitaram a existência dos discursos emitidos na *Fon Fon*. Isto fica claro, por exemplo, na seção *Alto fallante*, presente no corpo da Revista *Fon Fon* que trata abertamente de assuntos relacionados ao modelo de conduta feminina, quando afirmam que *Ellas que são inteligentes, finas, perpicazes, tudo compreenderam diante do fracasso, e voltaram a vestir-se- quero dizer- desceram as saias,* (FON FON, nº1, pag.56) incitando à discussão de temas que vão desde o comprimento ideal para as saias das mulheres ao modo como estas deveriam proceder com os seus maridos.

Tendo em mente que a idealização de um estudo do discurso exige daquele que o propõe um trabalho árduo no momento em que o próprio discurso estiver

sendo analisado, lançamos mão do trato discursivo colocado por Foucault em *A Ordem do discurso* (2012). Através desta aula, Foucault discorre a respeito da importância de se fazer uma decomposição discursiva sublinhando a ideia de que o discurso, por ser uma prática social, é produzido em razão das relações de poder.

Ainda nos valendo da influência dos estudos de Foucault, utilizaremos o conceito de *enunciado* presente em sua teoria do discurso como fio condutor de nossa pesquisa, lançando sobre ele um olhar de criticidade e de estranhamento. Sendo o discurso definido como um conjunto de enunciados que se voltam para uma mesma formação discursiva, o conceito de enunciado surge além de um conjunto, de signos, por se referir a objetos e sujeitos constituindo, através de um conjunto de forças, verdades e maneiras de ser e se constituir por meio de dispositivos criados historicamente; o enunciado é, sobretudo, o questionar do porquê alguns deles existiram e não outros (FOUCAULT, 2012).

Guiados por nossas problemáticas, e baseando-se nos fundamentos teóricos metodológicos apresentados, objetivamos no **Primeiro Capítulo** deste trabalho analisaremos a *Fon Fon* enquanto uma revista que se configurou como porta voz de um momento histórico, no qual palavras como “progresso, modernização e civilização” eram ditas com otimismo, percebendo, em meio a isto, o papel assumido por esta em meio a todos os discursos que envolviam estas palavras e também a forma como este exerciam suas influências sobre a revista, que ao decorrer dos anos, testemunhou uma série de mudanças como, por exemplo, a integração das mulheres no espaço público, e com isto, viu a necessidade de modificar-se.

O **Segundo Capítulo** se baseia no estudo dos discursos presentes na revista *Fon Fon* a respeito do que se convencionou acreditar ser o tipo ideal de feminino, no Brasil do início dos anos de 1930. Através do estudo das publicidades e de seus enunciados, os quais compõem esta publicação, analisaremos as formas como este periódico exerceu o seu poder discursivo, objetivando com este, enaltecer um modelo feminino pedagogizado, em detrimento do perfil feminino modernizado que começava a ser percebido naquela época, tendo como base para a legitimação deste, as teorias higienistas, as quais tiveram uma ampla vigência no país no período em estudo.

Já no **Terceiro Capítulo**, trabalharemos de quais maneiras a *Fon Fon* acionou, em seus discursos, a ideia da modernidade como um fator desviante da conduta feminina na sociedade, através da figura das mulheres que integravam o

movimento feminista brasileiro. Neste momento, pretendemos trabalhar com os discursos emitidos na Revista *Fon Fon* a respeito daquelas que assumiam, segundo a publicação, um padrão de conduta social considerado por esta como “desviante”.

Analisaremos as maneiras como este periódico abordou, no ano de 1930, a existência de um segmento feminino que andava pelas ruas em direção aos seus trabalhos, tendo conhecimento da realidade política de seu país e reivindicando para si direitos outrora negados, como, por exemplo, a participação ativa na cena política através do voto, executando ações contrárias das mulheres moldadas pelo padrão de conduta formal, o qual colocava em evidência a “mulher de família” criada para ser filhas exemplar e, futuramente, uma mãe de família decente.

Capítulo I

Fon Fon: Uma História em páginas de Revista

“Saibam todos... – Inclusive o autor desta secção, que escrever, *uma* telephonema é burrice imperdoável! No meu tempo de menino, quem a proferisse ou escrevesse, merecia 6 bolos de pé atrás. E dizer que estamos no Rio de Janeiro, em plena capital do Brasil, lendo despautérios desse jaez, escrito por famosos jornalistas!” (Revista Fon Fon , Ano XXVI, Nº8, 22 de Fevereiro de 1930, pag. 10)

Em fevereiro do ano de 1930, a reclamação acima foi endereçada à redação da revista *Fon Fon*, pelo remetente “Matuto de Cuiabá”, com o objetivo de ser publicada na seção “Saibam Todos”, espaço editorial reservado para prestar todas as informações às possíveis dúvidas de leitores.

No período em que ocorre esta reclamação, a *Fon Fon* era vista, por seu público leitor, como um dos veículos de informação licenciados para falar sobre o cotidiano e as novidades da época. “Os famosos jornalistas” aos quais Matuto se refere eram, em sua maioria, pensadores, que tinham por principal ofício discutir sobre a natureza humana e como esta, através da sua linguagem, poderia estar voltada para a criação artística (VELOSO, 2008). Cabia a esses jornalistas também a missão de documentar as mudanças no espaço da cidade do Rio de Janeiro e no comportamento da elite carioca, sem, contudo, deixar de difundir novos hábitos, em sua maioria de influência europeia como, por exemplo, os encontros nos cafés para discutir o último lançamento da moda parisiense ou o mais recente avanço tecnológico. A política também não ficava de fora, e a *Fon Fon*, vez ou outra, mostrava seu descontentamento para com as autoridades do país.

Desta maneira, ao percebemos a influência discursiva da revista *Fon Fon* em seu meio social, compreendemos os motivos pelos quais o “matuto” expressou sua indignação no momento em que percebeu um erro ortográfico entre as páginas da revista enquanto fazia a sua leitura semanal, apontando o quanto erros como estes deveriam ser vistos como algo inadmissível em um veículo de informação de grande relevância social como aquele, pois para este, o periódico refletia, através das suas páginas, o momento áureo vivido no Brasil, no início do século XX, em especial, na cidade do Rio de Janeiro, onde se evidenciava um processo de modernização, tanto

espacial, quanto intelectual. Sendo assim, um erro ortográfico passava a ser uma “burrice imperdoável” em razão de ir contra todo o avanço alcançado, e também para com aquele que estava por vir.

A resposta para esta reclamação não tardou a aparecer. E foi o responsável pela sessão, o colunista Yves, o encarregado de esclarecer ao seu “revoltado” leitor, o quanto erros como estes poderiam ocorrer por uma falha de revisão, e ainda, em tom debochado interou dizendo: *Um homem que se apéga a ninharias, para destruir o trabalho constructivo de outro, é uma creatura digna de lastima – Oh mentalidade! – Só mesmo de um matuto de Cuiabá.*

O final desta história permanece um mistério, já que o matuto não apareceu nos números seguintes da revista. Não sabemos se este deixou de ser um leitor da publicação, se continuou acompanhando a *Fon Fon*, mas de forma discreta, ou se foi banido da sessão “Saibam Todos” pelo colunista da mesma. No entanto, permanece certo o fato de que episódios como estes não foram casos isolados na *Fon Fon*, pois desde 1908, ano em que saía o primeiro numero da revista, até o de 1930, ano no qual a história narrada se desenrola, muitos “Matutos” e alguns “Yves” apareceram pelas paginas deste periódico, seja para fazer inflamadas reclamações, ou do contrário, tecer inúmeros elogios, fator este que demonstra a estreita relação estabelecida por esta publicação com o seu público leitor ao passar dos anos.

Desta forma, nos propomos a analisar neste primeiro capítulo a *Fon Fon* enquanto uma revista que se configurou como porta voz de um momento histórico, no qual palavras como “progresso, modernização e civilização” eram ditas com otimismo, percebendo, em meio a isto, o papel assumido por esta em meio a todos os discursos que envolviam estas palavras e também a forma como este exerciam suas influências sobre a revista, que ao passar dos anos, testemunhou uma serie de mudanças como, por exemplo, a integração das mulheres no espaço público, e com isto, viu a necessidade de também se modificar. Mas, para compreendermos melhor o trajeto desta história, voltemos para onde tudo isto começou.

1.1) “Queremos rir e alegrar tua boa alma carinhosa”: O nascimento de um arauto da modernidade

Falemos sobre a capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. O que vemos? Certamente serão muitos aqueles que dirão ver um lugar vivendo plenamente em um clima de modernização, carros passando nas ruas, e também ultrapassando as antigas charretes. Para Vera Lins (2010), este foi o momento também da criação dos cafés com ares estrangeiros, e das confeitarias, as quais passavam a oferecer os mais refinados serviços de *delicatessen*, criados “para se conformar com o mundo civilizado” (LINS, 2010, pag.27) Neste cenário, também não nos passa despercebida a presença das boutiques trazendo em suas vitrines aquilo de mais novo, segundo os padrões da moda europeia, e como não podia deixar de ser, a presença de compradores, os quais gostariam de estar apresentáveis, caso tivessem de frequentar algum ambiente de requinte, como por exemplo, o cinema Capitólio, onde entrara em cartaz o mais novo filme da Fox.

Ao final do século XIX, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, consideradas como metrópoles em razão de sua economia dinâmica, evidenciaram esta nova configuração do espaço urbano, que naquele instante, contava com uma nova infraestrutura na qual os serviços públicos como energia elétrica, redes de água e esgoto e os meios de transporte como os trens e os carros, até pouco tempo vistos como benefícios de difícil acesso, comporão este cenário, fazendo da cidade do Rio de Janeiro um novo receptáculo da modernidade⁸.

O fim de um regime político imperial visto por muitos como um indicador do retrocesso e da deficiência governamental de um país preso aos grilhões da colonização portuguesa, pode ser considerado como um dos fatores de dinamização deste espaço, o qual, a partir daquele instante, era republicano e modernizado, assim como os países europeus, vistos como exemplo principal de civilização.

Tais mudanças não surtiram seu impacto somente no âmbito espacial. A forma de se apreender estas novas configurações e pensar o momento histórico vivido também sofreram alterações. Na virada do século XIX para o XX, pensadores

⁸ Neste trabalho, ao falarmos sobre modernidade, nos referimos a esta como um fenômeno que em inícios do século XX, modificou espaços e a sensibilidade dos indivíduos sobre o mesmo. A emergência pela velocidade e pelo progresso foram os lemas deste período, o qual, fez com que vários pensadores repensassem o papel dos indivíduos sociais neste novo mundo que surgia. Ver: BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1996.

como Baudelaire (1996) viram a modernidade como um fenômeno efêmero e ao mesmo tempo imutável, algo inédito visto nos capítulos da história da humanidade, pois no instante em que cultivava uma emergência pelo movimento acelerado e pela contagem do tempo, também adentrava a mentalidade dos indivíduos, causando nestes impressões permanentes. Em consonância com tais pensamentos, os intelectuais brasileiros perceberam a necessidade de discutir a respeito destas mudanças, as quais, em ampla velocidade, modificavam a natureza dos espaços e a sensibilidade urbana sobre a convivência no mesmo.

Mas, como fazer uma reflexão acerca das novas subjetividades trazidas pelo moderno, em um momento onde a rapidez e o tempo cronometrado se convertiam em uma palavra de ordem? Para Monica Veloso (2010) foi neste cenário que o veículo de comunicação de massa, no formato de revista, passou a ser visto por estes intelectuais como um meio eficaz para a difusão de suas ideias. Tendo este tipo de publicação um caráter mutável, se comparado à ideia de eternidade evocada pelos livros, mas ao mesmo tempo discursivo e reflexivo, se comparado à urgência trazida pelas notícias dos jornais em bases diárias, percebeu-se o lugar estratégico deste tipo de publicação, o qual poderia trazer uma série de reflexões sobre o novo cotidiano, em uma base de longo alcance.

Foi em uma destas reflexões acerca da nova dinâmica no mercado editorial que uma conversa entre os poetas Lima Campos, Mário Pederneiras, conjuntamente ao crítico e romancista Gonzaga Duque, possibilitou o nascimento do semanário que atravessaria grande parte do século XX, sendo adequada de acordo com o contexto histórico onde estava inserida, a Revista *Fon Fon*.

Criada no ano de 1907, tendo sede carioca na Rua Assembleia, 62, e publicada pela última vez no ano de 1958, a *Fon Fon* fez parte do primeiro grupo de revistas criadas no Brasil. Esta revista figurava entre títulos de entretenimento a exemplo de *O Maio* (1902/1945), *A cigarra* (1914/1956) e outras de gênero similar. Seu diferencial era percebido logo de início pelo seu título, pois este era associado a onomatopeia que reproduzia os sons das buzinas emitidos por automóveis que no período, era visto como um dos principais símbolos da modernidade pelo fato de denotar a ideia de velocidade e a facilidade de estar em novos lugares.

Diferente de títulos como a *Revista do Brasil* (1916/1990), que era dirigida a um público intelectualizado, preocupado em discutir assuntos envolvendo temas como as novas configurações espaciais da cidade do Rio de Janeiro, ou os prós e os contras

de uma determinada vertente literária, de uma maneira mais filosófica e elaborada, a *Fon Fon* ia por outro caminho, que seria o das revistas ilustradas. Este tipo de publicação tinha como uma de suas características o fato de poder ser lida de forma ágil e fácil, graças ao seu caráter ilustrativo, representado através das suas capas, charges e de suas piadas, as quais proporcionavam aos leitores a compreensão da mensagem que se desejava passar ao seu público. Vejamos, por exemplo, uma piada publicada pela *Fon Fon* na seção “Espírito Alheio”.

Figura 1: Modelo de vitrine



Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, N°3, 18 de Janeiro de 1930, pag.74.

Na ilustração, vemos a intenção em se fazer, de forma bem humorada, um alerta sobre os perigos de não se fechar as cortinas enquanto se faz uma troca de roupa. Percebemos que, embora o aviso venha com uma legenda, este poderia ser compreendido caso o autor a retirasse, pois, certos elementos da ilustração, como a do homem tirando a roupa do manequim, e a expressão horrorizada da senhora ao ver o boneco sem roupa, têm a capacidade de trazer uma mensagem ao leitor somente pela imagem. Retomando os estudos de Monica Veloso, esta autora nos diz que tal aspecto desta revista funciona como um demonstrativo da intenção de se anunciar os novos costumes da vida na metrópole, de uma forma vibrante e divertida, pelo qual todos pudessem estar informados sobre este novo momento, através dos pontos que remetiam à cultura oral, presentes na linguagem editorial desta revista, fazendo da

Fon Fon “um espetáculo ao alcance do grande público” (VELOSO, 2010, pag.88). Em seus anos iniciais, a revista era impressa com 30 ou 40 páginas, priorizando nestas a publicação de fotografias, charges e comentários sobre o cotidiano da sociedade carioca (neste caso, a elite), havendo também um espaço voltado para a publicação de contos de autoria dos leitores, ressaltando a intenção de revista em abrir espaço para o público e para participação popular (MACENA, 2010). Embora a *Fon Fon* seja, segundo a jornalista Semiramis Nahes (2007), referenciada na história da imprensa brasileira somente como um periódico voltado para o entretenimento feminino e suas banalidades, em seus primeiros números, percebemos a predominância de assuntos, em sua maioria, discutidos nos meios de sociabilidade masculinos como, por exemplo, a política, através da sessão *Fon Fon no senado*, onde indagações como *E que fez o senado durante seu longo período de oito meses de legislação?* (FON FON, nº 39, 1908, pag.7) se faziam presentes ao longo de toda a sua edição, característica que mostra a intenção inicial da revista em discutir sobre os mais variados assuntos, não se voltando para um segmento específico.

Após um período de dez anos a revista passou por mudanças e atentou para o fato de as mulheres terem se convertido em um forte mercado consumidor no século XX. Percebendo-se a necessidade de adaptar esta publicação, de forma que viesse a incluir este novo público, a *Fon Fon* dirigiu suas narrativas também às mulheres, as quais, a partir daquele momento, foram apresentadas a uma revista que discutia os aspectos do cotidiano feminino em um caráter mais privado e em uma linguagem mais simples e íntima, transformando-as em protagonistas de contos e novelas, capas da revista, e ofertando-lhes conselhos nos consultórios femininos.

Para Tânia Regina de Lucca (2012), exemplos como estes se fizeram constantes dentre os semanários do início de século XX. Para a autora passava a ser importante que as revistas não deixassem de atentar para a linguagem, a moda, a estética, e os acontecimentos em evidência de acordo com a sua época. Deste modo, era importante que a publicação assumisse um caráter de conhecimento sobre a personalidade de suas leitoras, ou seja, ao se deparar com o conteúdo deste periódico, este novo público deveria acreditar estar lendo uma revista na qual era representada e entendida, para assim, depois de conquistada a sua confiança, ser aconselhada. Vejamos, como exemplo, uma descrição sobre a natureza feminina, publicada pela *Fon Fon* no ano de 1930.

O organismo da mulher é muito mais delicado, muito mais vibrátil, e mais sensível que o dos homens.

A prova é que um susto ou medo repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequências mais graves para as mulheres.

Algumas mulheres são tão sensíveis, os seus nervos são tão delicados, que basta às vezes a leitura de um romance comovente, um aborrecimento ou uma notícia inesperada, para que certos órgãos internos comecem a sofrer. (Revista Fon Fon , Ano XXVI, N°16, 19 de Abril de 1930, pag.11)

Esta descrição está inserida em um artigo de discussão sobre os sofrimentos pelo qual passa a corpo feminino ao longo da vida. Ao analisá-lo identificamos no discurso, por parte da *Fon Fon*, a intenção de descrever a mulher como um ser frágil, se comparado ao homem, que necessita de mais cuidados e preocupações. A característica deste discurso faria parte de um processo comum às sociedades orientais, no qual a divisão dos sexos seria pautada tanto nos aspectos biológicos, quanto nos comportamentais, cabendo à mulher, neste quadro, a fragilidade e inocência em razão de sua “essência feminina” (NUNES, 2007). Segundo o jornalista Leonel Kraz (2002), foram enunciados como estes que tinham como intuito apresentar às mulheres a ideia de estarem sendo compreendida através de pequenas sutilezas, como o “profundo” entendimento da sensibilidade feminina, que garantiram o sucesso de títulos como a *Fon Fon*, no meio feminino, o qual, agora, se via representado e acolhido. Com isto, algumas revistas caíram na graças de suas leitoras, e passaram a assumir, dentre estas, um papel semelhante à de um fiel conselheiro, fator este que acabou contribuindo, como veremos mais a frente, para a formação do pensamento deste novo público.

Retomando a análise das primeiras publicações desta revista, já na sua capa percebemos o objetivo desta em ser anunciada como o principal veículo impresso de circulação da época.

Figura 2: Logotipo Fon Fon



Fonte: Revista Fon Fon, Ano II, 4 de Janeiro de 1908, pag.7

A ilustração era considerada, nos primeiros anos da revista, como uma marca de referência. Ao fazermos um estudo desta figura, acreditamos perceber a existência de diversos elementos que apontam para o desejo da *Fon Fon* em se legitimar como um dos principais meios de anúncio da modernidade. Logo de início, podemos nos deter na mensagem principal da propaganda, na qual aparece um automóvel dirigido por um chofer, que estaria guiando seu elegante passageiro, atentando-se para o fato de ambos serem homens, ideia que pressupõem a intenção da semanário de representar a modernidade através da figura masculina. Neste contexto, os criadores do semanário atribuem para si o papel de chofer, pois este seria o encarregado de guiar o seu leitor, representado pelo passageiro, através de novos caminhos “em uma tiragem de 100.000 kilometros por ora”.

Diversos elementos presentes na figura nos remetem a uma série de objetos característicos da modernidade, como a buzina, a qual nos lembra de um gramofone, as rodas do carro em formato de vinis, imagens estas que nos induz a ver a *Fon Fon* a se representar como um transporte não só de novas ideias dentre o contexto de modernização, mais também de indicações para seus leitores nelas estarem inseridos.

O fato de esta haver circulado durante quase meio século, nos dá a entender o quanto a missão assumida pelos criadores do semanário foi concluída com sucesso. Baseando-se nisto, inferimos que o sucesso e longevidade da *Fon Fon* tenham se dado em razão desta ter correspondido às expectativas e necessidades de seus leitores naquele período, pois, esta tinha se convertido em um manual de instrução a respeito

dos “bons modos” a serem seguidos por aqueles desejosos de serem bem aceitos em seu meio social.

Ao priorizar as discussões mundanas como, por exemplo, os últimos acontecimentos envolvendo as celebridades de Hollywood, ou as intrigas tramadas no universo social e político da sociedade carioca, esta revista veiculou tudo o que era preciso saber para ser uma figura respeitada e admirada dentre a “boa sociedade” (NAHES, 2007, pag.106).

Ainda sobre o logotipo, em sua análise, a historiadora Fabiana Macena (2010) destaca a vestimenta deste leitor passageiro, onde se faz presente o uso da cartola e do smoking. Tais vestimentas eram comuns aos homens da sociedade imperial ao frequentarem os famosos bailes, onde se encontravam para discutir assuntos envolvendo questões sociais e políticas. Desta forma, a *Fon Fon*, em seu anúncio, se propunha a ser o guia deste indivíduo, o levando em um veículo moderno para conhecer novos lugares, ou como no caso da revista, novos pensamentos.

A sua chamada também passa a ser algo passível de análise, pois ao se definir como um *semanário alegre, político, crítico e esfuziante*, vemos a intenção dos editores em mostrar ao seu público a capacidade de criar um semanário que discutisse sobre todos os temas envolvendo a sociedade carioca, os quais serviam de inspiração para os leitores das outras regiões do país. Havendo também a abordagem de questões sociais mais urgentes, em especial, aquelas onde o cenário era a capital, o Rio de Janeiro, de uma maneira vibrante e divertida, sem deixar de situar o seu leitor sobre os acontecimentos, mas de uma forma mais leve, se comparado aos leitores das revistas mais intelectualizadas, ao exemplo da já citada, *Revista do Brasil*.

Contudo, na análise de Nelson Werneck sobre a imprensa (1999), este afirma que tal empreendimento não conseguiu lograr seu objetivo, pois ao ser desenvolvida obedecendo a interesses capitalistas, esta publicação deixou de cultivar o aspecto reacionário comum aos pasquins do século XIX, para se consolidar como um meio de comunicação informativo sobre o cotidiano da sociedade carioca moldada pelo modelo parisiense. Com isto, não houve neste uma discussão ou questionamento sobre as questões políticas e sociais presentes em seu contexto de circulação, fazendo deste um veículo de informação mundano ao trazer em suas páginas uma modernidade fantasiosa, que não espelhava a realidade da sociedade da época.

Embora concordemos com a colocação de Nelson Werneck, quando este diz que os meios de comunicações ilustrados perderam parte de sua natureza reacionária incisiva em prol do interesse de se destacar no mercado editorial, questionamos seu posicionamento quando o mesmo afirma a falta de um interesse em se discutir política neste espaço, pois, mesmo de uma forma mais sutil e implícita, podemos perceber que os assuntos de interesses da população não deixavam de ser debatidos.

No entanto, compreendemos o quanto a lógica mercadológica influenciou tanto a forma de se emitir estes discursos, como a frequência de seus aparecimentos, pois, entreter o leitor com um conteúdo leve e divertido era o objetivo principal destas publicações, sendo que, muitas vezes, discutir temas complexos não era visto como algo vantajoso.

Voltando ao estudo da *Fon Fon*, como foi dito anteriormente, a revista foi ganhando uma nova roupagem, estabelecendo sessões fixas com o objetivo de trazer novas características e uma imagem definidora para o periódico. Neste espaço, as publicidades passaram a ter papel de destaque por incutir aos leitores os medicamentos capazes de curar as mais diversas enfermidades, e dizer as esposas e aos seus maridos a melhor maneira de se vestir e de alimentar seus filhos, como ao exemplo do mingau Quaker.

Figura 3: Publicidade Mingau Quaker



Fonte: Revista *Fon Fon* , Ano XXVI, N°31, 02 de Agosto de 1930, pag.16.

Imagens semelhantes a estas passaram a estar presentes com grande frequência no corpo da revista, pois a presença de um discurso higienista que pregava a necessidade de homens e mulheres se manterem fortes e saudáveis, estendendo essa necessidade também às crianças (COSTA, 1979), passou a ganhar força no meio social onde esta atuava. Desta forma, era importante indicar aos leitores os melhores produtos a serem utilizados, para assim, divulgarem o melhor método de cuidar da saúde da família.

Os concursos de robustez, anunciados nesta, e em outras revistas, o qual tinha como intuito eleger a criança mais bonita e de aparência mais saudável para representar a marca deste mingau, também funcionava como um dispositivo da publicidade para mostrar os benefícios que o consumo deste produto poderia trazer, já que a mãe, além de cuidar muito bem da alimentação de sua criança, teria o seu esforço reconhecido caso a robustez desta fossem consideradas ideais para representar a marca.

Constatamos nesta revista a intenção de abordar assuntos que envolvessem o cotidiano da elite carioca, refletindo a sua visão de mundo, através de suas charges e propagandas (ZANON, 2009), para que esta pudesse servir de modelo para outros estados no Brasil. Sendo assim, neste contexto, não podemos deixar de dar destaque à presença dos editores por trás da produção do semanário, pois estes, ao se unirem em nome da vontade de construir e divulgar novas ideias criariam um lugar que pontencializaria a circulação de diversos discursos, os quais contribuiriam para a formação identitária de uma nova classe pensante, fazendo da edição deste semanário um espaço de referência, no que concerne ao ato de reunir em seu espaço de criação, os pensadores brasileiros mais respeitáveis da época.

Nesse universo, o intercâmbio de ideias entre os autores no espaço de criação do semanário era algo que se fazia sempre presente, não só entre aqueles considerados como os criadores, mas também entre os pensadores das mais diversas partes do país, os quais muitas vezes foram revelados ao público graças às contribuições intelectuais cedidas a *Fon Fon*. Tal intercâmbio, ao longo dos anos da publicação da revista logrou uma notável credibilidade, tanto que, no ano de 1930, o mais uma vez sincero Yves publicou um desabafo em sua coluna, sobre a produção excessiva de pensadores no Brasil.

Oh coisa horrível! Poetas, poetas, poetas, sempre poetas! Quando abro uma dessas cartas que se agrupam sobre a mesa, é já com um temor extraordinário, assim como quem pegasse num petardo. Receioso de uma explosão inevitável [...]

E' um horror! E' uma coisa apavorante! No fim do dia estou com os nervos imprestáveis. Parece que regresso de assistir a um espetáculo desenxabido, espécie de enterro, de interrogatório policial, conferência sobre o plantio das batatas... (pelos poetas) ou uma necropsia...literaria. (Revista Fon Fon, Ano XXVI, Nº 20, 17 de Maio de 1930, pag.14)

O desabafo deste colunista pode ser um indicativo de que, embora o espaço para a revelação de novos autores fosse ampliado a partir desta revista, em alguns casos, passava a ser inevitável deparar-se com trabalhos de poetas de pouco talento, fator este, que desilude Yves em alguns momentos. Reclamações a parte, neste universo os novos veículos também passavam a ser saudados, pois, em alguns dos anúncios desta revista, era recorrente vermos enunciados do tipo;

Alcydes Maia, o erudito jornalista gaúcho, que passou pela imprensa dessa capital, como um príncipe-artista, nababescamente espalhando a pedraria opulenta do seu estylo, vem de fundar na cidade de Porto Alegre, o *Jornal da Manhã*, cujo números de Dezembro, temos à vista, e que não só correspondem, mas excedem as nossas expectativas. O *Fon Fon*, onde Alcydes Maia tem solidas admirações almeja vida gloriosa e longa ao *Jornal da Manhã*. (Revista Fon Fon, Ano II, 04 de Janeiro de 1908 pag.9).

A partir do posicionamento destes autores no anúncio do nascimento do *Jornal da Manhã*, podemos perceber elementos que indicam a importância do grupo de jornalistas brasileiros se agruparem em prol do ideal de levar o “conhecimento” a todos os lugares do país. No momento onde Alcydes Maia é apontado como *o erudito jornalista gaúcho, que passou pela imprensa dessa capital, como um príncipe-artista, nababescamente espalhando a pedraria opulenta do seu estylo*, vemos que o autor desta nota não deixou de ressaltar o fato de o jornalista ter especializado seu ofício na capital, a cidade do Rio de Janeiro, para após isto, fundar seu próprio jornal em Porto Alegre, passando pelo crivo de seus colegas de profissão. Nesse anúncio, constatamos o exercício do poder na seleção de discursos, onde o saber é valorizado, distribuído, repartido e atribuído e submetido às expectativas daqueles capazes de apontar quais indivíduos eram realmente capazes de assumir a função de informar, a partir do seu lugar de formação (FOUCAULT, 2011).

Mesmo estes autores tendo opiniões divergentes sobre as maneiras de tratar sobre os assuntos em pauta na sociedade, já que alguns preferiam falar dos problemas sociais através do humor ilustrativo e da literatura, enquanto outros

achavam a crítica direta o caminho mais plausível, é possível notarmos, em meio a isto, a ideia de um agrupamento de ideias capaz de edificar um lugar de sociabilidade onde todos estavam unidos em prol de um mesmo ideal, o qual seria construir um espaço de informação com um poder discursivo indutor de pensamentos. Para isto, passava a ser necessário haver um representante que estaria encarregado de vir a público discutir, questionar e propor soluções àquilo considerado como um problema diante do meio social. Nesse momento, a presença dos autores foi vista como uma medida cabível para o cumprimento desta missão.

Para isto, a utilização dos pseudônimos autorais ou das iniciais dos nomes se fizeram presentes no corpo editorial da *Fon Fon*. Desta forma, passou a ser recorrente na revista a apresentação de sessões assinadas por um autor, mesmo esta sendo escrita por outros, em um esquema rotativo a cada semana. O mesmo acontecia com os pseudônimos femininos, os quais, muitas vezes, tinham uma voz masculina por trás do mesmo, ou o inverso disso, mulheres que, para preservar sua identidade, se disfarçavam através de um personagem masculino.

Esta ação, para Clarice Nunes (2007), seria o reflexo de um pensamento que pregava a negação da capacidade do feminino em estar inserido em meio às produções de escritos abordando temas envolvendo o contexto da modernidade no Brasil. Sendo a mulher, segundo a mentalidade moderna, destinada a exercer o ofício de professora, o qual funcionaria como uma extensão de suas atividades domésticas, já que esta teria em si o “dom natural” de cuidar de crianças, não cabia a estas refletir e escrever suas novas experiências, e sim ensinar sem questionar.

Ao citar o nome de autoras como Cecilia Meireles e Gabriela Mistral as que produziram uma série de escritos refletindo sobre as práticas pedagógicas brasileiras no período moderno, Clarice Nunes atenta para o fato de estas não serem, em dias atuais, reconhecidas como pensadoras da educação brasileira, em razão de suas obras terem pouca valorização em meio ao círculo intelectual, graças à concepção da “incapacidade” feminina para as letras. Desse modo, esconder a verdadeira identidade autoral através de pseudônimos poderia ser considerada como uma medida de proteção para as autoras brasileiras que se aventuravam no ramo editorial, pelo fato destas correrem o risco de terem seus trabalhos descredibilizados, em razão de seu gênero.

Ainda neste espaço, da mesma forma, era comum a constante mudança dos editores, que ora deixavam a redação da *Fon Fon*, para criarem outras revistas, ou,

como no caso de Gonzaga Duque, faleciam em meio ao caminho. Em razão desta rotatividade de editores e colunistas, foi considerada como uma ação importante criar uma personalidade que sempre estaria presente em todas as edições, não sendo substituída por outra, caso uma das adversidades citadas viessem a acontecer. Tomemos como exemplo o autor da coluna *Alto Fallante*, o colunista Max Linder. Em todos os números da *Fon Fon* este autor se fazia presente, seja para falar sobre filosofia, ou sobre sua opinião a respeito de um determinado acontecimento. Sua marca era o seu nome, ou seja, a autoria ao final da sua matéria semanal. Outros editores poderiam estar escrevendo nesta coluna, em razão da diversidade de tema que esta trazia, mas através do nome de Max Linder, a atenção do leitor era dirigida somente a um indivíduo que, tendo conquistado a confiança do público, dificilmente poderia ser substituído por qualquer outro autor.

Sabendo-se que uma das principais características do discurso é o fato dele não ter em si um ponto inicial, e não ser único, em razão da profusão de uma série de pronunciamentos (FOUCAULT, 2011), de se haver a crença de um perigo, caso estes sejam emitidos de uma maneira indefinida, sem nenhum método de seleção, nota-se na ação dos editores desta revista um desejo de poder. Ao colocarem em prática a autoria, um *nós* passou a ser criado, e desta forma, discursos que antes poderiam ser vistos como um todo fragmentado e distinto, com a figura do autor, assume uma característica de unicidade. Não sendo este o indivíduo emissor do discurso, mas sim, aquele que o agrupa, vemos que para os editores da *Fon Fon*, era necessária a existência de indivíduos capazes de dar sentido às diversas falas proferidas e também ser aquele em quem o leitor depositaria a sua confiança.

Um demonstrativo do papel social exercido pelos autores seria o da seção destinada a responder a carta dos leitores. Tal espaço, de início, não fazia parte da revista, sendo acrescentado por volta de década de 1920 por se notar a necessidade de responder as constantes perguntas enviadas pelo público leitor. Variadas nomeações foram dadas a esta sessão, desde a *Dar-me sua mão para ler* até o título *Saibam Todos*, contudo, a forma de interagir neste ambiente não sofreu alterações. Deste jeito, era importante haver alguém em quem o público confiasse as suas dúvidas e também creditasse autoridade e conhecimento o suficiente para respondê-las. Coube ao irreverente “Yves” assumir este papel, já que este era um personagem que divertia, aconselhava, e em alguns casos, proferia alguns sermões, caso não aprovasse alguma atitude de seus leitores. O enunciado de destaque era claro, *Aos*

nossos leitores, prestaremos todas as informações que nos solicitem (FON FON, nº 28, 1930, pag.12) afirmação que denota o poder do veículo em elaborar seus discursos, e com isto, exercer suas influências políticas e sociais através da figura de um indivíduo. Deste modo, é possível nos darmos conta de uma modificação, no que se refere ao universo da comunicação no Brasil em inícios do século XX. Com a criação das revistas semanais como a Fon Fon, percebemos o surgimento de uma nova dinâmica, a qual seria a de um diálogo traçado entre a revista e o leitor envolvendo diversos assuntos sobre o cotidiano. Desta forma, uma relação de confiança era estabelecida, e é no autor que encontramos o elemento solidificador da mesma.

Sobre isto, o fato desta revista ter conquistado a confiança de seu público ao pôr em prática a ideia de se adequar a vivência do seu leitor, marcada por um tempo mais acelerado, pode ser considerado como outro dos fatores que garantiram o sucesso desta e de outras publicações, as quais, geralmente, segundo Monica Veloso (2010), “passa a ser realizada nas brechas do tempo, configurando, sobretudo, instantes de lazer, distração e informação.” (VELOSO, 2010, Pag.99) sendo assim articuladas a um novo cotidiano social, tendo a capacidade de intervir de forma eficaz, proporcionando ao seu público, através de suas páginas, o prazer de estar vivenciando esta nova fase revolucionária chamada de modernidade.

E foi assim, investindo no diálogo direto com seu público leitor, e fazendo chegar até esse, ideias, valores e os novos comportamentos requisitados a serem seguidos em um novo mundo moderno, que a *Fon Fon* seguiu ao decorrer dos anos fazendo parte deste universo em processo de construção, acompanhando as mudanças neste evidenciada, e em alguns casos, tendo dificuldades de aceitar algumas, a exemplo da que vamos presenciar no ano de 1930.

1.2) Mulheres à (re)vista: O feminino integra o folhetim

O calendário sinaliza a chegada do ano de 1930. Com este, como não podia deixar de ser, vem a esperança de um ano mais próspero. Neste meio tempo, garotos se desviam dos bondes e carros que trafegavam entre o Largo do São Francisco e o Largo do Rocio no Rio de Janeiro, buscando gritar em alto e bom som a posse do primeiro número da *Fon Fon* daquele ano. Visando atrair a atenção dos transeuntes, era necessário “fonfonar” que tais exemplares estavam quase todos vendidos, pois não seria de bom tom voltar para casa sem obter um bom lucro com a venda da revista.

Aqueles que não queriam perder a oportunidade de ler o mais novo exemplar da *Fon Fon*, logo corriam ou gritavam pelos garotos para adquiri-lo. Os leitores que tinham um maior poder aquisitivo também se mobilizavam, mas, ao contrário dos cidadãos menos abastados, estes não precisavam correr atrás dos vendedores, pois podiam se dar o luxo de receber a revista em suas casas. Tendo o exemplar em mãos, os apreciadores da publicação perceberam que, embora fosse um novo ano, o velho Yves continuava sendo o mesmo de sempre, dando a sua sincera opinião – às vezes sincera demais – sobre os poemas a ele enviados, e também se negando a fazer os testes *physionomicos* daqueles, os quais ele achava que não iam gostar muito do resultado. A moda e a estética não deixaram de marcar presença, e certamente, após finalizar a sua leitura, algumas damas iriam à loja mais próxima adquirir suas meias *Holeproof*, indicadas por Lucile, uma requisitada modista de Paris.

Falando em leitura, os contos não poderiam deixar de marcar sua presença nas páginas do periódico neste início de ano, pois quão grande seria a decepção dos leitores se não vissem a conclusão da história do “*Conde Haroldo*”? (*Fon Fon*, nº 1, 1930, pag.20) Entre estes, também apareceu um conto um tanto curioso narrando os inconvenientes no mundo animal de se tornar uma *Galinha solteirona*, vejamos parte do que nos conta a narrativa.

“...A galinha da minha história era um animalzinho vulgar. Sem antepassados, sem beleza, sem distinção. Não constituía nenhum ponto visível no galinheiro que habitava. Passava despercebida, indiferente para todos seus companheiros de residência.

...Era original. Como nunca chegara a ser mãe, passava a vida tomando conta dos filhos das outras. ...Nos primeiros dias os pintainhos effectuavam corridinha furtivas do regaço materno para o regaço desta *tia* que lhe offerecia tantas coisinhas gostosas, mas que a abandonavam tão depressa

quanto haviam ingerido a guloseima, para voltar ao lado da mãe, indignada pela intromissão da solteirona ...” (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº 1, 4 de Janeiro de 1930, pag. 22)

A história apresentada tem como “autora” Elina Lafont, a qual jura contar um caso verídico que ocorreu em seu galinheiro. Apreendemos neste a intenção desta em falar sobre a tristeza de ser uma fêmea solteirona, pois a pobre galinha, carinhosamente nomeada como *tia*, tinha de viver com a migalha da efêmera atenção dos pintinhos de outras galinhas enquanto estas estivessem longe de sua cria. Ao finalizar a narrativa, Elina faz uma ligação deste caso com sua realidade a partir da afirmação veemente *Penso sem querer na immoralidade absolutamente inocente com que algumas mulheres dizem: quando me casar não quero filhos! Oh!*, colocação esta que demonstra o quanto para Lafont seria inconveniente testemunhar um caso semelhante a este entre as mulheres de sua geração.

Após a leitura deste conto, seria natural ao nosso olhar de historiadora nos perguntamos que mulher seria essa, a qual, em inícios do século XX, poderia dizer livremente a sua opção por não gerar uma criança? E o porquê da *Fon Fon*, em seu primeiro número do referente ano, optou por trazer na publicação um conto narrando, de forma indireta, os inconvenientes de uma mulher ao longo de sua vida não se tornar mãe? Certamente, ao analisarmos o contexto histórico onde estas mulheres estavam inseridas, poderíamos perceber em algum momento quais fatores contribuíram para a criação de algumas *galinhas solteironas* em pleno ano de 1930, vejamos então.

No início da década de 1930, o Brasil, mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro, evidenciava um período o qual alguns historiadores acreditam ser o marco divisor da história do país⁹. O descontentamento político causado pela aliança estabelecida entre os estados de São Paulo e Minas, mais conhecida como “política do café com leite”, que consistia em um acordo no qual somente os representantes da oligarquia paulista e mineira poderiam governar o país, já dava claros sinais de sua existência. O partido de oposição da Aliança Nacional, liderado por Getúlio Vargas, a cada momento ganhava mais apoio popular, e após o ano de 1929, o qual foi

⁹ A década de 1930 é citada na historiografia como um período de grandes mudanças. Entre estas evidenciamos a revolução de 30, a qual culminou na derrubada do regime político da República Velha, e onde, o então líder político Getúlio Vargas, ao assumir o comando do governo do país instituiu uma série de novas políticas nos setores da educação, trabalho, economia, saúde e na política, ao instituir o livre direito de voto às mulheres, e o sigilo do mesmo. Ver: FAUSTO, B. *A Revolução de 30*. 13. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1995.

marcado pela queda da bolsa de valores nos Estados Unidos, culminando com a crise na economia cafeeira no Brasil, os setores médios urbanos passaram a reivindicar medidas que visassem o dinamismo econômico brasileiro, através da industrialização, o direito de maior participação política e a supressão das práticas clientelistas, e o direcionamento de propostas visando à melhoria das condições trabalhistas da população brasileira (HOCHMAN, 2005).

Com isto, podemos apreender que no ano de 1930, o Brasil encontrava-se envolvido em uma atmosfera de reivindicações e de luta por mudanças. Todos os indícios apontavam para o orquestramento de um golpe de estado, possibilidade que conseguiu atrair o receio de alguns setores da sociedade, entre estes, o de comunicação, o qual apresentava um certo temor a respeito das mudanças e das consequências que tal golpe poderia acarretar ao país. A *Fon Fon* junto com outros veículos fizeram ecos a esse debate e explanaram o seu ponto de vista a respeito de uma possível revolução política.

Bella perspectiva e glorioso futuro se abrem aos brasileiros, si escaparem do flagello da revolução, que destruiria a felicidade de toda geração actual, arrastando consigo a anarchia e a guerra civil, e acabando por dividir o paiz numa multidão de estados mesquinhos e hostis, que teriam de atravessar séculos de miséria e de sangue derramado, antes que se pudessem reerguer da condição de barbarismo em que seriam mergulhados (Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº 43, 25 de Outubro de 1930, pag. 21).

Vê-se na afirmação dada, a crença de que a nova reforma política se configuraria um ato de barbárie, em razão de a implantação de uma nova forma de governo, onde todos os estados poderiam integrar a economia brasileira, e também o cenário político, até então submetido aos comandos do eixo São Paulo-Minas, poder culminar em uma anarquia. O resultado disto, segundo as análises pessimistas, seria que, após a revolução, a autoridade e o poder de nenhum estado seria sobreposta a outro, sendo este pensamento um demonstrativo do quanto os interesses dos meios de comunicação impressos, de certa maneira, estariam vinculados aos do governo do então presidente Washington Luís.

Contudo, as opiniões contrárias não impediram que no dia 3 de outubro o golpe de estado se concretizasse e culminasse no evento conhecido pela

historiografia como Revolução de 30¹⁰. Este evento fez da década de 1930 um expoente de mudanças quando se refere aos direitos políticos e trabalhistas, as manifestações culturais e também ao espaço de atuação das mulheres na sociedade, as quais, a partir daquele momento, pela primeira vez na história do país exerceriam o direito ao voto, sendo também integrada na constituição dos direitos trabalhistas que seria legalizada mais à frente, no ano de 1932.

No entanto, estas redefinições não foram bem recebidas dentro do universo editorial da *Fon Fon*, tanto que, ao dar sua opinião a respeito da inclusão do feminino na cena política brasileira, publicou-se a seguinte matéria com o intuito de se descrever os “malefícios” que tal decisão poderia acarretar para a sociedade.

A mulher já tem abertas na sua frente todas as portas por onde os homens ingressam na vida publica: uma só, uma única esta fechada para ellas: a política
 Justamente para ella, convergem os esforços das feministas! Ellas decididamente se batem por uma cousa que milhares de homens abandonam: o direito de votar.
 Será que as mulheres têm a velleidade de pensar que entrando para a política, farão com que esta se moralize? Deixae ao homem a política e a carreira das armas. Essas são privativas do nosso sexo e nellas qualquer mulher, por mais virago que seja se sentirá “deplacée” demais, a mulher não poderá embora, o queira, deixar de ser o anjo do lar. (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº 20, 17 de Maio de 1930, pag. 20-24)

Nesta colocação, notamos de inicio a ênfase dada pelo autor ao fato de as mulheres terem abertas todas as portas capazes de leva-las à vida pública, sendo desnecessário a estas buscarem se integrar no espaço da política, o qual, segundo a publicação, seria *privativas de nosso sexo* em razão de sua natureza viril do homem, se comparada à candura atribuída ao feminino. Mas em meio a isto, nos chama a atenção o fato de se por a “culpa” desta situação nas integrantes do movimento feminista, já que foi a partir da reivindicação liderada por estas que se tornou possível à aprovação de um projeto legitimando o direito do voto às mulheres. Quando este diz *qualquer mulher por mais virago que seja se sentirá deplacée* há a representação das feministas como figuras desejosas de serem homens, e desta

¹⁰ Embora muitos historiadores questione a legitimidade de se utilizar o termo “Revolução” para nomear o golpe político ocorrido em 1930, pelo fato deste não ter implicado na substituição de uma ordem política por outra, defende-se a adesão do termo por este ter marcado a historia política do Brasil como um advento de grande apoio da popular. Ver: https://www.youtube.com/watch?v=3vjLb2Eb6_4

maneira, assumirem os papéis sociais dos quais estes são encarregados, crendo-se que, com suas ações, o campo político brasileiro seria moralizado.

Embora se achem diversos motivos para explicar a inclusão do feminino na cena política-trabalhista brasileira, podemos dizer que tal ação se configurou como um reflexo de um fato evidenciado no meio social do qual esta fazia parte, o qual seria a sua constante aparição e integração nos espaços públicos, até pouco tempo restrito somente ao masculino.

Sobre isto, é sabido que, durante o século XIX, quando se falava em valores femininos de referência, o pensamento patriarcal no qual homem funcionava como o órgão vital da família, e todas as mulheres que dela fizessem parte deveriam prestar respeitosa obediência, estando esta na condição de filha ou esposa, imperou como o melhor modelo a ser seguido (SCOTT, 2012). Desta forma, passou a ser considerado importante para este homem “proteger” esta mulher em seu seio familiar, assim o espaço de atuação do feminino neste período fica restrito ao universo do lar, onde a única distração desta consistia na criação de artesanatos e nos afazeres domésticos.

Margareth Rago(1991) em uma análise à respeito da visibilidade feminina ao longo da história, cita o caso dos viajantes franceses que, ao descreverem a situação das esposas dos grandes fazendeiros brasileiros, ligavam a sua atuação à invisibilidade e ao anonimato. Tal visão seria motivada pelo fato destas se encontrarem em posição de extrema subordinação aos seus maridos, nunca sendo vista por aqueles que não fizessem parte do seu círculo de intimidade. Ao mesmo tempo, a autora atenta para a necessidade de relativização dos papéis sociais atribuídos ao feminino nesta época, pois não se pode pressupor que todas estas mulheres assumiam a condição de subordinada, e também não se deve generalizar tal modelo de conduta, em razão de nem todas as mulheres no Brasil do século XIX poderem contar com o sustento dos seus maridos, sendo em muitos casos obrigadas a saírem de suas casas em busca de afazeres, os quais poderiam gerar um retorno econômico para que estas pudessem ajudar nas despesas domésticas.

No entanto, não deixamos de atentar para a existência de um modelo ideal de feminino oitocentista, o qual pregava a submissão do feminino às ordens do masculino, tido como superior, marginalizando aquelas que apresentassem um padrão desviante.

Tal realidade passa a ser alterada com a chegada do século XX, pois a necessidade de reconfiguração do espaço brasileiro, que de “atrasado e escravista”

agora buscava ser “moderno e higienizado” também acabou reconfigurando o lugar a ser assumido pelo feminino nesse novo período. Neste momento a mulher passa a não ser mais vista como um adorno submetido às vontades de seu pai ou marido, já que agora se prega a sua função edificadora, a qual seria a de ser o indivíduo responsável pela manutenção do lar e da família.

Para Ana Scott (2012), vários fatores sociais contribuíram para a edificação deste novo perfil feminino, entre estes podemos citar a inclusão do ideal romântico nas relações conjugais. Sendo esta antes ligada apenas à procriação, com a chegada do novo século passou a ser vista pelos médicos higienistas como uma possibilidade de se edificar uma relação sólida e harmônica, onde os indivíduos agora poderiam, de comum acordo, escolher seus companheiros para a vida. Desta forma, não caberia mais aos pais fazer os arranjos matrimoniais de seus filhos, pois agora lhes era dada a oportunidade de conhecer novas pessoas e estabelecer um contato inicial através do *flerte*, prática esta que passou a ser possibilitada em razão da alteração dos comportamentos sociais, os quais agora abriam uma maior margem para o convívio entre os sexos.

Pelo fato destas relações, tidas agora como amorosas, se estabelecerem de uma forma mais íntima, passou-se a se pregar discursivamente a necessidade de se edificar um lar onde o homem e a mulher cultivassem a privacidade do mesmo. Ao contrário do universo colonial, onde a casa da família vivia abarrotada pela presença dos escravos domésticos e dos agregados, era importante a edificação de um espaço familiar aconchegante, restrito aos olhares de estranhos. Era neste momento que a “nova” mulher moderna entrava em ação, pois cabia a ela zelar por este lar e pela educação dos indivíduos dele proveniente.

Até este ponto, podemos perceber o quanto estas novas práticas, as quais comporão o cenário moderno evidenciado no Brasil, ainda tinham como seu principal objetivo direcionar as mulheres para o ambiente domiciliar. Entretanto o diferencial estava no fato de algumas mulheres agora terem a liberdade de frequentar os espaços públicos da cidade, terem direito à instrução escolar e também a exercerem um ofício trabalhista, todavia, cabia a esta ter a consciência de suas responsabilidades e de seu dever para com o seu papel “natural”, o qual seria o de mãe, esposa e formadora da moral dos lares brasileiros.

No entanto, o espírito da *Galinha solteirona* ainda perambulava por este universo, causando o terror daqueles que temiam a possibilidade de verem

promissoras mulheres de famílias sendo desviadas de seus destinos. O cenário no qual estas estavam inseridas era tido como propício para a ocorrência de tal fatalidade, já que as barreiras domiciliares não eram mais capazes de restringir o feminino, fazendo deste um espírito liberto, se comparado a suas antepassadas do período colonial.

Como vimos, nos períodos que compreendem as décadas de 1920 e 1930, evidenciou-se nos espaços metropolitanos a ampliação das possibilidades das mulheres frequentarem e usufruírem das benesses oferecidas pelo espaço público. Os divertimentos não estavam mais restritos às idas às missas ou à festa do padroeiro, agora se podia ir às ruas, passear pelas praças, olhar as vitrines das lojas, e se tal movimentação torna-se cansativa, ainda haveria a opção de tomar um delicioso sorvete em alguma delicatessen. A movimentação por este espaço também passava a ser mais dinâmica, pois já não era considerado “elegante” usar vestidos com grande comprimento e vastas saias, era preferível usar a abusar de modelos mais leves e mais curtos, os quais pudessem proporcionar agilidade aos movimentos, e assim como no cotidiano moderno, trazer velocidade ao caminhar (SANT’ANNA, 2012). Os cabelos, antes adornados com vastas tranças e complexos penteados, são substituídos pelo corte *La garçonne*, última moda nos salões de beleza em Paris que colocava o pescoço das mulheres a mostra a também o seu rosto que poderia ser melhor visualizado, já que este não estaria mais sufocado por uma imensidão de cabelos.

Vemos que a modernidade brasileira trouxe um maior apelo para a autonomia feminina, pelo fato de a mulher agora ser incentivada a sair, estudar, trabalhar, e ser vista por todos sem a necessidade de temer represálias. Contudo, tamanha liberdade, segundo os discursos jurídicos, seria capaz de por em risco a moral desta mulher, pois estas estariam expostas às tentações das ruas, correndo o risco e ter a sua reputação manchada caso cometesse um ato que pudesse questionar a sua honra (FREIRE, 1975). Então, de quais formas podiam-se guiar estas mulheres para que não se desviassem do caminho “correto” em um novo ambiente convidativo às tentações?

Respondendo a este questionamento, a historiadora Tânia Regina de Lucca (2012) aponta que uma das formas para dialogar com esta nova mulher seria um meio que lhe pudesse falar de uma maneira intimista, fazendo desta proximidade “um importante elo no processo de transmissão de novas informações, mas também

de convencimento e mesmo imposição” (LUCCA, 2012, pag.448). Que meio seria esse? As revistas semanais, consideradas como um dos veículos de comunicação mais indicados a exercer esta tarefa. Pelo fato de serem capazes de acompanhar os assuntos evidenciados no cotidiano de suas leitoras, estas revistas passaram a ser vista como uma importante aliada para a normatização deste novo perfil feminino emergente, já que esta era considerada como termômetro a medir os novos comportamentos da época.

A partir disto, é de importância para nós percebermos a inclusão do periódico *Fon Fon* neste emaranhado discursivo composto pelos diversos títulos semanais ilustrados de circulação nacional, o qual visava criar a mulher moderna “pura e recatada”. Desta forma, era preciso haver uma interferência direta, apoiada em enunciados prescritivos e normativos que ordenam o que fazer e como fazer. Para elucidarmos tal afirmação, podemos nos basear na alegria do colunista Max Linder ao anunciar a seguinte notícia.

As mulheres voltaram a descer as saias, cobrindo novamente tudo aquilo que fez o delicioso escândalo dos olhos irreverentes e diabolicamente penetrantes dos homens. Durante algum tempo, durante o paradisíaco domínio da rolitante tanga de seda, que fez as vezes da milenária folha de parreira indumentária feminina de pleno século XX, Eva tentou, tentou, esgotando todos os recursos de sedução de que é capaz uma creaturinha como ella, meio nua, meio vestida, neste mundo de meu Deus.
... E ellas que são inteligentes, finas, perspicazes, tudo compreenderam diante do fracasso da velha maneira de tentar. E voltaram vestir-se – quero dizer – desceram as saias... (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº 1, 4 de Janeiro de 1930, Seção Alto Fallante, pag.53)

Ao analisarmos a colocação do jornalista sobre novo caráter da vestimenta feminina, percebemos seu interesse discursivo em mostrar sua reprovação diante desta nova atitude no momento em que este faz alusão à figura de Eva, objetivando equiparar as ações das mulheres da sua época com a representação desta, como uma mulher tentadora e corrupta. Notamos, assim, que em pleno ano de 1930, ainda era posto em prática o discurso medieval, o qual fazia alusão à representação do feminino através da figura de Eva, como a mulher tentadora e diabólica, e da Virgem Maria, o exemplo de mulher pura e casta, como uma ferramenta para normatizar os padrões de comportamento de seu público leitor. Percebemos através da opinião do jornalista o repúdio às novas atitudes assumidas pelas mulheres, no momento em que este mostra grande satisfação ao noticiar o fato dessas terem “descido o comprimento

de suas saias”, dizendo o quanto tal ação denota a inteligência e a perspicácia das mesmas.

Baseando-se novamente nos ensinamentos de Michel Foucault (2012), esta seria uma forma de demonstrar como, na sociedade, a produção de um discurso é controlada, selecionada e redistribuída por certos procedimentos ao longo do tempo, tendo por principal objetivo o exercício do poder. Neste caso, para que o discurso continue a exercer influência, é preciso a sua difusão, ou seja, é necessário o proferir de uma série de enunciados, objetivando o alastramento de uma malha discursiva. Quando a *Fon Fon* passa a condenar a novas ações femininas no ano de 1930, ela funciona como um veículo discursivo capaz de criar uma série de enunciados, os quais ao serem ligados a outros são capazes de compor uma prática discursiva (FISCHER, 2001), obedecendo a uma série de interesses.

Em razão de seu poder discursivo, passava a ser importante para os editores da revista conscientizarem o seu público leitor, composto em sua grande maioria por mulheres, a usufruírem dos benefícios oferecidos pela modernidade, mas, ao mesmo tempo, preservarem um comportamento “decente”, para isto, se fazia necessário, expor um modelo de feminilidade padrão, se comparado aos demais, pois este deveria conciliar a imagem de uma mulher moderna e ao mesmo tempo comedida diante de todas as tentações oferecidas por este novo universo.

Ainda sobre a discussão a respeito de um comprimento ideal para as saias, apreendemos através desta um outro aspecto que ganhou grande dimensão discursiva nos meados do século XX, o qual seria a descoberta do corpo feminino em sua dimensão sexual. Como foi dito anteriormente, a modernidade trouxe junto com seus emblemas a ideia de dinamismo, velocidade e conforto, sendo estas transmitidas não só com os avanços tecnológicos ou automobilísticos, mas também através dos vestuários, os quais passaram a por em evidência o corpo feminino através de trajes mais colados e curtos.

A respeito do surgimento da noção do corpo enquanto algo sexualizado, Anna-Marie Sohn (2011) aponta os períodos que compreendem as três primeiras décadas do século XX, mais conhecida como *Belle Époque*, como os precursores daquilo que ela nomeia como “recuo do pudor” o qual consistiria “na superação das barreiras impostas pelas tradições” (SOHN, 2011, pag. 110). Tal ação teria culminado, segundo a autora, em uma série de inquietações, como ao exemplo das que foram evidenciadas por nós através da opinião do colunista Max Linder, as quais

ainda viam com estranhamento o fato de as mulheres poderem mostrar o contorno de seus corpos e partes até então tidas como míticas, como o seu calcanhar e suas pernas.

Um dos fatores de contribuição para a edificação desta nova imagem sobre corpo certamente era a moda, a qual a cada momento pregava a necessidade de não manter as formas femininas presas e sufocadas a utensílios arcaicos como as anáguas de grandes dimensões e os espartilhos, o qual, como foi comprovado cientificamente, seria capaz de causar má colocação das costelas, comprometendo o movimento do corpo ao caminhar. A dinamização deste setor, também passou a ser aliada ao turismo balneário, que ao desenvolver uma vestimenta capaz de gerar lucros exigiu a existência de um discurso que justificasse a importância em se comprar este produto vendo como principal alternativa para chegar a tal objetivo, pregar a necessidade de homens e mulheres usufruírem da brisa marítima vestidos com os trajes da última estação, aliados a até então, a recente descoberta dos benefícios do banho de mar para a saúde, apelo este que não deixou de fazer eco nas páginas da revista *Fon Fon*.

Figura 4: Publicidade roupas de banho Bradley



Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº 20, 17 de Maio de 1930, pag.9

Ao analisarmos o anúncio, depreendemos a partir deste a intenção de apontar os melhores trajes de banhos a serem usados, tanto por homens quanto por mulheres, para que ambos pudessem usufruir do seu passeio com praticidade e conforto. A

publicidade dos artigos de banho Bradley, certamente funcionava como um comando para aqueles desejosos de apreciar o lazer e passear pela praia de Copacabana no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que cuidavam da saúde do seu corpo. Sobre isto, notamos que os modelos da campanha, a partir de seus corpos de porte atlético e esbelto, enalteciam o discurso higienista o qual pregava a adoção de um físico forte e saudável, como um reflexo da nação brasileira pura, eugenizada e higienizada que se desejava erigir.

Os aspectos presentes nestes trajes também evidenciam algumas mudanças nos modos de vestir o corpo feminino. As pernas agora estavam à mostra, as curvas do corpo eram salientadas, passando a funcionar como um convite aos olhares de todos os transeuntes, sendo esta, vista ao mesmo tempo uma ação inocente e de aceitação pública. Outros tipos de atividades como as caminhadas e o pedalar também puseram em evidencia este corpo, que a cada momento passava a ser mais desvelado.

O universo cinematográfico, no ano de 1930, também entra em cena desmistificando a sexualidade, que passa a ser vista e compreendida como uma componente integrante do corpo humano. Finais felizes agora consistiriam nos beijos longos e apaixonados trocados entre o casal protagonista dos filmes, o contato corporal entre homens e mulheres não era mais visto como algo pecaminoso ou restrito somente àqueles que estivessem legitimamente casados. A sexualidade antes tida como assunto marginal, por denotar ser algo “sujo” e proibido, com a modernidade se transforma em um componente do cotidiano pelo fato de estar imbricado à vida dos indivíduos, podendo, segundo os discursos conservadores, funcionar como uma arma perigosa caso, chegasse ao conhecimento de seres errados, neste caso, de mulheres erradas.

Sobre este aspecto, Margareth Rago nos aponta que, com o crescimento urbano e socioeconômico do Brasil, houve o embaralhamento de antigas demarcações das atividades atribuídas ao masculino e ao feminino, sendo assim, passou a ser impossível, segundo a autora, não se espalhar, dentre os tradicionalistas daquele período, um temor generalizado a respeito do rompimento de tais barreiras. Havia a crença de que uma mulher desfrutando de tamanhas liberdades, sem ter a necessidade de prestar conta de seus atos, em muito se assemelhava com um segmento social, considerado por Margareth como um fantasma social pelo fato de ser ignorado, mas ao mesmo tempo temido, as prostitutas, mulheres vistas como

figuras da modernidade em razão de seus costumes liberados, e por afrontar os preceitos da moral tradicional do país.

Assim, o *fantasma* da prostituta passa a ser invocado com o objetivo de conter o avanço da mulher, a qual cada vez mais pressionava pela liberdade de ingressar na esfera pública. A prostituta se converte em uma nova barreira moral a ser erguida em nome da defesa da moral da mulher de família, que deveria, a partir daquele momento, policiar suas ações visando, com isto, não ser comparada com aquela tida como um padrão a jamais ser seguido.

Ainda sobre isto, Margareth Rago nos incita a questionar o porquê da necessidade em se exorcizar este fantasma ignorado e esquecido em meio aos discursos sociais. Mais à frente, a autora nos aponta que a desterritorialização das subjetividades causadas pelo advento da modernidade generalizou o temor diante das redefinições dos lugares atribuídos aos sexos, sendo assim, era necessário estabelecer nítidas diferenciações entre as figuras femininas da “mulher de respeito” e da “prostituta”, pois desta forma a sociedade burguesa acreditava defender-se da ameaça deste fantasma, já que a prostituta passava neste espaço a ser “construída como um contra ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina” (RAGO, 1991, pag.40).

Tal tarefa às vezes poderia se configurar em um árduo trabalho, pois ao mesmo tempo em que se fazia um grande esforço para enquadrar, por meio de uma série de normas, o lugar da mulher merecedora do respeito social, os divertimentos oferecidos a estas acabavam por desviá-la dos caminhos traçados para elas. Exemplo disto pode ser a popularização dos salões de danças na cidade do Rio de Janeiro, espaço onde as mulheres desejosas por diversão se dirigiam na esperança de aperfeiçoar ou até mesmo de aprender o *Maxixe*, ou como ficou mais conhecido, o “tango brasileiro”. Este passo se popularizou no Brasil no início do século XX, e exigia dos dançarinos grande contato físico, os movimentos executados, a depender do ritmo, se configuraria em uma dança provocante, sem contar que para um melhor aproveitamento do desempenho, os vestidos com fendas laterais eram sempre bem vindos. O apelo à sedução feminina neste lugar acabava se aprimorando com a utilização da maquiagem composta pelos *rouge* responsável por trazer cor mais viva à face, e os batons, os quais evidenciavam os lábios antes negligenciados.

Diante de tal perigo, segundo Carla Bassanezzi (2012), era necessário impor a presença dos olhares reprovadores e vigilantes em meio a este espaço, objetivando

com isto a fiscalização das ações e o frear de um possível “desavergonhamento”. Neste momento a figura dos vizinhos, professores e familiares serviam como um dispositivo de vigilância capaz de punir qualquer ação controversa, delimitando a natureza do espaço social, que de forma alguma deveria denotar ares semelhantes aos bordeis situados nas áreas marginais da cidade, a qual só poderia ser apreciada pelos olhares masculinos.

Sendo assim, percebemos que, embora várias barreiras restritivas fossem erguidas com o objetivo de normatizar, e em algumas ocasiões, impedir de o feminino usufruir dos benefícios modernos possibilitados no ano de 1930, ver-se também a impossibilidade de negar a estas mulheres o prazer de desfrutar das novas formas de entretenimento oferecidas por estes novos tempos. Portanto, foi visto como uma ação necessária difundir a possibilidade de mulheres se tornarem cultas, letradas e desejosas por diversão, e também em grandes e respeitáveis mães de famílias, desde que não quisessem competir com os homens, ou trocar sua posição social pela dele. Em meio a isto, mais uma vez, a imprensa passa a funcionar como uma caixa de ressonância deste discurso com o objetivo de mostrar claramente os contornos da “mulher ideal” dos novos tempos.

Retomando Carla Bassanezi, esta nos diz que ao longo da história as mulheres tiveram de aceitar o encargo de serem reduzidas às representações do seu gênero, as quais a apresentavam como seres sensíveis, carentes de conselhos e proteção. Desta forma, sempre foi visto como necessário guiar tais mulheres, sejam pelos conselhos religiosos, comuns às mulheres do período colonial, ou os publicados na revista, consideradas um dos melhores conselheiros femininos do século XX. A *Fon Fon* não deixava de ressaltar esta ideia ao descrever a natureza feminina da seguinte maneira.

As mulheres...

Não há, por certo, no mundo coisas mais exploradas que as que se relacionem directa ou indirectamente com a mulher. Tudo que se possa dizer della, ainda hoje, é banal, banalíssimo, mas, não sei por que, tem sempre um cheiro de novidade, e desperta na gente, a cócega da curiosidade.

Por que! Talvez porque a mulher seja ainda um ser incompleto, psychologicamente – e quem sabe organicamente e physiologicamente.

... Dahi, possivelmente a razão de ser a mulher uma verdadeira “caixa de surpresas” Guiando-se na vida, mais pelo instinto do que pela intelligencia, ella, por mais que não queira admittir, é e será mais “animal” do que o homem, mais physica e menos espiritual do que seu companheiro...(Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº 3, 18 de Janeiro de 1930, (Seção Alto Fallante) pag .36)

A partir da colocação acima posta, apreendemos a intenção discursiva de se afirmar a inferioridade feminina tomando como base o seu comportamento. A mulher é descrita como um indivíduo de pouca racionalidade se comparada ao “seu companheiro”, no caso o homem, pois esta, segundo o autor da matéria, seria *psychologicamente* incompleta, e teria, por isso, um comportamento volúvel pelo fato de seus instintos se sobreporem as suas ações, semelhantes à de um animal.

Para Bassanezzi, colocações como estas demonstram o quanto, mesmo com advento da modernidade e com os avanços dos estudos científicos, as mulheres ainda eram “identificadas com o seu sexo, confundida com ele, e a ele reduzida” (BASSANEZZI, 2012, pag.471). Reduzir a mulher a um ser de racionalidade perene era vista como uma ferramenta discursiva importante, pois a partir disto, passava-se a se justificar a necessidade constante de guia-la, já que, teoricamente, estas não teriam discernimento suficiente para decidir e arcar com suas decisões ao longo de sua vida, sendo considerado necessário haver uma constante interferência de meios como a revista a *Fon Fon* para apontar o melhor caminho a ser seguido por esta.

Mas, como a própria revista colocou em sua matéria, a mulher é uma verdadeira “caixa de surpresas”, e no ano de 1930 esta colocação passou a fazer todo o sentido, pois ao que parece, o fantasma da *Galinha Solteirona*, citado no início deste tópico não conseguiu ser exorcizado, causando uma serie de problemas dos quais teremos conhecimento no próximo número desta história.

Dito isto, ao nos propormos no início deste capítulo a analisar a *Fon Fon* enquanto um veículo de comunicação responsável por difundir, em meio ao público da elite, os benefícios oferecidos pela modernidade no Brasil, especialmente nas cidades metropolitanas como a do Rio de Janeiro, no ano de 1930, evidenciamos, ao longo deste estudo, as maneiras como esta revista se configurou em um reflexo do pensamento social de sua época, ao divulgar em suas paginas o entusiasmo em testemunhar e divulgar a marcha do país rumo ao progresso, ao mesmo tempo em que enraizava, através do seu discurso, um posicionamento tradicional, o qual, em alguns casos, acabava por contrariar o seu próprio lema de vendas, pois, ao invés de levar seus (a) leitores (a) a um passeio por novos rumos, esta, no fim, os fazia permanecer no mesmo lugar, mantendo a ilusão da existência da edificação de um novo homem e uma nova mulher moderna.

Capítulo II

Bendita aquela de tez pura, corpo e moral limpa: A pedagogização do corpo feminino nas páginas da *Fon Fon*

“Aqui vai o exame que eu fiz da sua jovem apaixonada. A senhorita X..... deve ser dócil, aparentemente, mas inflamável, capaz de gestos violentos. Intelligencia medíocre é verdade. Mas voltada para as coisas bellas. Não é sincera, como toda mulher, mas é capaz de amar e ser esposa fiel. Pródiga, sabe no entanto economisar, quando se trata do seu bem estar” (Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº 1, 4 de Janeiro de 1930, (Seção *Saibam Todos*) pag.10

Estar apaixonado, segundo a literatura romântica, é estar submerso por uma gama de sentimentos, que varia entre a extrema felicidade, até o medo de ser magoado, caso o afeto sentido não seja correspondido ou, no pior dos casos, não enxergar os defeitos capazes de fazer com que você seja enganado pela pessoa amada. No ano de 1930, este questionamento não deixava de adentrar-se ao pensamento dos jovens apaixonados, inclusive aqueles que eram leitores da *Fon Fon* e viam na figura de Yves, uma alternativa para sanar tal inquietação amorosa.

Desta maneira, o texto acima se trata de um fragmento da carta de um leitor da seção “*Saibam Todos*” em busca de esclarecimentos. Este, ao enviar a *Fon Fon* esta missiva, solicita um exame de traços “*physionomicos*” da mulher por quem declarava nutrir grandes sentimentos. Com este exame, o qual era feito periodicamente por Yves, um dos colunistas da revista, o leitor acreditava poder conhecer a personalidade da sua escolhida para, assim, poder iniciar devidamente o processo de corte, sem correr o risco de ter o seu coração magoado no processo. Contudo, como pudemos perceber, a resposta divulgada na seção não foi totalmente positiva.

Após este teste, não tivemos nenhuma informação a qual pudesse esclarecer se o resultado do exame referente à fisionomia da “*Senhorita X*”, de alguma maneira, influenciou na decisão do curioso leitor. No entanto, não pudemos deixar de nos voltar para os “*defeitos*” e as “*qualidades*” atribuídos à senhorita após a análise de suas características. Vemos que, segundo o olhar do colunista responsável pela execução deste, o fato de a mulher em questão ser dócil somente em sua aparência, ser dotada de uma inteligência medíocre, e também, não ser sincera *como toda*

mulher, seria considerado como falhas da personalidade desta, sendo esta última “falha” um indicativo que nos faz ver a propagação de um estereótipo machista, no qual a mulher seria um indivíduo pouco confiável, e assim impassível de ações sinceras. Apesar de tudo, ao mesmo tempo em que era atribuída beleza aos seus defeitos, pois a senhorita, apesar de tudo, teria gosto para as coisas belas e também era econômica.

Mas nos chama a atenção, o fato desta ter ao seu favor o “dom” de ser *capaz de amar e ser esposa fiel* assim, esta seria capaz de edificar um lar, apesar de sua personalidade “defeituosa”, prerrogativa a qual no faz supor o quanto o ato de se ter vocação para o matrimônio era visto como um bom indício, caso o solicitante do teste seguisse em frente com sua empreitada.

A partir da leitura deste exame, passamos a nos questionar a respeito de alguns pontos. O que poderia ser considerado como uma inteligência medíocre? Por que uma mulher não poderia manifestar nenhum gesto violento? E mais, toda mulher seria impassível de sinceridade? Que tipo de mulher arrancaria elogios de Yves, caso este fizesse seu teste “*physionomico*”? É a partir destes e de outros questionamentos, que enveredaremos pelo segundo capítulo deste trabalho, cujo objetivo se baseia no estudo dos discursos presentes na revista *Fon Fon*, através da fala de Yves, a respeito do que se convencionou- se acreditar ser o tipo ideal de feminino, no Brasil do início dos anos de 1930. Através da observação das publicidades e de seus enunciados, os quais compõem esta publicação, analisaremos as formas como este periódico exerceu o seu poder discursivo, objetivando, com este, solidificar um modelo feminino pedagogizado, tendo como base para a legitimação deste, conselhos como o do “sábio” Yves, os quais eram dirigidos como “único objetivo” proporcionar o bem estar de seus(a) leitores(a).

2.1) Sabão para o Corpo, Moral para a Alma: O higienismo segundo a Fon Fon

No dia quatorze de junho de 1930, o seguinte anúncio estampou uma das páginas da revista *Fon Fon*.

Figura 5: Publicidade Gyraldose



Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, N°24, 14 de Junho de 1930, pag. 7

O anúncio posto intenciona promover os benefícios de se utilizar o sabão anticéptico *Gyraldose*. Ao lermos o enunciado principal *para a hygiene intima da mulher*, percebemos a quem era dirigido o discurso presente na mesma, ao público feminino. As funções apresentadas pelo produto se mostravam as mais variadas, para a satisfação do seu mercado alvo, desde o perfume e rejuvenescimento da pele, até a cicatrização de possíveis escoriações, graças a sua ação de antisséptica, fornecendo aos seus consumidores *a graça e a saúde*. Dos elementos presentes na publicidade, a figura ao meio capta nossa atenção pelo fato de nos mostrar três mulheres diante de uma criança, a qual era apresentada ao *Gyraldose*. Vemos que a criança em questão, ao contrário das outras personagens, aparece desnudada e portando um par de asas, fazendo referência à figura de um anjo, elemento da cultura ocidental o qual representa a pureza e a inocência.

Tendo como base estes elementos, apreendemos a intenção dos idealizadores em mostrar a criança como um indivíduo ainda ingênuo à respeito das coisas

mundanas, sendo necessário a este, algo ou alguém, que lhe desse alguma instrução. Neste momento as mulheres a sua volta assumiriam este papel, pois estas estariam encarregadas de mostrar, a este ser ignorante, a necessidade de utilizar tal sabonete em prol da higienização de seu corpo.

Mensagens semelhantes a esta por nos observada foram presença constante nas publicidades vinculadas em veículos de comunicação como a *Fon Fon*. o interesse mercadológico em mostrar a necessidade de manter a higiene corporal e de passar este conselho para outras pessoas, em especial aquelas as quais faziam parte do ciclo familiar, se converteram em palavras de ordem nestes anúncios. Tal discurso era um reflexo de dois momentos históricos vividos no Brasil em inícios do século XX, o primeiro, seria a adoção do consumo de produtos industrializados, os quais passavam a ser promovidos em publicidades como esta por nós analisada, e o segundo, em consonância com o primeiro, seria aquele o qual historicamente ficou mais conhecido como movimento higienista¹¹.

Para Jurandir Freire (1979), o movimento higienista poderia ser definido, desde o século XIX, como uma transição, na qual a família burguesa brasileira passa a ser tutelada pela medicina social baseada em uma política de higiene física e moral. Ao contrário do modelo familiar oitocentista, que tinha como uma das suas principais características o fator de estar sujeita à ordem de um chefe, a quem era incumbida a obrigação de tomar todas as decisões referentes ao interesse e bem estar de sua prole, passa a haver uma nova configuração neste ambiente, e a figura do médico assume o papel antes atribuído ao patriarca familiar, através de conselhos referentes a educação física, moral, intelectual e sexual, este indivíduo passa a exercer a máxima autoridade entre o universo das famílias brasileiras, quando o assunto girava em torno das melhores maneiras de manter o bom funcionamento desta instituição.

Ainda em Jurandir Freire, este momento teria sido o reflexo da opinião dos profissionais da saúde deste período, de que a família em si não teria a capacidade de gerir e proteger a vida dos seus entes, assim, apresentar a esta um modelo educacional higiênico que consistia na exaltação de um corpo saudável, robusto e

¹¹ O movimento higienista é definido como um ideal que passou a ser difundido no Brasil ao final do século XIX, cuja principal preocupação seria a saúde dos corpos brasileiros. Através da educação física e dos hábitos higiênicos diários, acreditava-se poder melhorar o perfil da saúde no país, com a formação de indivíduos fortes e higienizados. Embora a historiografia pontue o fim deste movimento entre as décadas de 1930 e 1940, existem aqueles que acreditam na permanência de alguns de seus preceitos na educação atual. Ver: GOIS JUNIOR, E. LOVISOLO, H. *Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX*. Revista Brasileira de Ciência e Esportes, v.25, p.41-54, 2003.

harmonioso, em detrimento do corpo doentio e magro, comum ao indivíduo colonial, foi visto como melhor projeto a ser posto em prática, visando reconfigurar a perfil das famílias brasileira, no caso, aquelas que se encaixavam em um padrão tido como burguês.

Com a chegada do século XX, e dos ideais de modernidade e progresso, os preceitos higiênicos passaram a ganhar um maior poder discursivo, em razão de o país, neste período, estar vivendo em busca da redefinição do perfil do cidadão brasileiro, o qual deveria assumir um protótipo semelhante àquele tidos como referência de civilização, o europeu. Desta forma, uma série de tratados médicos voltados para o aconselhamento familiar entram em vinculação objetivando difundir uma campanha social, na qual houvesse a conscientização do núcleo familiar brasileiro, em se unir em prol da regeneração da nação.

A Historiadora Maria Bernardes Ramos (2002), ao fazer uma análise sobre a formação do conceito de nação moderna no Brasil em inícios do século XX, nos apresenta uma série de destes tratados, os quais expressavam a concepção dos ditos profissionais da higiene a respeito das ações a serem seguidas para que o projeto de civilização do brasileiro lograsse sucesso. Dentre estes, a autora nos fala do Dr. Renato Kehl (1929), médico responsável pela campanha de “regeneração da espécie” e escritor do livro *A Cura da Fealdade*. Neste livro o médico adjetiva o povo brasileiro como “feio, desengonçado e doente” e que seu tratado seria a sua contribuição em nome do desejo de “corrigir os defeitos” do corpo do brasileiro, com a indicação de métodos que trouxesse saúde e beleza a estes corpos, afastando a discriminada fealdade (KEHL, 1929, pag.202). Estes métodos, em grande parte dos casos, consistiam na prática de exercícios, voltados para o fortalecimento do físico, de uma rotina de higiene, para se evitar a doença e com isto, e o aumento do índice de mortalidade brasileira, e por ultimo cultivar um tipo moral, o qual fugisse da degeneração atribuída aos “alcoólatras”, “enfermos” e “loucos”.

Desta forma, um novo pensamento sobre o corpo é apregoado. Este que era biologicamente rotulado como um feixe de mecanismo e um pedaço de matéria em movimento passa a ser, na virada do século XX, restaurado e submetido às transformações culturais (COURTINE, 2011).

Para Michel Foucault (2012) a difusão do ideal político republicano, em detrimento do regime monárquico, serviu como alicerce para formular estas novas percepções sobre o corpo dos indivíduos. A monarquia que antes tinha na figura do

rei seu principal representante, sendo importante para o bom funcionamento do regime a proteção do corpo do monarca, com a chegada da república, passa a ser substituída pelo corpo social, assim, é visto como necessário protegê-lo de todos os tipos de mazelas, pois este novo corpo assumia um papel importante, o qual era o de representar a força de uma nova nação. Desta forma, para Michel Foucault surge um investimento do corpo em meio às relações de poder, a para o seu sucesso foi considerado imprescindível que *em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, ser aplicadas receitas, terapêuticas, como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes* (FOUCAULT, 2012. pag. 234).

Percebemos um processo de disciplinarização sobre o corpo em conjunto com a necessidade de se desenvolver mecanismos de poder, os quais pudessem sujeitar estes corpos ao domínio de uma série de discursos, como o da execução de exercícios para fortalecê-lo e afastar o risco de possíveis doenças, e a procura por ajuda médica, caso algum mal o acometesse. Para a concretização do sonho de se criar um novo tipo nacional, o qual se encaixasse nos padrões vistos como ideais, era necessário o desenvolvimento de métodos educacionais, que tivessem como base os preceitos higiênicos, pois, somente a partir disso, seria possível “salvar” a sociedade de sua horda primitiva. Neste momento, os personagens por trás deste processo, os higienistas, desenvolveram um plano, o qual visava à hierarquização social dos indivíduos, entre superiores e inferiores, de acordo com um padrão de inteligência por eles formulado.

Nesta escala, o posto mais alto seria ocupado pelos homens, pois, o preconceito que conclamava a maior capacidade do masculino para as profissões intelectuais era tido como um fator cientificamente comprovado. Portanto, a este homem era delegada a função de ser a mente dominante dentro de seu núcleo familiar, embora com algumas diferenças de seu antepassado do período colonial, já que o homem “higienizado” não deveria assumir as responsabilidades de um antigo patriarca, o qual muitas vezes era responsável por gerenciar bens, escravos, mulheres, filhos, e demais agregados familiares. Antes de tudo, o chefe da família burguesa deveria assumir o papel de pai, ofício ao qual dedicaria seus melhores anos e a sua maior força, pois dele dependia a regeneração da raça brasileira, e era a partir de seus esforços que o Brasil poderia ser uma nação higienizada.

Tais assertivas sobre a importância do masculino assumir a sua missão em prol do estado-nação era difundido com vistas a enaltecer sua virilidade. Neste espaço, veículos de comunicação, entre estes, a *Fon Fon*, usavam de seu poder discursivo para pregar a imprescindibilidade deste em se manter sempre ativo e forte, sendo o processo de envelhecimento deste encarado como uma derrota, em razão de o homem velho ser uma figura descartável por não mais poder assumir as funções em prol do bem da sociedade. Vejamos.

SABER ENVELHECER

Desde os mais remotos tempos, os homens buscam, infatigavelmente, meios de escapar à velhice. O amor próprio e o orgulho os guiam nesse labor sem tréguas. Raros admitem a velhice como verdadeira redempção de vários males e muitas dores da juventude... A maioria esquece das leis naturais, o declínio de tudo – o insecto morto após a fecundação o valor passageiro de todo reprodutor – a agarra-se com unhas e dentes às esperanças vãs da renovação dum período de vida definitivamente encerrado pela mão impiedosa do tempo. (Revista *Fon Fon*, Ano XXVI, Nº28, 12 de Junho de 1930)

Este enunciado foi publicado pela *Fon Fon*, em seu espaço editorial. A discussão principal deste girava em torno das dificuldades de os homens aceitarem o seu envelhecimento. Em meio a esta pesquisa, nos chama a atenção o momento no qual a publicação afirma que este homem passava a ser *um insecto morto após a fecundação* havendo assim *um valor passageiro de todo reprodutor*. A partir desta afirmação, apreendemos, no ano de 1930, a prevalência de um pensamento, o qual determina que o principal papel social a ser assumido pelo masculino, é o de reprodutor, não havendo para este outra função a não ser esta, pois se afirma que, ao perder sua capacidade de se reproduzir, este não obteria mais o valor outrora atribuído. Desse modo, compreendemos o fato deste homem se recusar a envelhecer, em razão de sua idade avançada ser, no seu meio social, sinônimo de sua incapacidade de cumprir as obrigações atribuídas discursivamente a seu gênero.

Retomando o pensamento de Jurandir Freire, no período de circulação do enunciado analisado, um homem só poderia ser considerado como um indivíduo socialmente respeitável se cumprisse seus “deveres”, os quais seriam: dedicar o melhor de suas forças para o estado, prover o sustento de sua família e otimizar a reprodução física da almejada nova “raça” brasileira. Ser pai se convertia em um modelo higiênico para todos os homens, pois era neste padrão que se englobava

todas as medidas de masculinidade social e comportamento físico no qual se encaixava o adulto viril (COSTA, 1979. pag.240). Desse modo, conclui-se que, a partir do momento no qual o homem brasileiro não pudesse cumprir com sua “obrigação”, este se convertia em um elemento inútil à sociedade, já que, ao se encontrar em uma idade avançada, não poderia mais contribuir para o “melhoramento” de sua nação.

Ainda nos baseando na ideia de escala, em seguida vinha o ideal de mulher higienizada. Ao observamos o perfil feminino higiênico, vemos que a esta foi delegada uma maior responsabilidade no projeto de “renovação” do Brasil. De maneira similar ao processo de conversão do patriarca a pai higiênico, à mulher caberia o papel de mãe da nação, no qual era importante gerar vários filhos, e caso isso não fosse possível, sua feminilidade era posta em questão. Assim, após a urbanização de algumas cidades brasileiras, em especial a capital, o Rio de Janeiro, momento no qual as mulheres puderam sair de suas alcovas coloniais e acompanhar de perto o processo de urbanização que ocorria na metrópole, era necessário reintroduzir esta a um lar reconfigurado, no qual imperasse o amor conjugal a filial, e o desejo de manter este espaço “saudável” de acordo com os padrões de higiene.

Em nome do desejo de converter a mulher brasileira ao papel de “guardiã do lar”, foi visto como necessário que houvesse um maior aparato discursivo lhe fosse dirigido, com o objetivo de conscientizá-la sobre sua nova função. Os tratados médicos eram unânimes ao afirmar a importância do feminino para a formação de uma descendência brasileira saudável, pois era a partir de seus esforços em cuidar e vigiar o comportamento dos indivíduos do seu núcleo familiar que seria possível manter esta instituição higienizada.

Também foi necessário contar com a influência discursiva exercida pelos meios de comunicação mais próximos a este público, cabendo, assim, aos periódicos ilustrados esta missão, em razão deste manter um contato direto com o universo feminino nesta época. Dentre estes, se encontrava a revista *Fon Fon*, a qual, no ano de 1930, dirigia grande parte de sua leitura ao público feminino, podendo, deste modo, gozar da liberdade de passar a suas leitoras a seguinte mensagem:

Figura 6: Publicidade Maizena

Os bebês de hoje são os alicerces da raça



Oh, Mães extremosas! Procurem fazer com que os seus filhinhos cresçam saudios, robustos, com toda a vivacidade.

A Maizena Duryea oferece os meios para V. S. preparar pratos que os bebês acharão deliciosos e que são ao mesmo tempo nutritivos e de fácil digestão.

Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, Nº27, 5 de Julho de 1930, pag.78

Segundo a historiadora Ana Silvia Scott (2012), a publicidade acima seria um reflexo de um momento histórico no Brasil em que se buscava erigir o perfil de uma “nova família”. Assim sendo, para o êxito desta empreitada, seria necessário também formular o perfil de uma “nova mulher”, a qual deveria ser *uma mãe dedicada que dispensava atenção especial ao cuidado e à educação dos filhos, responsabilizando-se também pela formação moral da criança* (SCOTT, 2012, pag.16). A partir disto, apreendemos a intencionalidade publicitária da *Fon Fon*, em estabelecer um novo hábito de consumo, através do produto *Maizena dureya*, quando, ao examinarmos a imagem e o enunciado que a acompanha nos depararmos com uma mulher alimentando seu bebê, ao mesmo tempo em que propaga o discursivamente *de os bebês de hoje são os alicerces da raça*.

Tal discurso tinha como um de seus objetivos reafirmar a obrigação da mulher em empregar seus esforços para o cuidado de sua prole, pois, a partir do cumprimento desta ação, haveria a possibilidade de haver um futuro promissor para a “raça” brasileira. Quando, logo ao seguir da imagem, vemos outra afirmação com os dizeres *Oh mães extremosas! Procurem fazer com que os seus filhinhos cresçam saudios, robustos, com toda vivacidade*, além da intenção de atrair seu publico alvo para o consumo do produto, o qual garantia ser a melhor opção para a saciedade e

nutrição deste tesouro nacional, percebemos em meio a isto também um apelo endereçado às mães, apontando a todo o momento o seu dever de manter, cuidar e educar seus filhos.

Para os pensadores higienistas, como o deputado Dr. Malaquias, Oscar Freire, Nina Rodrigues e outros, era de suma importância a difusão deste ideal de feminilidade, pelo fato de, na década de 1930, ainda haver o temor das mulheres, em razão da sua nova condição e autonomia, propiciada pela urbanização das grandes metrópoles, deixar seus filhos aos cuidados de terceiros, ou até se negar a acolher o “dom da maternidade” em nome de desejo de usufruir de todos os benefícios oferecidos pela modernização, a exemplo da educação e do trabalho fora de casa. Dessa maneira, a atuação da imprensa brasileira destinada ao público feminino se fazia presente como um dos difusores destas ideias, quando, de maneira incisiva, aconselhava as mulheres a não fugirem de sua vocação, a qual seria a se formar a sua própria família, reforçando a imagem desta como mãe e esposa.

Margareth Rago (1991), ao estudar a imprensa feminina paulistana na década de 1930, aponta uma característica comum a este segmento informativo, que seria a de apoiar as mulheres a irem à busca do direito de se instruírem, integrar os espaços públicos, e lutar contra o mito que pregava a sua incapacidade de exercerem atividades físicas e intelectuais. Contudo, esta mulher deveria usar esta instrução recém-adquirida para o dinamismo do seu lar, espaço ao qual esta mulher não devia fugir, pois, por mais que esta pudesse ser seduzida pelos benefícios trazidos pela vida pública, não deveria fugir de assumir a seu papel de dona de casa, já que um verdadeiro lar não poderia ser edificado sem a presença de uma mulher. Baseado nesta ideia, vejamos um outro anúncio divulgado pela *Fon Fon* em outubro de 1930.

Figura 13: Publicidade Hemitol

Esposa feliz

Ser uma esposa feliz, — que mulher não o desejará? Pois bem. Saúde e cuidados hygienicos são as condições fundamentais para que um casal viva feliz e permaneça unido. Como são desagradáveis e incommodas certas irregularidades produzidas pelas molestias das vias urina-rias! As dores no baixo ventre e na região lombar são geralmente os primeiros signaes de affecções graves da bexiga e dos rins. A esposa prudente deve, pois, na defesa da sua saúde e da sua felicidade, observar as menores irregularidades do seu organismo, e tomar, no momento opportuno, os

Comprimidos de Helmitol

que não só previnem, mas também curam rapidamente as molestias das vias urina-rias. É garantida a sua acção desinfectante sobre esse aparelho. O uso, a tempo, desse preparado evita muitos transtornos que, especial-mente nas pessoas edosas, costumam trazer grandes dissabores e soffrimentos, perfeitamente evitaveis.

3

HELMITOL

BAYER

Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, Nº40, 4 de Outubro de 1930, pag.2

Na publicidade da pomada *Helmitol*, percebemos, de inicio, a ilustração de um típico casal higiênico, branco, de aparência saudável, e em harmonizados ente si. Os dizeres seguintes a esta imagem reafirmam a ideia de a esposa ser responsável por manter a harmonia e o dinamismo do seu lar, pois, para ser uma esposa feliz, *saúde e cuidados hygienicos são as condições fundamentais para que um casal viva, e permaneça unido*. Se caso algum membro do seu núcleo familiar contraísse qualquer doença, era de sua inteira responsabilidade, tanto proporcionar a cura deste enfermo, acatando os conselhos de médicos, como prevenir que a paz de sua família não fosse ameaçada pelo risco de contrair alguma enfermidade, e caso algo contrário a isto ocorresse, a ela seria atribuída toda a culpa, pois, a mesma não soube cumprir com suas obrigações.

A esta também não era permitido adoecer, em razão de grande parte dos avanços medicinais deste período também serem voltados para este segmento, objetivando mante-la saudável, para que estas não se ausentasse de suas obrigações domésticas.

Dito isto, após analisarmos o tecer de uma malha discursiva voltada para a missão de manter o feminino em uma fronteira, a qual não extravasasse os limites entre o consumo urbano e a sua casa, é importante salientarmos que tais manifestações foram emitidas nesta época objetivando atingir a um determinado segmento social, o qual se resumia às mulheres da elite, parte integrante do seletivo grupo da burguesia brasileira.

Por ser maioria dentre o público leitor das revistas brasileiras como a *Fon Fon*, percebemos, em meio a isto, uma ação na qual os discursos eram endereçados obedecendo a um critério de distinção social, pois, era interessante que somente o segmento feminino mais abastado da sociedade tivesse o “benefício” de ser aconselhado por este veículo de comunicação, o qual era um dos principais emissores dos discursos enaltecendo a mulher vocacionada para as atividades do lar.

Fazendo um contra ponto a isto, inferimos que existia uma parcela da população brasileira, que além de não ter acesso à leitura de periódicos, como a *Fon Fon*, ainda era marginalizada pelos discursos higiênicos da época, ao ser apontada como exemplo a não ser seguido, e também como indivíduos a serem evitados em seu convívio, caso houvesse o desejo de fazer parte do seletivo grupo dos brasileiros higienizados.

Dentre estes, podemos citar as mulheres da classe popular, presença tolerada no cenário urbano do moderno Rio de Janeiro, mas ao mesmo tempo temida, em razão de ser vista como uma ameaça à segurança das “mulheres de família”. A historiadora Rachel Soihet (1997), ao fazer um estudo sobre este segmento social, conclui que a origem de tal temor tinha a ver com o fato de existir uma impossibilidade de adequar estas mulheres ao padrão de civilização burguesa, pois, motivada pela sua baixa renda, e pela necessidade de obter seu sustento, passava a ser inviável que estas agissem de forma semelhante às integrantes da alta elite, não podendo, desta maneira, ficar em suas casas cuidando de seus filhos, enquanto seus maridos – se houvesse um – trouxessem os meios de subsistência para a suas casas.

Assim, estas mulheres eram obrigadas a buscar o seu sustento nas ruas, vendendo bombonieres e cigarros, fazendo limpeza a domicílio, ou trabalhando em oficinas de costuras. Sendo a rua um espaço símbolo do desvio e das tentações, havia, para os médicos juristas, uma preocupação sobre o fato de estas mulheres passarem grande parte do seu dia interagindo em meio a este lugar, havendo a

possibilidade destas sucumbirem sua moral as facilidades oferecidas pela vida moderna.

Era recomendado a estas mulheres evitar andar sozinhas pelas ruas e vigiar constantemente suas filhas, caso também trabalhassem fora de casa, refletindo assim uma preocupação com a moralidade, motivada pelos novos tempos. No entanto, Rachel Soihet nos aponta que, embora houvesse uma preocupação por parte das autoridades higienistas em dirigir seus conselhos às mulheres de classes menos privilegiadas, o preconceito em torno destas não deixava de ser visível, pelo fato de, ao contrário dos “bem situados”, os quais se guardava dentro de suas mansões, esta parcela feminina da sociedade se utilizava dos espaços públicos, em muitos casos com o objetivo de obter seu sustento, ou para momentos de lazer e descanso, tornando o plano de “afrancesamento” dos principais centros da cidade do Rio de Janeiro para o deleite da alta sociedade carioca, um plano difícil de ser concretizado. Além disto, também havia o risco destas, em virtude de sua constante interação pública, e motivada pelas dificuldades financeiras, integrarem um outro grupo social passível de temor e alvo de ampla marginalização. As prostitutas.

Estas mulheres eram consideradas pelos higienistas como o principal sujeito a ser capaz de arruinar os planos de se edificar um padrão de família nuclear no Brasil. Segundo estes, pelo fato de exporem deliberadamente a sua sensualidade, com o intuito de atrair sua clientela, e desta forma, se converterem em uma saída imediata para aqueles desejosos de saciarem seus desejos sexuais, as prostitutas seriam, neste cenário, as principais responsáveis pela degradação do homem, em seu aspecto físico e moral, impedindo, com isto, que futuros pais edificassem suas famílias.

Assim, as prostitutas foram vistas como inimigas dos higienistas, pois, além de ameaçar a integridade dos homens, estas também incitavam e mostravam caminhos para a corrupção feminina (COSTA, 1979). Ao analisar este quadro, Margareth Rago (1991) nos chama a atenção para a necessidade de verificarmos os diversos papéis assumidos por estas mulheres ao longo da história do Brasil. Sabemos que no período colonial, e também na transição entre colônia e república, as prostitutas foram consideradas como o melhor artifício para assegurar a honra das “moças de família”, pois, ao refrearem os intuitos sexuais de seus pretendentes a esposo, estas se viam livres de caírem em tentação, de se entregarem a seus noivos antes do casamento, e com isto serem desonradas. Embora esta não fosse considerada uma ação digna de respeito, pouco ou nada se falava destas mulheres, ou seja, a

existência destas era conhecida, e como um “mal necessário” aceita, mas, em detrimento disto, estas transitavam pelo meio social como um fantasma o qual ninguém ousava conhecer e muito menos falar.

Com o advento do higienismo, esta realidade sofre alterações, e a prostituta, antes relegada ao silêncio, passa a ser citada nos manuais de conduta higiênica como um dos principais fatores agravantes para a edificação moral das famílias brasileiras. Apontadas como indivíduos sexualmente descontrolados, ociosas, ambiciosas, incapazes de amar e de desenvolverem o dom da maternidade, em razão de exercerem a prática do aborto e o abandono de recém-nascidos, passava a ser importante salientar a sua função anti-higiênica em meio à sociedade. Neste espaço, as revistas, a exemplo da *Fon Fon*, que antes evitavam tocar em temas envolvendo a ação destas mulheres de “vida fácil”, por temer a influência de tal discurso sobre o seus leitores, adotam uma posição semelhante às seguidas pelos tratados de boa higiene, e passam a falar sobre os perigos de se envolver com esta personalidade. Atentemos para o seguinte diálogo, publicado na seção “Alto Fallante”.

- Sabe que é linda? Acho-a encantadora...
 - Muitos já me tem dito a mesma cousa...
 - Não, talvez com a sinceridade com que lh’o digo...
 - Sincero. Os homens!
 - Sim, por que não? Então já não crê nos homens?
 - Não. Tolero-os, apenas por que... Preciso fazer a vida...
Calei-me, um enorme e indefinível mal-estar descera sobre minha alma.
 - Ficou zangado com o que lhe disse?
 - Não minha filha, fiquei... triste. Tão nova...
 - Que quer: A vida... Perdoe-me, não posso dizer-lhe nada. Agora. Sinto que é bom. Um dia, em outro dia, venha ver-me... Sim? Faz-me esse favor?
 - Sim... Irei... Adeus.
- Voltei à razão deante daquela pequenina e desconhecida “desencatada”... A vida... mulheres... Um peso.(Revista Fon Fon , Ano XXVI, Nº7, 15 de Fevereiro de 1930.

O diálogo acima citado faz parte de uma narrativa, na qual o colunista desta seção, Max Linder, nos conta um episódio cotidiano, em que ele diz ter sido “enfeitiçado” por uma jovem, vista durante um trajeto feito de bonde pelas cidades do Rio de Janeiro. Na conversa, percebemos o momento no qual o autor toma coragem para cortejar o objeto de sua admiração, e tem uma grande decepção ao descobrir que a mulher em questão tem na prostituição seu meio de subsistência. Nesta conversação, chama a atenção também o fato desta dizer tolerar os homens *apenas por que... precisa fazer a vida*, pois, na época em que este diálogo foi

publicado, tal prerrogativa seria um indício da incapacidade da mulher citada em ser uma boa esposa, já que o fato não tolerar os homens, seria um grande empecilho para edificação de um lar harmonioso, em razão da falta do amor conjugal, elemento o qual passa a ser citado frequentemente em conselhos higienistas como aquele capaz de solucionar os impasses da vida a dois, e de trazer sintonia aos lares e a vida dos cônjuges (SCOTT, 2012).

Outro momento passível de exame seria aquele em que a mulher faz um convite ao colunista tentando que ele fosse “visitá-la”, por vermos um certo conflito interior travado por este homem, pois, ao mesmo tempo que este afirma aceitar seu convite, o mesmo diz *voltar a razão diante da pequenina desconhecida*, tal conflito de opiniões nos faz crer na enunciação da necessidade dos homens resistirem à tentação de semelhantes convites, já que os médicos da época eram enfáticos ao aconselhar a parcela masculina da sociedade a evitar manter contato sexual com as prostitutas, em razão dos riscos que tal ato poderia acarretar para a sua saúde, como doenças venéreas, ao exemplo da sífilis, podendo ameaçar com isto a prosperidade de sua descendência, além do perigo desta desencaminhar qualquer homem, iludido-o com seus artifícios de sedução, sendo desta forma uma ameaça a futuros matrimônios, ou até aos casamento já consolidados.

Em Michel Foucault (2011) apreendemos que discursos não se edificam de forma independente e desinteressada, mas sim, obedecendo às relações de poder. Ao estudarmos a construção de uma série de discursos sobre a mulher na condição de prostituta no Brasil dos anos de 1930, como este descrito por Max Linder na *Fon Fon*, vemos que, em nome da necessidade de se fortalecer o ideal de uma “nova família brasileira” nuclear e higienizada, foi considerado necessário exorcizar esta figura em nome da preocupação com a moralidade pública e, mais especificamente, com a definição dos códigos de conduta da mulher em meio ao ambiente de modernização no qual estava inserida (RAGO, 1991). Sobre este último, percebemos da mesma forma, em meio a exposição das publicações da revista *Fon Fon*, o tecer de uma malha de discursos, objetivando enquadrar o feminino em um padrão, o qual, além de sua conduta, também tinha em sua aparência um aparato discursivo.

2.2) “Beleza ao pôr a mesa”: O corpo feminino em padrão de revista.

Após analisarmos alguns enunciados vinculados pela revista *Fon Fon* a respeito de um modelo de comportamento considerado como ideal, segundo os padrões higiênicos vigentes no período que compreende o início dos anos de 1930, atentamos neste momento, para o fato de nesta publicação também haver existido a intencionalidade de se difundir, conjuntamente com esse padrão feminino de conduta, um discurso o qual enaltece a necessidade da mulher brasileira “higienizada” mostrar, através dos cuidados de sua aparência física, o seu refinamento e civilidade.


Ao falarmos sobre o conceito de higienismo neste trabalho, vemos este como um fenômeno decorrente do processo de modernização de cidades, a exemplo do Rio de Janeiro, o qual buscava, através de seus discursos, disciplinar os corpos, imbuindo nestes um ideal de saúde que seria alcançado através da prática de atividades físicas e também do cultivo do hábito da higiene diária, com vistas a transformar não só os ambientes, mas também os corpos os quais por ele transita.

Para Margareth Rago (1985) o higienismo também deveria ser considerado como um dispositivo de vigilância domiciliar, pois os profissionais da higiene eram unânimes ao afirmar que, para o país se converter em uma nação saudável e limpa, segundo os padrões europeus, era necessário que estes ensinamentos tivessem sua gênese dentro do próprio lar. Desta maneira eram às mães que cabia o papel de agente deste discurso, em especial aquelas pertencentes ao segmento menos privilegiado, em razão da crença, a qual atribuía aos pobres trabalhadores a culpa, caso o plano de “repaginação” do Brasil não desse certo.

Em se tratando da *Fon Fon*, os conselhos sobre boa higiene eram endereçados a um núcleo elitizado, o qual tinham parâmetros elevados quando o assunto girava em torno do cuidado com o próprio corpo. Ainda tendo no modelo de beleza europeu seu principal referencial, vemos em meio a algumas publicidades desta revista a reafirmação deste novo padrão, o qual tinha como seu principal objetivo excluir tudo aquilo que remetesse à tradição brasileira, inclusive à cor da pele, como podemos perceber no anúncio a seguir.

Figura 8: Publicidade Creme Pollah

Uma pelle branca, delicada e fina, debaixo da qual como se vê circular a vida deve ser o ideal de toda a mulhe



POLLAIL, o Creme científico da American Beauty Academy, dará a seu rosto o poder irresistível duma eterna primavera...

As espinhas, manchas, rugas e muitas outras imperfeições serão eliminadas, dando lugar a uma pelle unida, fina e lisa, de laixo da qual como se verá circular a vida.

Para maior effeicacia do emprego do CREME POLLAIL, enviamos gratuitamente, a quem nos enviar o endereço, o livrinho A ARTE DE BELLEZA: nella se encontram todos os conselhos para a hygiene e embelezamento da cutis.

Cópie este "coupon" e remetta nos srz. Representantes da American Beauty Academy — Rua Riachuelo, 114 — Rio de Janeiro.

Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, Nº40, 4 de Outubro de 1930, pag.19

Na publicidade do creme Pollail, percebemos a intencionalidade do anunciante em difundir um ideal a ser seguido por “toda mulher” o qual seria o de ter *uma pelle branca, delicada e fina*. Chama a atenção, neste enunciado, o fato de se ressaltar a necessidade da mulher brasileira ter uma pele branca para se alcançar um ideal de beleza feminino, em razão de, em um país onde, na década de 1930, grande parte de sua população era composta por negros e mestiços, a mídia difundir através da publicidade o enaltecimento de uma característica comum em países não miscigenados como ao exemplo dos europeus.

Remetendo-nos novamente aos estudos de Jurandir Freire (1979), tal prerrogativa teria sido uma variante dos fundamentos higienistas pregados em início do século XX, quando estes, ao afirmarem a necessidade de se refinar a sociedade brasileira tida como primitiva e colonial, acabaram por fomentar a construção de um processo de hierarquização, no qual, aquele que fosse culto, limpo e branco seria superior a qualquer outro que se mostrasse diferente em relação a este quadro. Desse modo, os tratamentos de beleza são vistos como um poderoso aliado para a se adquirir a brancura desejada, a palidez ou o tão famoso “colo de cisne”, atrativo bem vindo quando se fosse utilizar um discreto decote (ORY, 2011). Para isso, a mulher disposta a seguir estes padrão não deveria abusar da exposição ao sol, pois, ao se bronzear em demasia, esta colocaria em risco os resultados dos cosméticos branqueadores, como o citado por nos anteriormente.

Em consonância com esta pele alva, vemos que a *Fon Fon*, em consonância com a lógica de venda do mercado capitalista voltado para a venda de cosméticos,

passa a pregar a obrigatoriedade das mulheres em não deixarem as marcas do tempo agir sobre o seu corpo, os cosméticos rejuvenescedores também ganham destaque em meio às publicidades vinculadas nos periódicos impressos, com a promessa de resgatar, a partir de aparência, os anos perdidos pela falta do cuidado constante com a cútis como ao exemplo do “milagroso” creme Hinds.

Figura 9: Publicidade Creme Hinds



Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, N°25, 21 de Junho de 1930, pag. 21

Para Denise Bernuzzi (2012), publicidades como a do rejuvenescedor Hinds, o qual prometia sanar da pele tanto os efeitos do tempo, quanto o dos fatores climáticos, são o um reflexo de um momento entre o final do século XIX e início do XX, onde se fez presente um maior apelo comercial voltado aos cosméticos que prometiam conservar a beleza feminina. Para esta autora, grande parte do papel desempenhado pela mídia deste período consistia em enaltecer através de suas publicidades, os padrões femininos de beleza, tanto para a mulher enquanto jovem solteira, quanto na condição de esposa, as quais deveriam estar sempre apresentáveis para terem destaque em seu círculo social, devendo-se destacar o endereçamento destes discursos, os quais não englobavam mulheres humildes, negras as mestiças, e sim àquelas que poderiam se dar ao luxo de pagar por aquele produto sem sofrer grandes ameaças financeiras, neste caso, as mulheres brancas das classes médias e altas.

Com o objetivo de elucidar a indispensabilidade destes cuidados, uma analogia era bastante utilizada em meio a estas publicidades, a qual seria a da mulher

enquanto uma flor, que pode ser bela e viçosa ao ser devidamente regada e protegida dos danos do ambiente a sua volta, ou do contrário, murcha e sem nenhum atrativo se os cuidados para com estas forem relegados. Desta forma, *Assim como as flores, as mulheres deveriam encantar. O encanto era uma lavra comumente utilizada pela propaganda na primeira metade do século XX. Servia como uma luva para caracterizar a beleza feminina* (SANT'ANNA, 2012, pag.112).

Neste contexto, nos espaços urbanos brasileiros, em especial os referentes à cidade do Rio de Janeiro, ser uma “bela mulher” segundo o padrão de revistas como a *Fon Fon*, era estar integrada ao espaço modernizado que se delineava. Sendo assim, em um ambiente urbanizado, moderno com vistas a atingir o progresso, era importante criar uma mulher higienizada, de boa aparência, a qual pudesse fazer jus ao cenário a sua volta. Tal aspecto também servia para diferenciar e hierarquizar as mulheres brasileiras em determinados grupos, aquelas que seguiam os preceitos higienistas de conduta e de cuidados corporais, demonstrando através de sua aparência se adequar aos novos padrões de beleza do século XX, e a parcela feminina menos abastada da população, a qual, ao contrário daquelas integrantes do seletivo grupo da elite, não podia contar com recursos financeiros suficientes para dedicar ao cuidado de sua aparência, e desta maneira, acabavam por serem taxadas como o grupo “não higienizado” da população brasileira.

Além dos produtos dedicados ao cuidado e rejuvenescimento da pele, as vestimentas e utensílios também serviam para diferenciar as mulheres de acordo com sua condição social, pois, no remetendo mais uma vez aos estudos de Denise Bernuzzi, esta nos diz que em inícios da década de 1930 no Brasil *o milenar dever de ser bela recaia com força sobre a indumentária. As roupas, os calçados e os adereços serviam como prova maior de beleza e distinção* (SANT'ANNA, 2012, pag. 106). Neste ínterim, a *Fon Fon* não deixava de fornecer ao seu público as melhores referências para aquelas que desejassem se destacar em seu círculo social a partir de seu refinado figurino, no qual não deveria deixar de figurar um belo calçado.

Figura 10: Publicidade Calçados Guiomar



Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, Nº31, 2 de Agosto de 1930, pag. 73

A publicidade destaca a “ultima novidade” da Casa de calçados Guiomar, o sapato de pelica modelo Luis XV, percebemos a influência da moda europeia sobre o modo de se “bem vestir” no Brasil daquele período. Sendo o modelo de calçado Luis XV considerado como um apetrecho da ultima moda, segundo os padrões parisienses, por poder trazer conforto e ao mesmo tempo a elevação da estatura de suas usuárias, fazendo com que esta estivesse “acima” não só no quesito altura, mas também no quesito moda. Desta maneira, não seria difícil supor que semelhante calçado teria feito grande sucesso em terras brasileiras pelo fato de funcionar como um demonstrativo do bom gosto das ”mulheres modernas” deste país. Notamos, mais uma vez, a partir deste anúncio, a influência exercida pelo modo de vida europeu sobre o país no inicio do século XX, não só no que se refere ao comportamento, mas também nos modos de vestir.

Todos os setores, os quais trabalhavam no ramo da beleza e do vestiário como as modistas e os cabeleireiros, especializados e atualizados à respeito daquilo considerado como mais recente em referencia à moda parisiense, atendiam as mulheres ansiosas em acompanhar as novidades e de estarem parecidas com a modelo ilustrada no ultimo número de sua revista favorita, nos mostrando, neste processo, como a mesma construía uma mulher bela, elegante segundo os padrões higienistas através dos produtos oferecidos pelo mercado capitalista.

Mas, após estarem devidamente vestidas, arrumadas e penteadas, para onde iriam estas mulheres? Levando-se em consideração a vigência de um padrão de conduta, o qual pregava a importância das “mulheres de família” em zelarem pela sua moral, não frequentando lugares não respeitáveis, as opções acabavam por serem restritas. Em relação a isto, a historiadora Raquel de Barros (2012), ao analisar os lazeres estipulados ao feminino em inícios do século XX, salienta que, embora existisse um apelo discursivo para a mulher moderna estar sempre bonita e com a aparência bem cuidada, esta não gozava de muitas opções de entretenimento para usufruírem do prazer de mostrar os resultados de seus cuidados com o corpo e com seu vestuário. Não sendo de bom tom mulheres de respeito serem avistadas divertindo-se em uma roda de samba junto com mulatas pobres, ou indo dançar, sem a companhia de um responsável, nos salões de festas em finais de semana, a estas eram recomendado frequentarem os sarais poéticos, espetáculos teatrais, ou outros eventos organizados pela elite carioca.

No entanto, tais programas não eram coordenados com frequência, deste modo outras formas de ocupação eram necessárias para entreter estas mulheres. Como se acreditava que “cabeça vazia era oficina do diabo”, passava a ser importante orientar as mulheres a se divertirem de maneira inofensiva, indo às missas e procissões, frequentar a casa de vizinhas de bom nome para um café ao fim da tarde, e o mais importante, se distrair cuidando de suas casas e de seus filhos. Para as solteiras a recomendação era a de que fossem ao cinema e passeassem com as amigas, e ao final do dia se dedicassem à leitura de um “bom” romance ou do recente número de uma revista de sua preferência, passa tempo também recomendado para as casadas, quando estas tivessem um intervalo de suas obrigações domésticas.

Ainda segundo Raquel de Barros, este teria sido um dos muitos fatores que acabaram consolidando o poder discursivo das revistas ilustradas dentre o público feminino, pois, além de divulgarem as novidades sobre um mundo do qual a maioria das leitoras não tinham um amplo conhecimento, em razão da restrição de seus modos de entretenimento, estas também, em cada publicação, deparavam-se em meio a sua leitura com uma nova história ou a continuação de um conto iniciado no número anterior da revista. No caso da *Fon Fon*, a divulgação de contos como *Ciúme*, de Bartolomeu Galindez (FON FON, nº33, 1930, pag.4), o qual narrava as desventuras de um homem ao conviver diariamente com o ciúme de sua esposa, ou o *Conto Brasileiro* que a cada semana trazia uma história enviada pelos leitores da

própria *Fon Fon*, fazia deste periódico algo capaz de entreter e prender a atenção de vorazes leitoras, as quais, em razão de seu fascínio pela leitura dos conteúdos divulgados nesta revista, não sentiriam grande necessidade de espaiar seu ócio fora de suas casas.

Todavia, era importante salientar, em meio a esta consonância de discursos, os quais pregavam a necessidade de mulheres dotadas de uma moral respeitável, evitarem uma maior exposição nos ambientes urbanos, que estas também não deveriam se refugiar para sempre em seu lar, como fazia grande parcela feminina da elite no período do Brasil colonial. Neste caso, teria de haver um equilíbrio em meio à rotina da mulher moderna, já que esta não deveria se dar a determinados desfrutes, mas também não deveria deixar de integrar, moderadamente, o cotidiano dos espaços público da cidade.

Para a resolução deste problema, o incentivo à prática de exercícios passou a ser visto como solução viável a esta questão, pois, ao mesmo tempo em que o exercício funcionava como uma opção de lazer, também se convertia em uma ação recomendada pelos profissionais higienistas. Fazendo coro a esta afirmativa, a *Fon Fon*, através de seus anúncios, não deixou de abordar esta questão.

Figura 11: Publicidade Toalha Sanitária Modess

**Não abandone
os esportes**

no seu periodo de indisposição. * * * A toalha sanitaria Modess proporcionar-lhe-ha protecção eficaz. * * * O seu chumaço é mais absorvente que o de qualquer outra; a parte exterior é impermeavel; os suaves flocos que a formam e a gaza acolchoada que a envolve, tornam-na incomparavelmente commoda e suave.

Experimente-a

MODESS
A TOALHA SANITÁRIA MODERNA



E um Producto de JOHNSON & JOHNSON

Fonte: Revista *Fon Fon*, Ano XXVI, Nº25, 21 de Junho de 1930, pag.75

Analisando a publicidade da toalha sanitária “Modess”, uma série de elementos nela presentes se faz passível de nossa atenção. O primeiro destes, seria o discurso mercadológico que mostra os benefícios do produto ilustrado, ao mesmo tempo em que induz a prática esportiva, ação esta aconselhada pelos profissionais da saúde com o objetivo de delinear os corpos modernos, os quais deveriam se mostrar mais definidos e magros, se adequando ao novo contexto social evidenciado. Os corpos deveriam ser leves e ágeis, moldando-se de acordo ao ritmo dos tempos modernos, sobretudo as mulheres, que não deveriam se isentar de realizar seu exercício mesmo quando acometidas pelo seu período menstrual, em razão destas poderem contar com a segurança oferecida pelos modernos “Modess”, os quais, dali em diante, substituiriam as “arcaicas” e “anti-higiênicas”, toalhinhas de pano.

Outro fator a ser visto seria o da quebra do tabu a respeito do funcionamento do corpo feminino, a exemplo da publicidade acima, que nos fala abertamente sobre menstruação. Tal tema, antes tratado com ressalvas, pela existência da crença de origem medieval, a qual pregava a impureza do corpo feminino durante o ciclo menstrual pelo fato deste estar em contato direto com o sangue, fazendo disto um obstáculo mensal para a mulher, que, durante “seu período”, era obrigada a permanecer totalmente reclusa, ação motivada por se acreditar na menstruação como um estado de moléstia.

Mais uma vez, ao estudarmos o processo de historicização do corpo no ocidente, Anne-Marie Sohn (2011) nos fala que esta mudança de olhar sobre o funcionamento do corpo feminino teria sido motivada pelos avanços científicos evidenciados no início do século XX, os quais passaram a ver a constituição corpórea do ser humano não mais como um misterioso e complicado templário do espírito cristão, mas sim, como um objeto passível de estudos capazes de solucionar os males do corpo, antes visto como incuráveis.

A partir deste contexto, o corpo feminino é desvelado, e com isto, seu funcionamento não é mais visto um mistério sem solução. Tendo isto em vista, os periódicos impressos, objetivando mostrar-se como um bom entendedor de seu maior público, começa a tratar abertamente sobre assuntos relacionados às funções corpóreas do feminino, banalizando de sobremaneira temas voltados para males uterinos, sempre ressaltando a necessidade de cuidados, pois, acreditava-se que todos os problemas de saúde da mulher estariam relacionados ao modo como esta tratava

do seu útero, talvez pelo fato deste órgão exercer um papel deveras importante para a reprodução da sonhada nova nação brasileira.

Nota-se que o incentivo aos cuidados voltados para o corpo era um dos principais enunciados da *Fon Fon* em suas publicações, alimentando padrões femininos de beleza, onde tanto a mulher enquanto jovem, ou na condição de esposa, deveriam estar sempre apresentáveis para terem destaque, estando com sua pele sempre bem cuidada, seu vestiário atualizado, e o seu corpo em forma graças a prática de exercícios recomendados ao seu gênero. Neste espaço, era importante, do mesmo modo, frequentar a praia para os banhos de imersão ao mar, com a ressalva de não abusar da exposição dos raios solares, pois, como foi dito anteriormente, não se deveria por em risco a brancura da pele. A *Fon Fon* ao incentivar esta prática ressalta os proveitos desta ação.

Figura 12: Conselhos de saúde Fon Fon



Fonte: Revista Fon Fon , Ano XXVI, Nº34, 23 de Agosto de 1930, pag.5

Nesta edição vemos o conclave ressaltando os benefícios de se expor ao sol e ao mar, divulgando-se a necessidade deste movimento ser feito da maneira correta e sem excessos. Com esta assertiva, percebemos que além de um veículo informativo a *Fon Fon* também assumia o papel de reprodutor dos discursos médicos difundidos na época, pois, foi neste período, que os conselhos de se passear pela praia e aproveitar os benefícios do mar para a saúde, foram mais receitados pelos higienistas.

Em consonância com os conselhos sobre higiene e bem-estar, a moda não deixou de ser vinculada aos cuidados voltados para o corpo saudável, sendo este um momento no qual o turismo balneário terapêutico é aliado a necessidade de estar bem apresentável em ambientes litorâneos. Com isto, a inibição em mostrar determinadas

partes do corpo foram aos poucos esquecida, tendo-se em conta o fato de que as roupas de banho da última moda passam a marcar tanto corpo de mulheres, quanto de homens, evidenciando-se sua diminuição com o decorrer do tempo (SONH, 2011).

Remetendo-nos novamente à imagem publicada pela revista *Fon Fon*, notamos haver, em meio ao incentivo dos passeios balneários, conjuntamente com este, a modificação na natureza da interatividade entre os sexos, pois, como podemos perceber na propaganda, há a ilustração de um homem e uma mulher conversando comodamente na praia, ambos trajados com roupas de banho, demonstrando nutrirem uma relação de intimidade, ação esta que, em meados do século XIX sofreria represálias em razão do código de conduta deste período estipular que o livre convívio dos sexos seria bem aceito somente nutrindo-se uma relação de parentesco ou matrimônio.

A partir deste ponto, atentamos para um processo de desvelamento do corpo feminino o qual, segundo Anne Marie Sohn, foi considerado um *espetáculo inocente e tacitamente admitido pela opinião pública reabilitando o corpo feminino em sua dimensão sexuada* (SOHN, 2011, pag.111) não só nos em lugares destinados aos banhos de mar, assim como na realização de exercícios, onde se evidenciava a adoção dos shorts, até então de uso exclusivo dos homens, dotado de um menor comprimento, pois, desta maneira, seria mais fácil executar atividades físicas a exemplo da caminhada e do pedalar da bicicleta.

Ao inquirirmos sobre este quadro social, no qual se pregava a indispensabilidade da mulher moderna, higienizada e da elite, em seguir uma tendência que pregava uma maior liberdade na movimentação dos corpos, a partir da adoção de um vestiário leve, sem inúmeras camadas de tecidos e de menor comprimento, visando facilitar sua movimentação nos espaços por elas frequentados, ressaltamos, uma vez mais, a importância do papel exercido pelas mídias impressas neste contexto.

Sobre isto, Tânia Regina de Lucca (2012) diz que, sendo a beleza um campo de preocupações médicas, ao ser associada à posse de boa saúde, obtida e preservada por intermédio de hábitos adequados de higiene, vida disciplinada, cuidados com alimentação, o corpo e a moradia, capazes de assegurar vigor físico, aparência saudável e evitar enfermidades, era suposto que revistas, como a *Fon Fon* não se isentassem de atuar como um veículo difusor deste discurso, por estarem mais

próximas deste público, podendo, deste modo, orientar esta nova mulher a seguir os caminhos pensados para ela, segundo os padrões higienistas.

Ainda nos baseando nos ensinamentos de Tânia Regina, este clima de aproximação da *Fon Fon* com as leitoras, também se configurava em uma ferramenta discursiva útil no momento de aconselha-las a usufruir das benesses da vida moderna com moderação. Dizemos isto pelo fato de, como vimos anteriormente em nossas análises, os preceitos modernos a serem seguidos pelas mulheres higiênicas, de certas maneiras acabaram por colocar em evidência este corpo feminino, tanto no que se refere a sua vestimenta, a qual adquiriu, graças a conselhos de especialistas, um formato capaz de se acentuar mais ao corpo e um comprimento conveniente para amostragem de partes do corpo até então mantidas em sigilo como as pernas, quanto pela sua liberdade em executar suas atividades cotidianas fora do ambiente doméstico, graças ao dimensionamento de suas opções de deslocamento, fazendo com que estas pudessem conviver nos espaços públicos e serem vistas circulando em meio a este.

Assim, tal quadro pode nos parecer conflitante em razão de, ao mesmo tempo no qual se percebe uma gama de assertivas pregando o dever da mulher brasileira higienizada em preservar sua moral em nome do desejo de se tornar uma respeitável mãe de família, do outro lado, estes mesmos veículos discursivos proporcionam ferramentas capazes de “desencaminhar” o feminino do seu “destino” ao divulgarem a necessidade destas se integrarem ao contexto moderno, o qual oferece uma série de subterfúgios “desviantes”.

Seria este o momento no qual a revista assumiria uma missão pedagógica, ensinando, aconselhando e indicando o modelo certo de conduta a ser seguido em ambientes, o que fazer ou vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom ou mal tom em situações específicas, tudo isto objetivando exorcizar o fantasma da imoralidade moderna, cumprindo, desta maneira, segundo Tânia Regina de Lucca *funções pedagógicas e podendo influir no processo de constituição do indivíduo, na maneira como este se auto percebe e se relaciona com o mundo a sua volta.*(DE LUCCA, 2012, pag.463).

Em conformidade com este pensamento, compreendemos mais uma vez através de Michel Foucault (2012), que a utilização dos períodos impressos brasileiros no início do século XX, como ao exemplo da nossa fonte de estudo, a *Fon Fon*, assumiu-se como um aparato discursivo a favor dos interesses de uma classe

privilegiada, neste caso, a nova burguesia brasileira, a qual, com sua “vontade de saber e poder” viu no controle dos corpos uma biopolítica dos sexos, cujo principal objetivo seria o normatizar os comportamentos sociais das mulheres, a partir do controle de suas ações nos espaços privados e em especial, nos públicos.

Assim sendo, vemos, através das linguagens midiáticas por nós estudada, que, embora a efervescência dos novos tempos de modernização na maior metrópole brasileira, a cidade do Rio de Janeiro, fossem publicados através de uma série de discursos enaltecendo o dever primordial de homens e mulheres, os quais compunha o seleto grupo da elite brasileira moralizada e higienizada, de adotarem um novo comportamento e também uma nova aparência com os cuidados da pele, do corpo, e pela adoção de um moderno vestuário, percebemos ao mesmo tempo, com estes mesmos discursos, a força das permanências de um pensamento tradicional, no momento em que evidenciamos o fato de as mulheres seguirem atadas, no século XX, o período das grandes mudanças, à esfera privada, à domesticidade e ao controle do seu corpo e de sua sexualidade.

Tendo isto em mente, passa a ser inevitável não nos recordamos da senhorita X, citada no início desta conversa, e do porque desta, pelo fato de ser uma mulher de inteligência medíocre, capaz de praticar gestos violentos e de não ter em si a virtude da sinceridade, foi considerada por Yves um espécime feminino duvidoso, caso o leitor quisesse fazer desta sua esposa, mesmo a mesma tendo *a capacidade de amar e ser esposa fiel*, pois, percebemos, através discursos difundidos pela *Fon Fon*, ao longo do ano de 1930, que, uma autêntica brasileira higienizada, segundo os padrões “fonfonenses” deveria se portar como mulheres prestimosas, conhecedoras do minucioso universo dos bordados e fitas, sendo cândidas e obedientes diante do ideal de esposa fiel (SANT’ANNA,2012), caso quisessem receber, como uma das recompensas, por sua prestimosa conduta, o elogio do exigente Yves em seu teste “physionomico”.

Capítulo III

“Devolva a costela por nós doada”: A *Fon Fon* atua contra o lado “obscuro” da modernidade.

Nunca me liguei muito aos homens. Sempre os considerei uma espécie de bandidos, de salteadores de nossas almas e de nossos corações.

- Que horror Clara! Falas como uma velha sufragista inglesa, intolerante e impiedosa. Coitadinho dos homens... (Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº33, 16 de agosto de 1930, seção *Auto Fallante*, pag.34).

Em meados do mês de agosto a *Fon Fon*, ao seguir seu cronograma usual de publicações, inseriu na seção “Auto fallante” um diálogo em que duas personagens, Clara e Regina, em uma viagem de bonde pela cidade do Rio de Janeiro, falam a respeito de suas impressões sobre os homens e sobre o possível envolvimento amoroso com estes. Nesta conversa, Regina nos é apresentada como uma jovem sonhadora e desejosa de em breve estabelecer laços românticos com um “cavalheiro de respeito”, ou seja, uma típica mulher caminhando para o seu destino “certo” e “esperado”.

Esta, ao notar os galanteios de certo rapaz direcionados para a sua amiga, mostra grande empolgação e a avisa sobre as investidas de um possível pretendente, recebendo neste momento a retaliação de Clara, que, como podemos supor a partir do fragmento apresentado, defende uma ideia contrária à da sua companhia ao nos mostrar ter uma visão bem menos romantizada do sexo masculino daquela mantida por Regina.

Enquanto as duas defendem suas opiniões a respeito do amor e da manifestação deste nas relações estabelecidas entre homem e mulher, chama a nossa atenção o trecho da conversa em que Regina se espanta com a declaração de sua amiga e profere que esta *fala como uma velha sufragista inglesa, intolerante e impiedosa*. Tendo em vista que no período em que esta matéria foi publicada, o movimento feminista sufragista, liderado por mulheres que defendiam a abrangência dos direitos políticos e sociais a este segmento, já se fazia conhecido no ano de 1930, em razão de suas reivindicações, consideradas por alguns como o sinal de uma revolução do “sexo frágil”, e para outros – que compunha a maioria – vista como um

ultraje à instituição familiar brasileira, notamos a intenção da revista em difundir a imagem da parcela feminina sufragista, como mulheres sem sentimentos e capazes de cometer más atitudes em meio à comparação feita entre Clara, uma declarada anti-romântica, e uma mulher integrante do feminismo como “velha, intolerante e impiedosa”.

A partir da fala de Regina, nos questionamos a respeito do por que haver na *Fon Fon* a difusão de um discurso no qual a imagem da mulher que comungasse dos ideais sufragistas era associada à falta de sentimentos nobres “inerentes” ao feminino, como a bondade, piedade e tolerância? De que maneiras esta publicação falava a respeito das mulheres vinculadas ao feminismo em inícios do século XX? Haveria motivos para temer a difusão dos ideais defendidos por este movimento?

São estes questionamentos que moverão a discussão do terceiro capítulo do nosso trabalho, onde buscaremos analisar, através das publicações da revista *Fon Fon*, os modos como esta se utilizou de seu aparato e influência discursiva para emitir sua opinião a respeito do feminismo sufragista que, no ano de 1930, se fazia cada vez mais presente através das figuras sociais de Bertha Lutz e Leolinda Daltro¹². Elegemos falar neste trabalho sobre as mulheres citadas, considerando o fato de que, dentre as outras feministas deste período, estas estavam mais inseridas nestas discussões por estarem integradas ao universo dos veículos de imprensa no Brasil, nos quais as mesmas utilizavam-se de sua voz e da sua escrita para abordar temas como o fim das restrições dos direitos femininos na constituição dos direitos civis e a inclusão deste segmento nas leis trabalhistas com vistas para a sua entrada no mercado de trabalho.

Também analisaremos as formas como esta revista apontou, em alguns de seus números, a modernidade como o principal agente influenciador destas “más atitudes” femininas evidenciadas pelos discursos tradicionalistas deste período. Para isto, se faz importante de início conhecermos a natureza do movimento que fez não só a *Fon Fon*, mas também a elite carioca deste período, temer pela perda da “essência” feminina de suas mulheres.

¹² A trajetória social de ambas será esplanada ao longo do trabalho.

3.1) “Não é certo a mulher querer se igualar ao homem!”: O feminismo como ameaça social.

Segue o ano de 1930. As boas vibrações trazidas pela modernização de algumas partes do Rio de Janeiro ainda estão em curso, os disputados bondes andam sempre abarrotados de pessoas desejosas de chegarem mais depressa aos seus trabalhos ou daquelas que somente asseiam por um agradável passeio pelas áreas centrais da cidade. Nesse espaço também não falta lugar para os leitores ávidos, aqueles capazes de ler em qualquer circunstância, até mesmo em um transporte em movimento.

Entre jornais e revistas, não é difícil supor a presença do periódico *Fon Fon* entre estas leituras de passatempo, especialmente em maio, mês no qual desabafos como este fizeram presença constante nos veículos de comunicação impressos do Brasil.

Hoje, na maioria dos lares onde ha um homem culto a dona de casa senta-se à cabeceira da mesa... E em muitos lares os vencimentos dos maridos são entregues do dia primeiro do mez à esposa, ordinariamente mais financista que elle.

Pouco a pouco, o homem vae a erguendo até o seu nível e, si o deixarem fazer, elle acabará por eleva-la ainda mais e se tornará o escravo submisso dela. (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº20, 17 de Maio de 1930, O Bom feminismo, pag.20).

A inquietação transmitida por Astaroth, “autor” desta matéria, parte do fato de, no mês de maio, Bertha Lutz, a feminista e fundadora da FBPF (Federação Brasileira pelo Progresso Feminino) e também integrante do congresso parlamentar, ter proposto para esta instituição uma emenda propondo suprimir todas as restrições impostas pela constituição brasileira aos direitos civis femininos, entre estes o direito de voto, de gerenciar seus bens, de ter a guarda dos filhos caso haja desquite matrimonial, o principal, o de integrar o mercado de trabalho sem ser necessária a autorização de seus pais ou cônjuges.

A partir de Astaroth vemos que tal atitude não foi bem recebida, pois este, ao dizer que o fato de o homem ter atribuído à mulher uma importância antes não vista, como a de lhe deixar a cargo da responsabilidade de cuidar da casa e das finanças da economia doméstica, suscitou nesta o desejo de transpor seus novos direitos ao

ambiente público e reivindicasse sua participação social neste, ação que faria as mulheres se acharem no direito de tornar o homem seu “escravo submisso”.

Pensamentos semelhantes ao exposto pela revista *Fon Fon*, a respeito de mulheres brasileiras que, no ano de 1930, estavam unidas em prol da causa feminista, fizeram presença constante nos mais diversos veículos de comunicação deste período. Havia se instaurado discursivamente a ideia de que se as mulheres conquistassem o direito de integrar o universo político, tido como essencialmente masculino, elas passariam a querer ser iguais aos homens e, com isto, não mais assumiriam o papel social a elas destinado, ou seja, o de se dedicar aos cuidados da casa, do esposo e dos filhos e, portanto, era essencial a estas que assumissem seus deveres “naturais” e deixassem ao seu provedor o cargo de lutar pelos seus direitos políticos.

Passa a ser importante salientar que tais discursos a respeito da importância de se manter o feminino longe das questões políticas brasileiras não se fizeram presentes somente na época na qual a matéria vista anteriormente foi publicada. Segundo Rachel Soihet (2012), em inícios do século XX, uma voz discordante sobre a condição social do feminino no Brasil já se fazia presente em algumas direções, surgindo concomitantemente o desejo, por parte dos tradicionalistas, em silenciá-las.

Foi após o advento da Proclamação da República que a visão das mulheres à respeito do seu futuro sofreu algumas mudanças em virtude do país está passando por um notável processo de modernização, no qual a industrialização funcionava como um elemento dinamizador deste cenário, havendo, desta forma, a necessidade de a parcela feminina brasileira também contribuir para o bom funcionamento deste novo perfil de sociedade a ser delineado no Brasil.

Motivadas por estes fatores, algumas mulheres fizeram conhecidas a sua petição sobre o aumento das possibilidades de formação de profissionais e o fim de barreiras impedindo a capacitação e a remuneração do trabalho feminino nos setores industriais (SOIHET, 2012). No entanto, para este plano ser concretizado era necessário o acesso a uma educação de referência e o direito de votar e de serem eleitas, mudanças estas que só seriam possíveis através de uma luta obstinada.

Em meio a este ambiente de reivindicações e frustrações diante da rejeição social em defender a esta causa, nomes como o da indianista Leolinda Daltro e da bióloga Bertha Lutz se fizeram conhecidos como principais portas vozes desta causa. A primeira tem com principal referência o fato de ter fundado, no ano de 1910, o

PRF (Partido Republicano Feminino), primeiro movimento político brasileiro em prol da causa feminista, que teve sua criação motivada pela inconformação de Leolinda diante das decisões políticas tomadas pelo parlamento que, a todo o momento, negava conceder às mulheres o direito ao voto. Já Bertha ficou conhecida no ano de 1918, ter organizado uma associação que mais tarde ficou conhecida como FBPF (Federação Brasileira para o Progresso Feminino), com o intuito de fazer uma série de pronunciamentos públicos, concedendo entrevistas e escrevendo artigos em jornais objetivando, a partir disto, fazer a causa feminista ser difundida no Brasil de forma mais ampla.

As mulheres citadas espelharam suas ações revolucionárias no movimento em prol do voto feminino divulgado por todo o Reino Unido em inícios do século XX, mais conhecido como o grupo das *Sufragetes*, movimento este considerado como uma das manifestações coletivas mais polêmicas quando nos referimos à luta em prol da cidadania feminina.

Para Mônica Karawejczyk (2013), tal polêmica em torno da luta das sufragistas inglesas partiu de suas maneiras pouco ortodoxas de reivindicar seus interesses políticos. Segundo esta autora, nos primeiros anos do século XX, várias ruas do Reino Unido foram tomadas por mulheres gritando palavras de ordem como *Votes for Woman* - voto para as mulheres, e carregando consigo faixas de dizeres relacionados ao tema de seus protestos. Contudo, ao invés de serem reconhecidos os seus esforços, estas foram alvos de chacotas da população inglesa, de risos e calúnias por parte da imprensa e de descaso por parte das autoridades ao terem conhecimento de suas solicitações.

Sobre isto, Mônica Karawejczyk nos diz que, graças ao intenso fluxo de imagens e discursos veiculados pela imprensa desta época, a qual sempre emitia mensagens denegrindo as sufragistas e o seu propósito de luta, estas acabaram por surtir um grande impacto no que se refere à representatividade deste movimento no imaginário social, sendo capaz de exercer suas influências anos após sua publicação. Os estereótipos referentes às sufragistas eram os mais diversos como *mulher-macho*, *solteironas*, *mal amadas* e *rancorosas*, sendo todos estes pejorativos utilizados com vistas a definir estas mulheres. Mesmo com o passar dos anos, tal representação continuou a ser fortemente difundida através do discurso midiático, exemplo disto é a *Fon Fon* que, ao falar sobre as mulheres sufragistas a citam da seguinte forma:

Oliveira Martins nas suas “cartas da Inglaterra” escreveu que são três os sexos existentes na loira Albion: o masculino, o feminino e o neutro, que elle attribuíra às velhas inglezas, Digo[...] porém, que elle errou, porque, no neutro deveriam ser contempladas todas as suffragistas, todas as feministas da... Inglaterra, da China, do Brasil, das Arábias. (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº12, 22 de Março de 1930, Seção Auto Fallante, pag.38)

Ao citar o pensamento do escritor Oliveira Martins sobre os homens e mulheres da Inglaterra do começo do século XX, notamos em primeira mão na matéria da seção *Auto Fallante*, a perpetuação dos estereótipos referente à personalidade da mulher que se denominasse como feminista. Estas, ao se colocarem a favor da causa sufragista, automaticamente não poderiam ser mais consideradas como um indivíduo pertencente ao sexo feminino, pois suas ações não condiziam com tal gênero, sendo vista como inimiga dos homens ao ir de embate contra as ideias destes, só restava enquadrá-las em um modelo representativo no qual se estabelecia sua assexualidade, já que elas não poderiam ser mulheres, ao agirem na contra mão do comportamento estipulado a ser assumido por estas, e nem homens, por não exercerem a força suficiente para “usurpar” seus lugares.

Outro aspecto a ser atentado nesta publicação seria o das sufragistas serem, na maioria dos casos, associadas à figura de uma velha. Podemos supor que a evocação desta imagem parte do princípio de, neste período, a velhice ter sido considerada como um momento de inutilidade da vida, no qual nada de substancial poderia ser feito, pois uma mulher velha não poderia ter filhos e edificar uma família. Sendo assim, só restava aos demais tolerar estas mulheres em razão destas não terem tido alegrias o suficiente em suas vidas e, agora, ao término da mesma, espalhava pelo mundo a sua amargura através de suas imposições por mudanças políticas “infundadas”.

Quando o autor da matéria nos informa sobre a atuação do movimento em diversas partes do mundo, atribuindo a estas os mesmos adjetivos pejorativos empregados para se referirem as feministas inglesas, percebemos o quanto a mentalidade negativa sobre o feminismo conseguiu transpor as barreiras do território do Reino Unido e se fez presente em outros lugares.

Remetendo-nos novamente à Mônica Karawejczyk, esta diz que, nem sempre os protestos empreendidos pelas sufragetes, na Inglaterra, foram considerados uma ameaça social em razão de, em seus anos de prelúdio, esta organização, denominada como *Women’s Social and Political Union* – WSPU, ter idealizado a efetivação de

seus protestos de maneira pacífica, através de passeatas, portando cartazes com palavras de ordem e de esclarecimento sobre o motivo de lutar por tal causa. No entanto, como foi salientado, ao invés de suas petições serem consideradas passíveis de análise, estas serviram como jogo de chacotas para todos os setores desta sociedade.

Este mesmo grupo idealizou uma nova tática de confronto que se diferenciava de qualquer outra organização inglesa em prol dos direitos femininos. Mantendo a mesma pauta em defesa do sufrágio, visto como o único meio pelo qual a mulher poderia consolidar seu lugar na sociedade, tendo seus direitos reconhecidos e sendo amparada pelas leis que deveriam lhe dar suporte e manter sua liberdade, em consonância com aquilo oferecido para os homens, esta associação passou a utilizar-se de meios não convencionais como explodir caixas de correios, cortar fios de rede de energia e telégrafos e quebrar as vidraças dos estabelecimentos do centro inglês, objetivando, com estas ações, serem levadas a sério em sua causa.

Foi a partir destas atitudes combativas que a luta sufragista teve visibilidade mundial e perpetrou sua marca no imaginário das sociedades quando o assunto girava em torno da petição do pró- sufrágio. Esta organização também se fez conhecida através da veiculação de jornais semanais, ação que objetivava prestar melhor esclarecimento àqueles que se deixavam envolver pelo tendencionismo presente nas notas publicadas pela imprensa “oficial” sobre a natureza das organizações de cunho feminista.

Essas iniciativas tiveram repercussões em vários territórios e serviram como inspiração às lutas de sufragistas pelo voto livre em outros países como, por exemplo, os Estados Unidos. Embora o modo destas exigirem os seus direitos tenha assumido um viés mais pacífico, se comparado as suas companheiras inglesas, as feministas norte-americanas lograram um maior sucesso na defesa de sua causa quando o governo assumiu uma conduta diferente daquela tomada pelas autoridades inglesas e passaram a abordar com mais seriedade as petições destas sufragistas. Benefícios como educação preparatória, amplificação dos direitos civis femininos e acesso ao mercado de trabalho, foram ao poucos concedidos a estas mulheres, as quais, no ano de 1919, conseguiriam sua maior vitória ao serem declaradas pela constituição como indivíduos passíveis de exercerem a democracia através do voto.

No Brasil, como citado, os argumentos adotados pelas feministas inglesas também serviram de incentivo para a idealização e execução do movimento neste

país, em especial para Bertha Lutz, que teve contato direto com estas manifestações por neste período estar vivendo na Inglaterra, com o objetivo de concluir seus estudos na área de biologia. No ano de 1918, ao reornar ao país causou grande estranheza na imprensa ao assumir o primeiro lugar no concurso no Museu Nacional, sendo a segunda mulher a entrar para o serviço público brasileiro (SOIHET, 2012) e viu, nesta repercussão, a oportunidade de discutir e formular um projeto visando à redefinição do feminino na sociedade.

Antes dela, a indianista e professora Leolinda Daltro já havia atentado para esta questão ao idealizar um projeto alfabetizador, no qual a educação funcionava como um instrumento civilizador das mulheres, sendo esta a principal ferramenta para a sua sobrevivência no meio social, viu esta ação como o recurso mais eficaz para se conseguir a ascensão das mulheres brasileiras neste cenário.

Notamos em meio às distintas associações de cunho feminista no Brasil que uma pauta se fazia comum em ambas, a saber, a necessidade de se instruir as mulheres, objetivando que, a partir desta ação, estas obtivessem não só a educação necessária para assumir qualquer vínculo empregatício, como também o conhecimento de sua força e da sua capacidade de mudar o pensamento que pregava a sua incapacidade de assumir um papel de destaque na sociedade. Não perdendo de vista a força deste discurso, a *Fon Fon* emitiu seu parecer a respeito deste assunto.

Tanto se falou da mulher, tanto se disse que, intelectualmente, ella era inferior ao homem: tantas vezes se affirmou que seu logar era no âmbito doméstico, que, afinal de contas, ella veio para a linha de frente, e abriu fogo contra nós, para demonstrar sua força...

E na verdade, si não tomarmos cuidado, seremos vencidos, em toda certeza de victoria que é de deixar o homem assombrado. Tratando-se de uma filha de Eva, o caso é singular. E merece esse registro, para que ainda se possa fazer uma excepção neste século. (Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº32, 9 de Agosto de 1930, *Uma Excepção*, pag.31).

De início, notamos neste parecer emitido por Yves, certa admiração pelo fato de as mulheres terem se rebelado contra todos os discursos que proferiam a sua incapacidade intelectual e também o lugar socialmente pré determinado a serem assumidos por elas. O colunista, ao mesmo tempo em que enaltece tal feito e nos dá uma ligeira impressão de estar elogiando as novas atitudes femininas por ele evidenciadas, nos deixa ler através de sua emissão discursiva além de um temor de ver os homens “serem vencidos” pelas mulheres no quesito da inteligência, o que durante séculos foi considerado como o fator determinante de sua superioridade

sobre o sexo oposto, propaga a ideia de que uma mulher instruída seria automaticamente uma rival dos homens, pois quando ele diz *ella veio para a linha de frente e abriu fogo contra nós para demonstrar sua força* nos faz entender que a busca por uma melhor educação teria como seu único motivo o desejo de ser antagonista do masculino, pensamento que nos faz supor que, para Yves, se uma mulher tivesse acesso à educação básica abriria um precedente para se tornar adepta da causa feminista, em razão do estereótipo que pregava a inimizade das seguidoras deste movimento para com os homens ser um dos mais citados pelos críticos destas associações.

Outro aspecto a ser analisado nesta matéria é a declaração final de Yves, quando este fala que *tratando-se de uma filha de Eva, o caso é singular*, pois a partir desta opinião, o colunista dá a entender que acredita na teoria da inferioridade intelectual feminina e que o fato destas se mostrarem mais aptas para o aprendizado em diversas áreas da ciência se mostra como uma exceção do século XX. Desta forma, haveria a possibilidade de tal “fenômeno” não se repetir em razão de, por ser uma “filha de Eva”, segundo o pensamento perpetuado desde o período medieval, as mulheres teriam como suas principais características o fato de serem inconsequentes, emotivas e também motivo de tentação para o sexo masculino e, deste modo, impulsionadas por sua “natureza”, elas não teriam vocação para exercer funções nas áreas do conhecimento científico.

Mesmo com Yves abordando os avanços conquistados pelas mulheres brasileiras a partir do acesso a educação básica e temendo que uma das consequências deste ato fosse à alteração das funções sociais exercidas pelos sexos na sociedade brasileira, este não foi o suficiente para a obtenção de todos os direitos colocados em pauta pelas feministas. Dizemos isto tomando como o exemplo a citada Leolinda Daltro quando esta, motivada pelo desejo de obter um cargo oficial do governo, objetivando com este a aprovação de um projeto voltado para o investimento na área de educação indígena, teve seus planos frustrados pelo fato de ser uma mulher (KARAWEJCZYK, 2013), ou seja, mesmo tendo um grau de instrução capaz de possibilitar sua entrada no campo da política, esta foi vetada por sua condição biológica feminina.

A causa em defesa do acesso livre aos direitos políticos através do voto passou a ser urgente por ser vista como o único caminho viável capaz de possibilitar às mulheres o exercício de suas ações sociais sem serem impedidas por seu sexo, o

qual, cientificamente, era erroneamente apontado como portador de uma menor inteligência, inadequado para o exercício das atividades públicas, sendo o lar apontado o melhor lugar para estas em razão de sua condição (SOIHET, 2012).

Fiéis a este ideal, as associações brasileiras em prol do sufrágio feminino seguiram organizando manifestos através de veículos comunicativos como a *Revista da Semana* ou pelo jornal de criação do PRF, *A Política*, no qual as pautas abordadas giravam em torno do direito de todas as brasileiras a educação e ao voto, incitando àquelas que não comungavam deste pensamento a perceberem a importância de se lutar pela sua emancipação, a qual lhe propiciaria, além das possibilidades de adquirirem um meio de subsistência capaz de as livrarem de uma dependência financeira de natureza, na maioria dos casos, humilhante, o bem estar moral e o amadurecimento de sua personalidade e pensamento.

Passeatas também eram organizadas com o intuito de enfatizar as motivações pelas quais se lutavam no movimento. Auxiliadas por cartazes e por gritos de ordem, estas, entretanto, sempre buscavam ressaltar o caráter pacífico de suas ações por temerem que estas fossem equiparadas aos atentados praticados pelas feministas inglesas, embora haja registros da existência de algumas feministas mais radicais, a exemplo de Maria Lacerda de Moura que levantava bandeiras em defesa do controle da natalidade e em favor dos ideais anarquistas e comunistas, petições estas que foram consideradas como um ultraje à sociedade daquele período.

Em se tratando disto, nos chama a atenção o fato de, ao analisarmos a trajetória do movimento feminista no Brasil, o qual contou com diversas personalidades que deram vez e voz a esta manifestação social em princípios do século XX, o nome de Bertha Lutz seja o mais citado como a principal referência quando o estudo de tal tema é proposto. Para Raquel Soihet a visibilidade de Lutz diante dos influentes setores da sociedade como, por exemplo, da política, através dos membros do congresso, pode ser atribuído, em grande parte, aos estreitos laços de amizade estabelecidos entre a família de Bertha e os muitos grupos que naquele período ocupavam posições de poder tendo em vista que seu pai, o renomado cientista Adolpho Lutz, era um nome de amplo destaque no cenário educacional tanto na cidade Rio de Janeiro quanto em São Paulo.

Supõe-se que a maior aceitação às práticas propostas por Bertha a respeito da igualdade dos direitos civis feminino seria influenciada pelo “bom feminismo” praticado pela mesma, pois esta, ao discorrer em artigos publicados em revistas e

jornais sobre os benefícios da sociedade em aceitar o sufrágio, salienta que tal ação não motivaria o rompimento das mulheres com seus deveres familiares e não acarretaria no não exercício de seu papel de esposa e mãe.

Diferente da postura tomada por Leolinda Daltro, que ao se apresentar ao público, através de seus pronunciamentos manifestava toda a sua insatisfação diante do quadro social feminino brasileiro de forma concisa e, em certos momentos, radicais e, em consequência disto, sofresse uma campanha de ridicularização por parte da imprensa que em muitos casos a taxava como louca, maníaca e até histérica, Bertha Lutz adotava um discurso mais ameno se comparado à Leolinda e, assim, tinha uma maior “aceitação” dentre o conservadorismo brasileiro que acreditava em ressalvas quando o assunto girava em torno das concessões a serem dadas às mulheres no país.

Aprendemos em meio aos enunciados das duas feministas um jogo de poder, no qual ambos os discursos ao serem proferidos passam por um crivo segundo o qual aquele que permanece obediente aos interesses de um grupo dominante se sobrepuja a todos os outros. Neste caso, podemos inferir o motivo pelo qual o nome de Bertha Lutz se sobressaiu ao de Leolinda Daltro quando o tema gira em torno das primeiras manifestações femininas no Brasil pois esta, embora estivesse propondo a renovação do papel social das mulheres, não deixava, por outro lado, de agradar discursivamente os anseios da elite conservadora carioca (FOUCAULT, 2012).

Ainda sobre Bertha Lutz, embora esta tenha optado por não se casar, em razão de acreditar que não se adaptaria a uma vida em que dependeria de um homem, a mesma procurava enfatizar em seus discursos o quanto o feminismo defendido por ela nada tinha a ver com aquele capaz de pregar o ódio ao masculino e a resistência a qualquer relação com este, opinião esta que comungava em alguns aspectos- obedecendo a uma série de ressalvas -, àquelas emitidas pelos veículos impressos, como o exemplo da nossa fonte de estudo.

As disputas entre os dois sexos são duma tolice revoltante. A mulher não pode viver sem o homem nem o homem sem a mulher. Por que, então, não se auxiliarem mutuamente para a melhoria da existência de ambos aliados? Não pelo amor que os funde mas pela compreensão mútua que os liga sem despersonalizá-los. Eles fariam tudo o que não tem conseguido como inimigos. (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº 2, 11 de Fevereiro de 1930, pag.30).

Percebemos no parecer da *Fon Fon* a respeito da pauta sufragista defendida no ano de 1930 que, mesmo após vinte anos das primeiras manifestações feministas no país, o fato de algumas mulheres ainda requerer para si o direito a sua independência civil ainda repercutia de maneira negativa no imaginário social brasileiro. Quando é dito “*as disputas entre os dois sexos são duma tolice revoltante*” vemos a persistência de uma representação do feminismo como uma disputa dos sexos no qual ainda se prega a ideia de a mulher desejar ter o seu sufrágio com o objetivo de sobrepujar o lugar “dominante” da classe masculina, além de fazer da causa defendida algo tolo e passível de revolta.

Outro aspecto a ser analisado neste enunciado seria a parte em que se fala “*não pelo amor que os funde, mas pela compreensão mútua que os liga sem despersonalizá-los*”, pois no momento em que se pede a compreensão mútua entre homens e mulheres, esta, segundo a matéria, só é possível caso cada um assuma seu “papel” perante o social, já que é salientando a importância de não haver uma despersonalização de ambos, expressão que nos aponta uma intencionalidade discursiva em dizer o quanto as mulheres capazes de darem vazão às petições sufragistas estariam descaracterizando o seu sexo, o qual teria suas próprias características biológicas e, com isto, uma personalidade pré-definida.

Embora tenhamos ressaltado as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que atuavam e simpatizavam com o movimento feminista no Brasil devemos, em meio a esta análise, salientar o papel assumido por aquelas pertencentes à classe mais humilde e também pelas que aderiram à vida matrimonial e ao ofício de mãe de família.

Tendo em vista que as articulações e discussões sobre a liberdade dos direitos civis femininos tenham se dado em meio ao universo dos grupos da elite intelectualizada do país, não é difícil supor a falta de adesão das minorias a este movimento. Dizemos isto pelo fato de, a partir da obrigatoriedade de se obter o sustento diário e a precariedade das condições de sobrevivência motivada pelos poucos ganhos obtidos na jornada trabalhista, era necessário a estas mulheres terem outras prioridades em suas vidas, a exemplo de saírem cedo de suas casas, trabalharem até o anoitecer em lavanderias, indústrias ou casas de família. Desta forma, não seria de todo estranho o fato de que estas não se vissem representadas nas pautas defendidas pelas feministas em seus manifestos.

Para Margareth Rago (1985), isto não impedia a manifestação de grupos femininos em prol da melhoria de suas condições trabalhistas. Ao analisar o universo das fábricas responsáveis por dinamizar a economia industrial brasileira, no seu livro *Do cabaré ao lar*, esta autora aborda a posição assumida pelas mulheres dentro do contexto fabril em processo de expansão no Brasil em inícios do século XX. Ao fazer este movimento ela nos aponta a luta diária enfrentada pela parcela feminina trabalhista, não só no âmbito dos seus empregos, mas também na recriminação discursiva de suas ações, pois, segundo aponta a referida autora, o fato de as mulheres terem invadido o cenário urbano e o mercado de trabalho não implicou na queda das exigências e dos discursos moralistas, que enalteciam as mulheres que se dedicavam a cuidar de seus maridos e filhos e culpavam aquelas que saíam diariamente de seus lares para trabalhar, acusando-as pelo abandono de suas verdadeiras funções. Assim sendo, existia uma retaliação social sobre a sua tentativa de ingressar no mercado de trabalho e, por conseguinte, de obter os direitos necessários para o seu bem estar empregatício.

Ao serem obrigadas a trabalhar em uma jornada exaustiva, que chegava a atingir um período de dez a doze horas, sendo recompensada com uma quantia inferior àquela dada aos homens que assumiam o mesmo ofício exercido por elas ou, ainda, serem constantemente vigiadas por contramestres abusivos, os quais, em certas circunstâncias, até infligiam danos físicos a estas caso considerassem que as mesmas não estavam dando um rendimento satisfatório à fábrica, as mulheres se serviram desses precedentes para uma série de reivindicações neste ambiente.

Objetivando resistir contra estas ações exploradoras algumas mulheres organizavam, dentro da fábrica, manifestações reivindicando melhorias no tratamento conferido a elas em seu lugar de trabalho. Para tanto, iam até as ruas gritando pela sua causa, chegando ao extremo de baterem em suas companheiras de ofício caso estas não se aliassem à luta e preferissem ficar no lado dos patrões, tido como figuras opressoras e exploradoras.

Notamos aqui se delinear um quadro no qual a desvalorização dos direitos femininos ocorreu de uma forma nítida, tendo como principal motivo a retaliação das ações de mulheres que se recusavam a aceitar um discurso machista capaz de tolher seu potencial ao desmerecer suas competências profissionais ao atribuir a esta o único ofício de esposa e mãe, não dando o espaço necessário para mostrar a capacidade de ir além daquilo a ela determinado.

A esse respeito, Rachel Soihet, ao analisar a ideologia do feminismo brasileiro, aponta que, embora a luta pelos direitos das mulheres do setor menos beneficiado da sociedade tenha se caracterizado como uma causa mais urgente a ser defendida em razão da evidência de uma série de abusos sofridos por estas no seu ambiente de trabalho, este, embora tenha citado a luta deste segmento em suas pautas, não fez dela uma das prioridades o que, segundo a autora, acabou por fazer o movimento feminista ser representado como uma ideologia utópica para aquelas mulheres que sofriam diretamente com a privação de seus direitos.

Por outro lado, a pauta envolvendo a defesa do sufrágio das esposas e mães de família no Brasil foi bem priorizada em comparação àquela que envolvia o destino da classe feminina trabalhista. Baseando-se nos estudos de Teresa Marques e Hildete Pereira (1999) sobre os direitos civis das mulheres casadas no ano de 1930, percebemos o empenho das organizações feministas em modificar a natureza do estatuto da mulher casada no texto da constituição daquele período. Tendo em vista as limitações constitucionais impostas às mulheres – as quais, a partir do código do ano de 1916 definia que, na instituição matrimonial, ao homem seria atribuído o papel de chefe de família, cabendo a este determinar a residência de sua esposa e filhos, a liberdade em administrar o patrimônio do casal e também autorizar, ou não, a sua mulher a trabalhar fora de casa – fez com que a FBPB, liderada por Bertha Lutz, reclamasse a efetivação dos direitos universais, atribuídos a todos os indivíduos, de que, segundo ela, não estava se beneficiando a classe feminina brasileira.

Motivada pela chegada de Getúlio Vargas ao poder, no ano de 1930, o grupo de Bertha passou a ser figura constante na cena política. Empenhadas em estabelecer a reforma dos direitos sociais femininos através do código civil, estas a todo o momento, elucidavam a prerrogativa na qual diziam que para haver uma mudança efetiva no quadro evidenciado era preciso a mobilização das próprias mulheres, pois os interesses destas não estariam sendo bem representados pelos parlamentares, que ainda as viam como pessoas jurídicas incapazes e também como indivíduos condenados à prisão domiciliar, ao se utilizarem do discurso no qual atribuía a estas a responsabilidade de zelar pelo bem estar da família através dos cuidados domésticos, dando ao masculino a missão de representá-las nos espaços públicos.

Mesmo esta agenda política tendo sido iniciada no ano de 1930, foi necessário algum tempo para que as feministas conseguissem a autorização de

apresentar e elaborar uma pauta consistente a ser apresentada ao parlamento em defesa da independência feminina na instituição matrimonial. Em consonância com a constante presença de Bertha Lutz no parlamento, onde a mesma pressionava as autoridades a elaborarem uma comissão especial para regulamentar os artigos a serem postos na nova constituição elaborada no ano ao longo do ano de 1933–referentes à condição das mulheres na sociedade, e após a abertura de uma série de conferências que tinham o principal objetivo de reunir grupos de mulheres intencionando discutir os pontos a serem postos no projeto a ser elaborado – Bertha, no ano de 1937, propôs uma reforma considerada ambiciosa no status civil feminino das mulheres casadas, o qual continha 150 artigos detalhando em quais aspectos era necessário haver mudanças na posição social a ser assumida por estas.

Incluindo neste, mulheres casadas, desquitadas e viúvas com filhos, esta proposta intencionou abarcar a todos os segmentos femininos relacionados à condição de donas de casas e casadas. Buscando romper a grande estrutura de dominação do masculino sob a sua prole, este artigo abordou diversas questões como, por exemplo, as mulheres terem total liberdade de trabalhar fora de casa, sem necessitar do consentimento de seu marido, administrar seus bens, em caso de recebimento de herança, a possibilidade de obter a guarda definitiva de seus filhos caso houvesse um desquite matrimonial, entre outras questões de ordem legal.

Mesmo após anos de trabalho, o empenho de Bertha Lutz e de suas companheiras de causa acabou não obtendo o retorno esperado já que, no mesmo ano no qual ela propôs o projeto citado, o congresso foi dissolvido pelo então presidente Getúlio Vargas sendo reaberto somente no ano de 1945.

Embora se acredite que o artigo proposto por Bertha não tenha vigorado em razão da dissolução do parlamento, Teresa Marques e Hildete Pereira, ao discutirem esse tema, apontam que, mesmo com as relações estabelecidas entre Bertha Lutz e os membros do congresso e o aparente apoio do presidente Vargas, não seria possível a aprovação daquele estatuto, pois o mesmo era complexo e, em alguns pontos controversos, sem contar o fato de que ia de encontro aos interesses parlamentares, o qual era em sua maioria composto por homens defensores das medidas políticas tradicionalistas.

Deve-se reconhecer o desempenho desta organização em assistir aos direitos civis daquelas mulheres que, mesmo estando em uma relação matrimonial, deveriam gozar de alguma liberdade constitucional. Talvez houvesse algum interesse por trás

desta ferrenha defesa, visto que, em meio à elite carioca na década de 1930, havia mulheres casadas que compactuavam com os ideais feministas discutidos entre o seu círculo social e muitas destas eram herdeiras dos bens de família de renome. Por outro lado, estas não poderiam usufruir de seus recursos para ajudar a causa com a qual se identificavam, pois era dado aos seus cônjuges o direito de administrar suas heranças, então, era necessário priorizar a luta pela obtenção do total sufrágio destas, pelo fato deste poder trazer mais benefícios para a federação feminista se comparado à causa das mulheres trabalhadoras de classe mais humilde.

Devemos salientar que a luta das sufragistas brasileiras pela reforma dos direitos civis feminino não foi composta somente por derrotas já que, no ano de 1932, quando o Brasil ganhou um novo código eleitoral no qual se estabeleceu o voto secreto e o voto feminino, graças a uma boa organização da campanha feminista brasileira, a qual, embora não tenha comportado todas as massas, fez do Brasil um dos primeiros países da América latina a concederem o direito ao voto à parcela feminina de sua sociedade (SOIHET, 2012).

Por outro lado, seria importante também questionar até que ponto a obtenção do voto feminino deveria ser visto realmente como uma vitória tendo em vista que, embora pudessem votar, as poucas mulheres capazes de exercer esta atividade teriam de eleger os homens, ou seja, elas estariam somente dando o seu consentimento para ser governada por um grupo composto unicamente por autoridades masculinas já que não era lhes dado o direito de se candidatar a nenhum cargo político, detalhe capaz de nos mostrar que a barreira solidificada pelo pensamento machista da época ainda mostrava sua força.

Todavia, ao analisarmos a trajetória das manifestações feministas na década de 1930, percebemos o quanto o “medo social” difundido pelos discursos da *Fon Fon*, e por outros meios, tinham seus motivos, pois vemos que, mesmo apesar de toda uma representatividade discursiva capaz de deturpar a imagem de mulheres que reivindicavam uma maior liberdade através da obtenção de seus direitos civis, estas persistiram com seus ideais e obtiveram algumas vitórias em seu percurso. Contudo, o empenho em desmotivar qualquer ação contrária àquela tida como de “respeito” não deixou de fazer sua presença nos enunciados deste periódico e, para isso, o advento da modernização, até então enaltecido e bem quisto, passou a fazer às vezes de vilão neste contexto ao ser apontado como a causa principal da desvirtuação das mulheres de família.

3.2 “E eis que Eva se renova”: A modernidade como um risco para a “honra” feminina.

O mês de fevereiro chega. O ano de 1930 no Brasil terá enfim o seu carnaval. A festa antes considerada uma manifestação cultural dos residentes das áreas periféricas do país, a exemplo de negros, mulatos e brancos de baixa renda, naquele ano não era mais vista como um espetáculo característico dos “sem classe”. Tendo em vista o burburinho informando que os membros da elite carioca se reuniram no clube dos bandeirantes para o seu anual baile de máscaras e fantasias carnavalescas, vemos que os estereótipos negativos, os quais envolviam a natureza deste festejo, fora, de certa maneira, deixados de lado por “motivos nobres”.

A edição da *Fon Fon* do referido mês não deixou de lembrar aos seus estimados leitores sobre a data festiva, através da publicação de poemas, contos e afins, os quais tinham no tema do carnaval seu principal enredo. Nesta mesma revista, Max Linder, redator da seção Alto Fallante, para não perder sua prática, nos conta uma anedota, segundo ele, ocorrida em um transporte público, sobre a empolgação de um grupo de moças, as quais diziam não ver a hora de participar de tais festejos. Vejamos parte desta narrativa.

As figurinhas carnavalescas da cidade já se agitam na sua ânsia de render a Momo, que ahi vem, o tributo da galhofa e da folia... Nos bonde, nos ônibus, na avenida, em toda parte onde se reúna meia dúzia de “periquitos” femininos a gralhada é sempre a mesma: carnaval, phantasias, clubs, cordões, canções do dia.

- Vocês precisam ver toda a minha dificuldade em arranjar o companheiro. Estes homens de hoje estão tão idiotas... são mais metidos a pudicos do que as mulheres. Parecem as donzellas românticas de outrora...

- Mas, como? Que há? Conta, falla Ninitasinha, dize o teu segredo a tuas amiguinhas! Juramos absoluta descrição. Os homens então, estão virando meninas de collegio de freiras?

- Sim. Parece. Pelo menos três a quem fallei para servirem de Adão...

- De Adão?!...

- Sim, de Adão, porque eu quero phantasiar-me de Eva, tal qual no paraíso.

- Só com a folha de parra?... Esplendido! Magnífico! E Adão que folha levava?

- Folha? Para que?

-Para, para... ora tu bem me comprehendes!

- Ah, sim! Ele levava uma tanga enfeitada de maçãs...

- Uma tanga?

- Sim. Pois bem, apesar disso ainda não encontrei um Adão!

- Realmente! E para outro, o do paraíso, bastou a maçã que Eva lhe deu...

- Para vocês verem como “elles” estão imbecis, cada vez mais idiotas! Eu os tento agora com uma tanga cheia de maçãs, e acham que não é descente! (Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº6, 8 de Fevereiro de 1930, seção *Auto Fallante*, pag.34)

Ao analisarmos este diálogo em que as duas amigas conversam e uma delas desabafa sobre a frustração de não poder se divertir na festa de carnaval do modo como planejara, podemos apontar uma série de elementos que induzem à intenção discursiva do autor desta matéria em apontar tanto os festejos carnavalescos quanto as atitudes femininas diante do mesmo como atos “indecentes”.

De início, quando uma das moças, carinhosamente apelidada de Ninitasinha, reclama de os homens daquela época estarem parecendo *as donzellas românticas de outrora*, em razão de suas atitudes “pudicas e metidas”, notamos o interesse de Max Linder em mostrar não só o fato de as mulheres românticas recatadas e cheias de pudores não serem mais indivíduos comuns àquela época, já que foram classificadas como “donzelas de outrora”, como também evidenciar o momento no qual as atitudes femininas em relação ao sexo oposto estaria tão avançadas ao ponto de os homens se verem impelidos a assumir uma conduta de recato, antes adotada pelas mulheres.

Ainda nesta narrativa, também nos chama a atenção a fantasia escolhida por Ninitasinha, pois quando esta expressa o seu desejo de ir ao baile vestida somente com uma com folha de parreira, semelhante à Eva no paraíso, a analogia à figura desta com aquela capaz de tentar e desencaminhar os homens usando os mais variados artifícios de sedução, mais uma vez se faz presente objetivando assimilar as novas atitudes assumidas pelas mulheres da modernidade, às mesmas tomadas por Eva, que levou a humanidade ao descaminho quando fez Adão sucumbir a tentação.

Parece-nos que, dessa vez, a humanidade estará salva de cair em perdição já que, mesmo tentando alguns homens com uma tanga cheia de maçãs, a foliona em questão não conseguiu nenhum voluntário para ser o seu par no baile de carnaval e, ao se lamentar sobre isso, nos intriga a afirmação “*E para outro, o do paraíso, bastou a maçã que Eva lhe deu...*”, pois inferimos que a tanga de maçãs seria uma analogia às diversas tentações oferecidas pelas “Evas modernas” aos homens, e o fato destes não aceitarem se deleitar, assim como Adão, a quem foi oferecido um único fruto, causa grande estranheza, tanto que, ao final, são taxados de “imbecis” e idiotas” por não se renderem às benesses trazidas pelo “fruto proibido”.

Analogias semelhantes a esta por nós analisada, na qual a modernidade é comparada ao ambiente de tentações trazidas por Eva ao jardim do éden, segundo Sueann Caulfield (2000), se fizeram presentes no imaginário social brasileiro no período entre guerras, no qual se evidenciou uma “rebeldia” por parte das mulheres

que compunham as classes econômicas médias e altas, que passaram a não mais aceitar os discursos nos quais era dito que estas deveriam se manter longe dos espaços públicos frequentados pelos homens.

Para esta autora, embora estas mulheres parecessem contraditórias em suas ações, ao afirmarem sua reivindicação a uma maior liberdade no ir e vir, ao mesmo tempo em que dizia não buscar o direito de imitar os homens em suas atitudes “licenciosas”, estas conseguiram romper com uma “harmonia” aparente ao passarem a usufruir da energia cosmopolita oferecida pela cidade do Rio de Janeiro, frequentando as praias, cinemas e, para horror dos mais conservadores, os clubes de danças, onde era comum ver grupos femininos trajando roupas arrojadas e cultivando o hábito de beber e fumar.

As músicas compostas nas rodas de samba que ocorriam nos arcos do bairro da Lapa- frequentadas, em sua maioria, pelos trabalhadores braçais e pelas mulheres pobres que buscavam seu lazer ao final do dia ao se “esbaldar” cadenciadas por este ritmo- passaram a ser incorporadas ao “refinado” repertório musical da alta classe carioca nas noites dançantes organizadas nos clubes e escolas de dança, dos quais estes eram sócios, com a ressalva de que era preciso desvincular a imagem destas composições a sua origem periférica, tendo em vista que o samba nasceu em um meio de “má reputação”.

Junto ao samba, esses clubes aderiram ao som do jazz, tango e maxixe, os quais atraíam a este local homens e mulheres desejosos de aprender a balançar seus corpos em harmonia com o do seu parceiro, conforme o ritmo solicitado pela dança, ou para mostrar aos visitantes do rescinto a sua destreza em dominar a arte de bailar.

Com isto, passou a ser impossível não ouvir os lamentos presentes nos discursos tradicionais a respeito de como a modernização da cidade do Rio trouxe “sequelas”, até certo ponto, irreversíveis, pois aquilo que a modernidade apresentou como benefício para os indivíduos foi capaz de ludibriar as mulheres a tal ponto que as afastou de sua vocação doméstica no instante em que as mesmas abandonaram os seus deveres do lar em detrimento de um lazer de reputação duvidosa (CAULFIELD, 2000).

Neste momento, estes mesmos discursos também culpavam os meios de comunicação dos tempos modernos, os apontando como uma das principais ferramentas propiciadoras da “indisciplina” do feminino naquele contexto. Grupos tradicionais ligados à igreja católica associavam o cinema, os clubes e os periódicos

ilustrados à serpente que induziu Eva a fazer Adão cair em tentação e ser expulso do paraíso, isso porque, estes meios, ao mostrarem o modo de vida europeu e norte americano – através dos filmes *hollywoodianos* nos quais o final feliz era sinalizado com um beijo entre os protagonistas ou a moda europeia de saias à altura do joelho e cortes de cabelo cada vez mais curtos, apontando-os como referência para a realidade do Brasil – incitavam as mulheres brasileiras a seguirem um novo estilo de vida que não condizia com os “princípios morais” daquele país.

Em se tratando dos periódicos, estando a *Fon Fon* inserida em meio ao grupo das revistas ilustradas taxadas, pelos conservadores, como veículos “desencaminhadores” de mulheres, defendemos que, em meio a tal discussão, não só esta revista, mas todas as outras que circulavam no Brasil neste mesmo período, não deveriam ser representadas enquanto ferramentas indutoras da desmoralização feminina, mas sim, como um reflexo do pensamento da sociedade carioca dos anos de 1930.

Dizemos isto pelo fato de que, quando se analisa a modernidade enquanto um fenômeno de transformação das relações estabelecidas em um meio social, apreendemos que, em se tratando do Brasil e da sua capital, Rio de Janeiro, este fenômeno adquiriu uma natureza ambígua quando relacionado à discussão sobre as relações de gênero, pois apreendemos que, quando se referia ao aspecto econômico, familiar e aos cuidados com saúde mental e corporal, a modernidade sempre foi ligada ao progresso social, no entanto, quando este viés era focado nos modos de vivência femininos, esta nova percepção ligada ao avanço e à prosperidade passava a ser considerada uma ameaça moral para as famílias e um risco aos bons costumes, ou seja, *quando atribuída ao homem, a modernidade era geralmente entendida em se sentido positivo, quando atribuída à mulher, implicava moral licenciosa e estilo de vida desregrado* (CAULFIELD, 2000, pag.186).

Tendo como base este pensamento, ao analisarmos algumas publicações da *Fon Fon*, detectamos a presença de alguns discursos que contribuem para a elucidação da ideia da modernidade ser representada como um marco que acarretou algumas “desagradáveis” mudanças na vivência dos indivíduos, a exemplo da matéria publicada na seção Alto Fallante, da qual retiramos que seguem abaixo.

- Meu filho isso não é, não póde ser verdade! ... No meu tempo não havia disso não, homem era homem, mulher era mulher e todos viviam satisfeitos, plenamente satisfeitos com o sexo que Deus lhes dera.

- Mas, avosinha, compreende, do teu tempo pra cá as coisas mudaram muito; as emoções do teu século eram outras que não as de hoje...
- Uma humanidade maluca...
- Nem tanto avó, tudo isso, que tanto te causa pasmo, é uma consequência lógica natural da vida intensa e febril, trepidante e vertiginosa de hoje... O excesso de sensibilidade que resulta de uma vida assim tão agitada, naturalmente determina perturbações, produz um certo desequilíbrio psíquico... (Revista Fon Fon, Ano XXIV, nº18, 5 de Maio de 1930, seção Auto Fallante, pag.36).

No suposto diálogo projetado entre o colunista desta seção e sua “avó”, em que se fala sobre como os impactos de alguns fatos dos “tempos modernos” despertam uma grande estranheza na geração anterior a este, vemos uma série de elementos capazes de emitir a ideia de que a modernidade seria o fator responsável por uma possível “desordem” no comportamento social dos indivíduos da sociedade brasileira, especialmente no que se refere à relação entre os sexos.

Quando a senhora nos diz que no seu tempo *homem era homem, mulher era mulher e todos viviam satisfeitos, plenamente satisfeitos com o sexo que Deus lhes dera* esta, além de fazer jus ao pensamento antigo de que uma geração sempre se surpreenderá com os modos de vivência da subsequente, também nos mostra seu descontentamento em relação a como homens e mulheres estavam se comportando na época, nos dando a entender o quanto tais atitudes são um sinal de que ambos os sexos não estariam vivendo conforme as “exigências” do seu gênero. Baseando-nos, nos discursos deste período, os quais enfatizavam o quanto as mulheres modernas estariam, a partir de suas atitudes, querendo usurpar o lugar dos homens, inferimos que na afirmação da avó em questão, a qual, sendo uma criação de Max Linder, projeta o interesse discursivo do mesmo, esta estaria reprovando mais especificamente a conduta das mulheres.

A explicação dada por seu neto sobre as transformações comportamentais evidenciadas também chama a atenção, em especial, quando o mesmo afirma que o *excesso de sensibilidade que resulta de uma vida assim tão agitada, naturalmente determina perturbações, produz um certo desequilíbrio psíquico* pois, a partir desta afirmação, intuímos o quão, para este, as mudanças trazidas pelas inovações modernas não surtiram efeitos somente no espaço da cidade do Rio de Janeiro como também sobre a mentalidade dos transeuntes deste espaço – através das modificações nos modos de viver, trabalhar, se divertir – e o fato destas terem se dado de maneira tão abrupta, fez com que estes perdessem a estima ao código de conduta social por estarem ludibriados pelo feiticeiro brilho dos novos tempos.

A partir disto, notamos as maneiras pelas quais a *Fon Fon* incorporou em seus discursos as concepções que circulavam sobre o moderno no Brasil dos anos de 1930, tomando posse deste, ao mesmo tempo em que também se utilizava de seu próprio aparato discursivo para difundir este pensamento entre seus leitores.

Em meio a estas emissões discursivas, nos chama a atenção o fato deste periódico que, como vimos, teve seu nascimento motivado pelo processo de modernização de seu espaço de circulação e pela necessidade de se falar sobre este tema, se apossar de um discurso de natureza tão ambígua, já que ao mesmo tempo em que Max Linder publicava em sua seção de opinião relatos semelhantes a este, onde a modernidade era tida como o fator causa de uma série de contraversões, vinda daqueles- em especial daquelas- que incorporaram os novos costumes propagados por este modo de vida, esta também, através de seus anúncios publicitários, acabava por incentivar as atitudes por ela mesma recriminada.

Citamos isto pelo fato de, ao analisarmos as publicações desta revista, notamos em seus enunciados publicitários a intenção de induzir os seus leitores a assumirem uma postura que combinasse com as inovações modernas da época, sendo necessário, para isto, que assistissem aos filmes anunciados na mesma publicação, adquirissem e utilizassem uma variedade de produtos que iam desde cosméticos até medicamentos, os rotulando como essencial para àqueles que desejassem não fazer feio durante sua exibição social, ao ser taxado como “fora de moda” ou descuidado. Embora as ações publicitárias do periódico, supostamente, tivessem como seu único intuito vender determinado produto, compreendemos que, ao serem proferidos, estes enunciados também moldavam a sensibilidade de alguns leitores e, desta forma, os incentivava a adotar aquele novo estilo de vida que acabava por se fazer presente não só na aparência como em suas mentalidades.

Sabemos que tal ação possivelmente teria pouco a ver com a ideologia dos editores da *Fon Fon*, pois obedecendo á lógica do mercado consumidor capitalista, que também é vista como uma das consequências da modernidade, esta revista via-se impelida a adotar um discurso ambíguo em nome dos interesses comerciais e financeiros, tendo em vista que através destas publicidades a *Fon Fon* obtinha o seu lucro semanal, conseguindo manter-se ativa durante vários anos, elemento que demonstra outra ambiguidade, pelo fato de o periódico manter-se por meio dos recursos oferecidos pela modernidade, a mesma por ela criticada.

Mas, como dito, grande parte destas críticas eram suscitadas quando esta discussão englobava a ótica das relações de gênero, pois os “males” trazidos pelo moderno cada dia se fazia mais presente quando se voltava o olhar ao universo feminino brasileiro. Sendo impossível fazer estas mulheres retornarem à alcova domiciliar, da qual, segundo alguns, estas jamais deveriam ter se retirado, era importante se instituir uma barreira delimitando um modo de vida moderno saudável e mostrando quando este beirava os limites da devassidão.

Para Raquel de Barros e Carmem Rial (2012) foi este o momento no qual as “moças de família” passaram a ser instruídas, não só pelas revistas, mas também por uma série de dispositivos disciplinadores, a exemplo da família e das instituições religiosas, a se divertirem levando consigo a preocupação de fazer uma “boa figura” nos ambientes públicos. Caso fossem ao cinema, uma mulher de respeito não poderia optar pelos títulos que trouxessem violências ou imoralidades em seu enredo, passando a ser mais recomendado que estas vissem filmes mais calmos, em que boas mocinhas eram, em razão de suas boas ações, recompensadas com um final feliz composto por um bom marido e pela promessa de uma família prospera.

Não era de bom tom frequentar as sessões mistas pelo fato de que o ambiente escuro dos cinemas poderia funcionar como um aliciador de possíveis indecências, sendo a melhor alternativa para este “problema” optar pelos estabelecimentos que tivessem o cuidado de reservar sessões especialmente para mulheres. Ao sair deste, o recomendado era voltar diretamente para casa, mas, caso os responsáveis permitissem, um lanche com as amigas também seria uma boa pedida para encerrar o passeio do dia, desde que o mesmo seja feito com responsabilidade e sem a intenção de trair a confiança daqueles que autorizaram a sua saída.

Vemos que, para usufruir deste tipo de diversão era necessário às mulheres em questão dispor de algum recurso financeiro, tendo em vista o fato de os ingressos para a entrada do cinema muitas vezes não serem acessíveis àquelas que levavam um estilo de vida humilde. Portanto, estas últimas em nome do desejo de um bom tempo em suas horas de folga, e também por não terem tantos discursos a elas dirigidos com o intuito de engessarem o seu comportamento, optavam pelas diversões grátis, a exemplo das festas de rua e das rodas de samba.

Todavia, os setores mais conservadores da sociedade viam a ação destas mulheres como um “problema de lazer”, já que estas ao gastarem seu tempo ocioso com este tipo de entretenimento, poderiam influenciar as “moças de família” a

declinarem de seus passatempos saudáveis por se verem tentadas por um tipo de diversão licencioso e de reputação duvidosa.

No início dos anos de 1930, o discurso que enfatizava a necessidade de todos empregarem suas horas livres na prática de exercícios físicos em ambientes específicos, como parques e praias, objetivando com tal ação adquirir um corpo e higiene de referência, ganharam amplitude e, com isto, conseguiu desviar a atenção de algumas mulheres dos programas públicos que trouxessem algum risco a sua conduta. Nota-se que, em meio à composição destes discursos, em nenhum momento houve uma genuína preocupação com o bem estar ou com a natureza do lazer das mulheres das classes mais baixas, somente quando esta teve o poder de ameaçar uma aparente ordem estabelecida para o feminino que compunha a classe dominante é que foi visto como essencial regularizar as formas de diversão que as mais humildes usufruíam.

Embora o plano para preservar a moral feminina no Brasil, aparentemente, seguisse rendendo bom resultado, ao nos voltarmos para a análise de algumas publicações da *Fon Fon* notamos a persistência de um temor gerado pela possibilidade de que a “desfeminização” da mulher brasileira tivesse amplo avanço em decorrência das mudanças evidenciadas tanto no espaço público, do qual esta passou a ser parte integrante, quanto na conduta assumida por esta em meio a este espaço, vejamos.

A desfeminização a mulher, que Nietzsche tanto verberou como uma obra de mutilação de sua “natureza” de gatinha amorosa feita para o carinho, para a doçura e também para as “unhadas” um tanto perigosas de suas garras, é um facto contra o qual já não há que duvidar.

A mulher não só se desfeminiza – mais do que isso- dessexualiza-se. A feminilidade faz a essência do seu ser, o seu perfume, o seu encanto, e manifesta-se nas expressões mais complexas de sua alma bizarra, inquieta, volúvel e volitante de mariposa.

Ella achou que não seria grande coisa desfeminizar-se, emancipando-se dos instintos mais essencialmente característicos de sua natureza, e do o seu pudor... (Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº15, 12 de Abril de 1930, seção *Auto Fallante*, pag.52).

Embasando seu ponto de vista no pensamento filosófico de Nietzsche, mais uma vez Max Linder vem à tona com o objetivo de criticar o comportamento assumido pelas mulheres no ano de 1930. Ao constatar o fato de que, segundo ele, a “mulher deixou de ser mulher” por ter se emancipado de sua “natureza primária”, nos leva a intuir que este, mais uma vez, faz referencia ao pensamento que propaga o

quanto o desejo e luta das mulheres em conquistarem uma maior participação no espaço público brasileiro resultou em sua dessexualização, pois, para o autor, verdadeiras mulheres, aquelas que portassem a genuína essência feminina, jamais cometeriam atos como os evidenciados naquela época.

Em meio a este desabafo nos chama a atenção, em especial, quando afirma que *A feminilidade faz a essência do seu ser, o seu perfume, o seu encanto, e manifesta-se nas expressões mais complexas de sua alma bizarra, inquieta, volúvel e volitante de mariposa* em razão de inferiorizar o feminino ao representar sua natureza como bizarra, volúvel, entre outros, fazendo-nos compreender que só cultivando a tão salientada “essência” seria possível torná-la ainda atraente apesar de seus defeitos de personalidade.

Ao propagar esta representação a respeito do caráter das mulheres, percebemos haver, em Max Linder, um agente emissor de um discurso recorrente neste período que, como apontado, afirmava ser a mulher um indivíduo deficiente de racionalidade e mais emotiva e inconstante se comparada ao masculino, desta maneira vemos se delinear um jogo discursivo onde seria importante mostrar que, com a modernidade, as brasileiras teriam assumido uma conduta duvidosa por ser volúvel e não analisar muito bem as consequências de suas atitudes diante daquele contexto.

Enquanto uns acreditavam na importância de se empenhar para defender a moral das mulheres, evitando das mais variadas maneiras que estas se dessem a certos tipos de liberdade, em razão destas mesmas não terem racionalidade o suficiente para fazê-lo, alguns juristas, a exemplo de Nelson Hungria e Roberto Lira, seguiam por outro viés nesta discussão. Para estes, as incorporações do moderno na sociedade brasileira converteu as mulheres em indivíduos agitados, petulantes e desrespeitosos sendo, desta maneira, vista como uma medida pública necessária reformular o código penal do ano de 1890 que abordava os crimes de honra.

Sustentando o argumento de que as mulheres das décadas de 1920 e 1930 tinham optado por assumir uma conduta social diferenciada, se comparadas àquelas da geração anterior, os mais conservadores defendiam que tais atitudes teriam feito as mulheres mudarem suas concepções sobre temas como a virgindade. Desta forma, os juristas viam como uma ação necessária revisar tais códigos objetivando reinterpretar conceitos de honestidade e honra de maneira que este viesse a incluir a “mulher moderna”.

Ao lamentarem a queda dos valores, os quais sustentavam as bases da família brasileira tradicional, através da falta da virtude e sensatez feminina na época, este grupo tinha como principal alvo de críticas as mulheres pertencentes à classe baixa, tudo isso porque, em virtude destas terem passado a integrar o grupo de trabalhadoras assalariadas, houve uma liberalização no código de conduta seguido por estas no momento em que podiam gozar do livre acesso aos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. Esta atitude foi considerada como o precedente de uma futura desordem social, pois o desejo em se converter em uma livre trabalhadora poderia chegar aos setores mais altos da sociedade.

Assim, foi considerada como uma medida de emergência reformular os parâmetros que classificavam as queixas prestadas por mulheres alegando terem sofrido algum crime de honra, a exemplo de defloramentos ou estupros. Intentando com esta medida não só desmotivar a prática de uma vida sexual “pregressa” como também a tentativa de mulheres em forjarem um crime, objetivando com isto, obrigarem seus namorados a com elas se casarem.

O pressuposto para a concretização do plano era sempre o mesmo, com o advento da modernidade as mulheres haviam assumido uma independência sem antes serem orientadas sobre as consequências que tal ato traria à sociedade. Sem levar consigo a ideia convicta a respeito da importância de se assumir um comportamento de “mulher digna”, elas não estariam aptas a resistir a possíveis tentações e, desta forma, não poderiam se queixar de terem perdido sua honra, já que, segundo estes juristas, as mesmas não teriam empregado esforços suficientes para lutar por ela.

Retomando Sueann Caulfield, esta nos aponta uma série de casos de processos por defloramento, nos quais alguns juízes absorveram os réus pelo fato de acreditarem na inocência dos mesmos no momento em que estes alegavam que o envolvimento sexual estabelecido entre eles e a denunciante teria se dado em comum acordo. Segundo a autora, havia a crença geral de que aquela geração havia propiciado a criação de um tipo feminino denominado como “vírgens impuras” o qual tinha a principal característica o serem vírgens, no sentido biológico do termo, mas, contudo, terem se despojado de sua virgindade moral no instante em que se achavam no direito de assumir as mesmas funções sociais designadas ao masculino.

Notamos em meio a estas informações, a formação de um discurso de natureza tradicional, no qual se acreditava que uma mulher virgem só seria considerada como tal se fosse inocente, pura e determinada a seguir os “dogmas

morais” instituídos socialmente, pois, do contrário, estas mereciam sofrer a vergonha e a dor de terem perdido sua “virtude” pela qual as mesmas não prezaram. Vemos, a partir disto, a formulação de uma medida que tinha como principal intuito castigar estas mulheres por terem se “rebelado” ao não se conformarem em atuar somente como donzelas recatadas, cuja única função seria cuidar do lar e da família, indo, além disto, ao exigirem para si uma nova posição social, da qual se achavam merecedoras por direito.

Caso estas, ao denunciarem algum tipo de atentado ao seu corpo, a exemplo de um estupro por parte de seu patrão ou trabalhador da mesma empresa ou casa na qual prestava seus serviços, sempre lhe seria perguntado sobre a sua conduta, que na maioria das vezes seria apontada como o principal indício pelo qual tal ocorrência havia se dado, ou seja, pelo fato destas trabalharem junto aos homens, as mesmas seriam culpadas se por ventura fossem molestadas por estes, em razão de se acreditar que o fato de uma mulher estar atuando em um espaço público objetivando adquirir seu sustento, daria a entender não ser uma “dama de respeito” e desta forma poderia ser tratada assim como era feito com as prostitutas naquele período, não sendo amparada pela lei se a ela recorresse, pois nem esta lhe daria a assistência necessária.

Devemos notar que tais ocorrências, em grande parte, se davam entre a classe feminina pertencente ao proletariado, aquelas que acordavam cedo e logo rumavam para as ruas para conseguir um meio de subsistência, sejam nas casas de família, oficinas de costuras ou na indústria. Seria difícil ver um caso no qual uma mulher da alta sociedade teria passado por situações semelhantes a estas por nós citadas, pois estavam mais bem amparadas tanto no quesito financeiro quanto discursivo, já que, ao tempo em que as mulheres menos abastadas tinham de empregar seus esforços em conquistar seus pagamentos, objetivando com estes complementarem as suas finanças domésticas e se livrarem dos possíveis assédios que viriam a sofrer, as da classes mais privilegiadas poderiam se dar ao luxo de acomodarem-se em suas casas e lerem o mais novo exemplar do semanário *Fon Fon*, e lerem em colunas, a exemplo da *Auto Fallante*, um “sincero” conselho por parte de Max Linder, sobre como estas deveriam se portar socialmente a usufruírem daquilo que a modernidade teria de melhor a oferecer, sem serem taxadas como “Filhas de Eva” assim como aconteceu a Ninitasinha, a foliona citada no início desta conversa.

Após analisarmos os discursos “fonfonados” por este periódico, tanto a respeito das organizações feministas que se faziam cada vez mais presentes no ano

de 1930 quanto sobre as mulheres que, independente de sua classe socioeconômica, aos poucos passavam a questionar os motivos de se enfatizar, através das mais variadas formulações discursivas, a necessidade destas se manterem reclusas em seu habitat doméstico, inferimos que o Brasil da década de 1930 não estava preparado para os avanços que a modernidade traria para o universo das relações de gênero.

Por não saber ao certo o que a formulação deste novo pensamento a respeito do dinamismo feminino na sociedade brasileira acarretaria para as bases tradicionalistas consolidadas, era visto como uma medida essencial combater o inimigo comum usando os mais variados artifícios, a exemplo da *Fon Fon*, do Max Linder, e do citado Yves, pois seria um descuido imperdoável permitir o renascimento de Eva e, com isto, perderem a chance de finalmente desfrutar daquilo que a modernidade lhes oferecia, o que poderia ser facilmente considerado como o novo paraíso.

Considerações Finais

Mulheres... Há lá quem as compreenda meu amigo?! São todas desconcertantes e ferozmente decepcionantes... (Revista *Fon Fon*, Ano XXIV, nº23, 7 de Junho de 1930, seção *Auto Fallante*, pag.50)

Em um primeiro contato com a revista *Fon Fon*, o enunciado acima surtiu um grande impacto sobre o nosso olhar de pesquisadora. Naquele momento, percebemos um objeto de pesquisa sendo formulado diante de nossos olhos, e por mais que este tenha sido modificado ao longo do caminho, após um enriquecedor processo de leituras e orientações, o desejo de estudar a intencionalidade discursiva deste periódico ao emitir pensamentos a respeito do feminino, a exemplo deste por nós citado, sempre se fez presente como o principal objetivo.

De início, pareceu intrigante o fato de uma revista que tinha sua formatação voltada para atender a um público, em sua maioria composto por mulheres, vincular representações nas quais, estas mesmas eram taxadas como indivíduos *desconcertantes e decepcionantes*, sem que houvesse, com isto, uma retaliação por parte destas a tais declarações. Desta maneira, vimos a necessidade de estudar o contexto social no qual esta declaração havia sido proferida, objetivando compreender, com esta ação, a conjuntura discursiva por trás daquela afirmação, e o(s) por que(s) da mesma ser aceita e internalizada como uma “verdade” no espaço no qual foi proferida.

Neste processo, termos evidenciado que a declaração emitida pelo colunista Max Linder havia se dado em um momento no qual o país – diga-se a cidade do Rio de Janeiro – vivia o esplendor da modernização, tanto espacial, quanto da mentalidade daqueles os quais estavam inseridos neste ambiente, e passava conviver com ideais, a exemplo do progresso e da modernidade, pareceu contraditório ao ponto de nos vermos impelidos a seguir em frente com esta pesquisa para desvendar aquilo que para nós acabou se convertendo num grande questionamento.

Sabendo-se da importância de questionamentos desta natureza para a concretização de um objeto de pesquisa, seguimos esta ideia, tendo a esperança de que esta nos levaria a descobrir, mais uma vez, o tortuoso, e ao mesmo tempo enriquecedor, caminho da garimpagem histórica.

Ao analisarmos o papel social assumido pelas mulheres no Brasil do ano de 1930, e percebermos, por parte destas, a adoção de uma série de mudanças visuais e

comportamentais, dentre as quais se destacavam a vontade de estar inserida em meio a movimentação dos espaços públicos da cidade, o qual, durante muito tempo foi considerado como algo a ser usufruído pelos homens, a presença do feminino em ambientes antes considerados como predominantemente masculino, a exemplo das indústrias nas quais estas passavam também a trabalhar para adquirir seus salários, ou a identificação de outras pelos ideais defendidos pelo movimento feminista, percebemos que tais atitudes as fazia muito diferentes do perfil “tipicamente feminino” exibido nas páginas da *Fon Fon*.

Estudando algumas conjunturas que formularam o contexto social e político no Brasil do século XX, apreendemos as formas pelas quais a modernização da capital do Rio de Janeiro, em conjunto com a adoção dos ideais republicanos pautados no avanço econômico, político e moral, não só resultaram na remodelagem das estruturas urbanas daquele espaço, como também no comportamento assumido pelas mulheres, as quais causaram uma série de rupturas em uma aparente “ordem” instituída pelo modelo familiar patriarcal.

Estando o país vivendo em um momento no qual a adoção de um estilo de vida moderno passava a ser aceito em consonância ao pensamento patriarcal e autoritário, que via nas hierarquias e no modelo familiar tradicional a melhor forma de organização social, passou a fazer sentido para nós detectarmos nos veículos de comunicação impresso – neste caso a *Fon Fon* – a presença de um discurso dúbio, no qual, ao mesmo tempo em que a modernização era divulgada e exaltada, através das publicidades, e das inspirações no modelo de vida europeu, tido como o supressumo da civilização, esta, por outro lado, era considerada um mal quando esta perspectiva era direcionada para as discussões de gênero.

Nisto, percebemos a importância de utilizarmos este periódico como nossa principal fonte, para discutirmos um dos modelos de conduta ideal que passaram a ser pregado discursivamente para as mulheres, visando que as mesmas não fossem “desencaminhadas” pelas tentações modernas. Notando a predominância de um ideal, no qual se fazia importante haver uma clara divisão dos papéis sociais a ser assumido pelos gêneros na sociedade, tendo esta um caráter desigual quando ao masculino eram concedidos mais benefícios e ao feminino mais restrições, vemos que a *Fon Fon* teve uma atuação especial na difusão deste ao encarregar-se do papel de agente organizador deste discurso através da disseminação de “conselhos” os

quais tinham como sua principal intenção, moldar o comportamento social a ser seguido por estas mulheres naquela época.

Embora pregasse ser um editorial voltado para abarcar o interesse de seu público feminino, o periódico *Fon Fon* não cumpria o seu papel no momento em que reiterava discursivamente, em suas publicações, uma sociedade machista e misógina quando difundia a necessidade da mulher basear suas ações cotidianas em preceitos pensados por este “seleto” grupo.

Desse modo, compreendermos a relevância de aprimorar nosso olhar para análise dos discursos emitidos pelo periódico em questão, convertendo esta ação em metodologia para o nosso estudo, mostrou-se como um dos principais agentes motivadores desta pesquisa, pois a partir deste conhecimento, pudemos entender que a emissão de uma oração discursiva se converte em algo muito além de sua enunciação, quando este obedece a uma série de interesses. Exemplo claro disto, poderiam ser as personalidades mais citadas neste trabalho, o colunista da seção *saibam todos*, Yves, e seu colega que comandava a seção *Alto fallante*, Max Linder, os quais tiveram amplo destaque pelo fato de terem assumido de forma mais nítida a função de “conselheiros oficiais” de seu público leitor, ao atribuírem para si a posição do saber, implicando desta forma no exercício do poder.

Contudo, quão gratificante foi para nós também aprendermos que, embora o tecer desta malha discursiva, a qual objetivava enquadrar as mulheres brasileiras em um padrão de conduta estático, usando de argumentos ultrapassados como a inferiorização de seu gênero para desmotivar a aceitação de suas novas ações em um contexto que clamava por mudanças, as vezes não se converte em uma ação eficaz, e mostra sua falibilidade quando ouvimos na história relatos de mulheres que ao invés de ouvirem estes discursos, ouviam musicas a dançavam ao som delas, ou preferiam ouvir os sons da cidade na qual ela era agora figura constante, e simplesmente ignoravam as vozes as quais lhe diziam que viver plenamente, e lutar pelo direito de fazê-lo era algo errado e indigno.

Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (org). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1996.

CAULFIELD, Sueann, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade, e nação no Rio de Janeiro 1918-1940*. Campina, SP: Editora da UNICAMP, 2000.

COSTA, Jurandir Freire, *Ordem Médica e norma familiar – Rio de Janeiro: edições Graal*, 1979 (Biblioteca de filosofia e história das ciências; v nº5).

CURRAN, Mark; *História do Brasil em cordel*, 2ed, Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

D´ARAÚJO, Maria Celina. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, (pag. 17–34).

_____, *Mulher em Revista*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) *A Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora: Contexto, 2012 (pag.447–468).

FAUSTO, B. *A Revolução de 30*. 13. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FISHER, Rosa Maria Bueno, *Foucault e a análise de discurso na educação*. Cadernos de Pesquisa, nº114, Novembro de 2001, pag. 197–223.

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

_____. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____ *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GOIS JUNIOR, E. LOVISOLO, H. *Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX*. Revista Brasileira de Ciência e Esportes, v.25, pag.41–54, 2003.

HAHNER, June Edith, *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Tradução de Eliane Lisboa; apresentação Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

KRAZ, Leonel. *Um olhar sobre elas, as revistas*. In: BASSO, Eliane Fátima Corti *Mulheres em Revista: O jornalismo feminino no Brasil*. – Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2002.

KARAWEJCZYK, Mônica, *As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (1850-1932)*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

_____ *As suffragettes e a luta pelo voto feminino*. Revista História, imagem e narrativas, Nº17, outubro/2013 - ISSN 1808-9895 - <http://www.historiaimagem.com.br>

MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, madeimoselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na Revista Fon Fon (1907-1914)*, Universidade de Brasília (UNB), 2010.

MAIA, Cláudia de Jesus, *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral- Minas Gerais (1890-1948)*, Universidade de Brasília, 2007.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes & MELO, Hildete Pereira de. *Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962. Ou como são feitas as leis*. In: Estudos feministas/ Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. (pag. 463–487).

MIGUEL, Raquel de Barros & RIAL, Carmen. *Programa de Mulher* In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) *A Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora: Contexto, 2012.

NAHES, Semiramis. *Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937–1945)* – São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

NUNES, Clarice. *Dilemas da modernidade latino-americana: autoria feminina e discurso pedagógico*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.) *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos*. São Paulo, Editora: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Cláudia de, *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930* – Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

ORY, Pascal. *O Corpo Ordinário*. In: CORBIN, Alan, COURTINE, Jean Jacques e VIGARELLO Georges (org.) *História do Corpo: As mutações do olhar: O século XX*, Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____ *A era dos modelos rígidos* In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) *A Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora: Contexto, 2012 (pag.469–512).

RAGO, Margaret. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: Joana M.PEDRO e Miriam P. GROSSI (orgs), *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998.

_____ *Do cabaré ao lar*. Rio de Janeiro: Editora: Paz e Terra, 1985.

_____ *Os Prazeres da Noite*. Rio de Janeiro: Editora: Paz e Terra, 1999.

RAMOS, Maria Bernardes. *Perfectíveis corpos- Corpo e nação: territorialidades imponderáveis*. Proj. História. São Paulo, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Sempre Bela*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) *A Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora: Contexto, 2012 (pag. 105–125).

SCOTT, Ana Silvia. *O caleidoscópio dos arranjos familiares*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) *A Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora: Contexto, 2012, (pag.15–42).

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOHN, Anne-Marie, *O Corpo Sexuado*. In: CORBIN, Alan, COURTINE, Jean Jacques e VIGARELLO Georges (org.) *História do Corpo: As mutações do olhar: O século XX*, Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2011.

SOIHET, Rachel. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

_____ *A conquista do espaço público*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (org.) *A Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora: Contexto, 2012, (pag. 218–237).

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Fon-Fon! em Paris: passaporte para o mundo*. In: BASSO, Eliane Fátima Corti. *Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira /*. – Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

ZANON, Maria Cecília. *A sociedade carioca da belle époque nas páginas do Fon-Fon!*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, pag. 225–243, 2009